

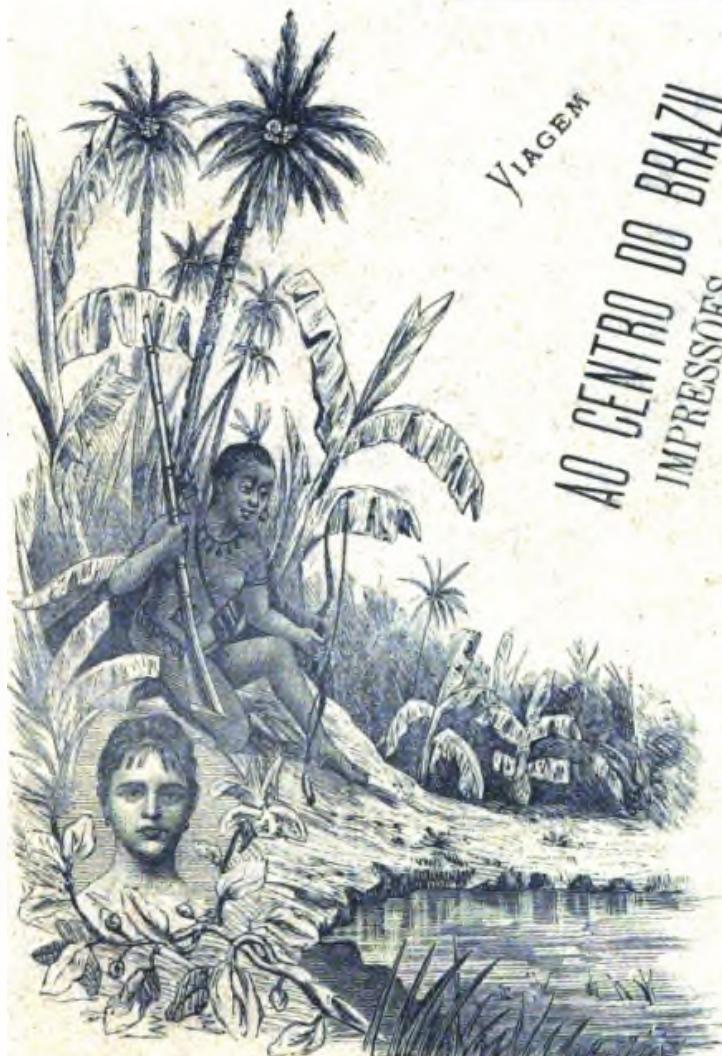
Digitized by
Google

OSCAR LEAL

VIAGEM

AO CENTRO DO BRAZIL

IMPRESSÕES



181
182
183
184
185
AO DISTINTO DEMOCRATA BRAZILEIRO

Dr. Lopes Trovão

O D e C

O seu mais humilde amigo e admirador

Oscar Leal



OSCAR LEAL

Oscar Leal é um nome já por demais conhecido em quasi todo o Brazil.

O amante do bello, o realista, o poeta das *Flores d'Abrial*, o auctor da *Filha do Miseravel*, é além de tudo um artista e como tal é que o leitor o deve apreciar.

Vivendo quasi sempre longe dos seus, tem unicamente por guia a sua intelligencia; além de tudo orna-se de caracter franco e possue um grande coração.

Agora que volta a Lisboa depois de ter percorrido e visitado Paris, Londres e Bruxellas nada mais facil lhe seria do que escrever as suas impressões de *touriste*, impressões através das grandes vias civilisadoras do velho mundo.

Mas elle não o quer, prefere a publicação d'estas importantes impressões, que não são as do prazer e do bello mas sim da lucta perante a natureza.

Se a África necessita de homens como Capello e Ivens, o centro do Brazil necessita tambem quem o estude e o torne conhecido.

Como bom pensador e pouco afeito ao idealismo, Oscar Leal nada deixa a desejar.

A sua vida embora moço, tem sido uma série de luctas e sofrimentos e sem nunca esmorecer vive por amor do bello, do magestoso e sublime.

Une o util ao agradavel e é tudo quanto se pôde desejar d'um mancebo modesto e intelligente. A viagem ao centro do Brazil, é o fiel testemunho da verdade.

A. LOPES CARQUEJA

AO LEITOR

As presentes Impressões de Viagem são um palido reflexo das minhas viagens no Brazil.

Não tencionava jámais dal-as á luz da publicidade, mas instado por varios amigos deliberei fazel-o, aproveitando a minha estada em Lisboa de volta de Paris.

Ides ver, caro leitor, o que de mais importante se me oferece relatar-te d'esta viagem despreocupada e ligeira, atravez do territorio brasileiro.

Perdoa-me talvez a monotonia descriptiva e crê

que se o fiz foi unicamente, para offertar aos meus amigos de toda a parte e não ainda uma vez por vaidade. A modestia foi sempre minha prudente companheira.

Não ha viajante que se não julgue com direito de apontar aos seus amigos e parentes os motivos de sua viagem. A mania de escrever impressões d'esta ordem creio que devo ser e é na verdade inspirada pela consciencia de nossa pobre obscuridade.

OSCAR LEAL.



MINAS

GOUAZ

S. PAULO

RIO DE JANEIRO

VIAGEM AO CENTRO DO BRAZIL

O SEGREDO DO SUICIDA

Depois de pequenas escursões pelo interior de varias províncias do sul, a idéa de viajar no Brazil cada vez mais se alimentava na minha mente.

Outro mandaria ao diabo tal gosto; mas o meu temperamento, o meu carácter, a minha vocação finalmente, me encaminhavam para a contemplação e estudo de todas essas grandezas com que se orná a natureza sublime que devemos conhecer e admirar.

Foi por isso que aos dezoito annos de idade abraçando de uma vez os estudos de cirurgia dentaria resolvi em seguida fazer uso da profissão para poder percorrer esse querido e rico Brazil. D'essa data até agora que são decorridos seis

gos annos, quantas esperanças malogradas, quantas horas alegres, quantos dias de martyrio e quantos de prazer tem-me feito cahir em profunda e elevada reflexão.

Feliz porém d'aquelle que como nós, trabalha mas goza, sofre mas ama, padece mas vive ! Tudo o mais é um completo engano como são todas as cousas mundanas.

A 20 de Março de 1884 chegava eu ao Rio de Janeiro, apoz uma d'essas escursões. Às 7 horas da tarde saltava na estação de Pedro II em frente do parque da Acclamação e tomando um carro de praça dirigi-me para a residencia de minha familia em Botafogo.

Uma vez ali, mudei apenas de trajos e como não encontrasse a familia em casa, tomando um bond voltei à rua do Ouvidor.

Eram nove horas da noite.

Entrei n'um café, pedi um sorvete. Fazia um calor horrivel, e o pequeno salão estava coberto de freguezes. Os empregados não tinham mãos a medir, andavam n'un corropio, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, n'un verdadeiro reboligo . . .

Aproveitei logo um lugar que se acabava de desocupar.

N'un dos angulos do estabelecimento uma rapariga italiana-acompanhada da guitarra e violino do companheiro soltava triunfante entre aplausos a sua voz meiga e argentina.

Ao meu lado estava um sujeito trajando de preto trazendo na cabeça um chapéu de abas largas.

Era baixo, de olhos grandes e obliquos como os dos chins, o nariz um pouco arribitado e os cabellos creseidos circulando-lhe o rosto oval.

Encarando-o por momentos julguei comprehender alguma causa da tristeza que tão sensivelmente o abatia.

Estava separado de mim pela meza de inarmore. Offereci-lhe um cigarro que logo aceitou mirando-me palatinamente. Depois de lançar lume ao mesmo, debruçou-se interrogando-me com delicadeza.

—O sr. reside na corte?

—Sim senhor, respondi. Tenho aqui a minha familia, porém, viajo constantemente pelo interior das provincias.

A minha protissão assim o exige, e para exercel-a com melhores resultados é preciso estar-se hoje aqui depois acolá. Demais as praças de somenos importancia trazem sempre a pouca demora. Extraeho dentes a quem os tem, e colloco-os em quem os não tem.

—Bonita arte, exclamou elle.

—Bastante espinhosa, diga tambem.

—Tem ganho provavelmente muito dinheiro, não é assim?

—Mais ou menos, podia até' mesmo estar senhor de uma pequena fortuna, mas quando volto á corte, esta vida alegre, os cafés, os bailes, os theatros, as mulheres, oh! as mulheres principalmente rapam-me n'un dia o que ganhei n'un mez. Mesmo assim julgo-me feliz porque desfructo o bom tempo.

Quanto porém goso, mais a par ficam os soffrimentos. Não ha alegrias sem áis.

A felicidade é uma mentira do coração, palavra do destino e um sonho que alimentamos sempre até o ultimo momento.

Vacillo agora sobre que resolução tomarei acerca de uma grande viagem que tenho já projectada. Só tenho em mira conhecer o mais breve possível o coração do Brazil : este centro

semi-habitado que se estende do Paranahyba ao Araguaya e Tocantins e onde está a capital de Goyaz.

O desconhecido ao ouvir esta ultima palavra sentiu como um choque electrico, produzindo-lhe como uma effervescencia de espanto e admiração e parecendo jamais ter esperimentado causa comparavel Encontraria em mim talvez um digno sucessor de seus sigilos !

Este era de todos os acontecimentos recentes talvez o mais terrivel que elle poderia ter jamais imaginado. O seu coração era talvez o alvo de alguma paixão que parecia dominal-o constantemente.

Ainda bem não estava em si, quando levando as abas do chapéu á altura dos olhos exclamou, com voz reflectida :

—A Goyaz ? Pois que o senhor diz que tenciona visitar Goyaz?

Parece-me que cada vez que dizia Goyaz, sentia qualquer causa offendê-lo o mais intimo de seu coração e percebi duas lagrimas deslizarem-se-lhe sobre as faces retintas d'angustia. O semblante tomara uma cor exquisita e passados alguns momentos tornou a perguntar-me como se não acreditasse na realidade da minha affirmativa.

—O senhor então não ignora os sofrimentos e encommodos porque vai passar ?

—Não senhor, sou moço e nada temo. Não sou um D. Quijote, mas gosto de aventuras.

—E a que pontos da província tenciona ir ?

—Ainda não tenho traçado o itenerario, mas devo infallivelmente passar pelas cidades da Formosa, Meia Ponte, capital, etc.

—A capital, sim vá à capital, e visto o senhor parecer-me

um homem de bem, pois que falou-me também sobre sua vida
peço-lhe licença para contar-lhe a minha historia.

--Sou todo ouvidos, respondi-lhe.

E deitou de soslaio um olhar sobre a multidão que estava apinhada nas portas do café ouvindo a canção da italiana. Aquelle sitio porém não era do seu agrado e por isso levantando-se fez-me signal para sair.

Quando me achei ao largo, reconheci que uma febre bastante violenta me invadia o corpo todo.

Possuido de curiosidade por muitos motivos, cheguei a crer que tinha diante de mim um criminoso. Algun galé evadido. Amigo de aventuras deliberei escutal-o attentamente.

Do café fomos em direcção ao Rocio, entramos no jardim e buscamos uni sitio menos frequentado pelos dandys d'aquellas horas.

Até ali não trocaramos duas palavras. O homem refletia.

Poucos instantes depois passa pela nossa frente uma rapariga vestida esmeradamente com una rosa ao peito.

Em seguida veio também um rapaz fazendo tregeitos com os braços tendo numa das mãos gentil *badine* e na outra um lenque chinez. Ia cantarolando baixinho só para moer :

“Amor tem fogo
Fogo de amor,
Amor ardente
Arrebatador.”

Quando perto de nós, parou e accendeu um cigarro. Um palido reflexo bateu-lhe na face.

Oh santa pachorra !

Trazia o rosto completamente pintado com um signal postigo visinho ao nariz.

Logo depois continuou no seu passeio cantarolando ainda e eu exclamei com os meus botões :

—Eis o Rio de Janeiro na rua ! Que será dentro de casa ?!

—Voltei então os olhos para o meu illustre desconhecido que já se dispunha a principiar a sua historia :

—Eu senhor...

—Oscar, o seu creado, completei-lhe a phrase.

—Eu, senhor Oscar, residi em Goyaz durante alguns annos e de lá sahi ha pouco tempo.

—O que me diz ?! Abengoad o caso que me fez encontrar-o, porque o senhor sem duvida vai informar-me que tal é isso por lá e se valerá a pena quando mais não seja ir ganhar muito dinheiro ao menos contemplar essa explendida natureza, essas paysagens que são de arrebatar e a riqueza natural que deve ser extraordinaria.

—Sim, senhor, mas primeiramente peço-lhe attenção.

—Exactamente. Queira principiar.

—Nascido de paes pobrissimos na cidade de Corumbá, provincia de Matto Grosso, lembrei-me aos quinze annos de correr o mundo e fui da casa paterna.

Fiz varias viagens como tropeiro, camarada, etc. Estive em Miranda, Assumpção, Nioac, Piquiri e por fin em Cuyabá d'onde parti para Goyaz ainda como tropeiro.

A comitiva era bem regular. Constava de dezesesl pessoas, inclusivé o patrão que ia em busca de melhor commercio.

Levavamos doze lotes de burros, ao todo de sella e de carga, cento e trinta e nove animaes. Tinhamos que atravessar uma

extensão de perto de duzentas leguas sem povoações por entre indios e feras.

Por isso como boa prevenção iamos sortidos de todo o necessário. Barracas, trens de cosinha, mantimentos, redes, armas de todas as espécies, etc.

Tinhamos já vinte e dois dias de marcha. Nos primeiros tudo foi bem, mas no vigessimo segundo a fatalidade veio ao nosso encontro.

Estavamos accampados n'um sitio algum tanto elevado e nas vizinhanças de uma aldeia indígena de cerca de mil arcos. Julgo que eram cayapós, esses medonhos cayapós que só lhes falta ser antropófagos, se é que por acaso o não são.

Quando demos por tal e reconhecemos o perigo que nos ameaçava era quasi noite, e resolvemos não abandonar o acampamento.

O patrão ordenou logo que se não accendesse lume assim de não servir de guia aos selvagens que se achavam a boa distancia.

E nós sem jantar e sem café, o que não era das melhores cousas !

Horas depois já todos nós estávamos immersos em profundo sono, quando um dos companheiros que estava de sentinelha avisinhando-se d'uma das barracas, exclamou :

—Patrão, patrão, ah! estão os bugres! Vão atacar-nos.

Todos nós em sobresalto pareciamos advinhar a eminencia do perigo.

Urgia fugir, defender as vidas, e nem esperança de salvação nos animava.

Os nossos cães de fila não cessavam de ladrar.

Ao mesmo tempo ouviu-se um grito rouco, selvagem, rom-

pendo o silêncio d'aquellas paragens. Era a ordem de ataque dada pelo chefe indígena.

Dezenas de flexas se cruzaram nos ares e vieram fixar-se nas cargas, arreios, em tudo finalmente que se achava formando uma barricada na nossa frente.

No meio de tudo isto imagine o senhor que desgraça! O patrão que estava já de pé, e preparando-se para a defesa é vítima de uma flexa dos malvados que se lhe veio cravar no peito.

—Miseráveis, exclamou o coitado caindo morto instantaneamente.

Depois foi uma cena horrível.

No meio da escuridão desenhavam-se a pequena distância formas extravagantes, vultos exquisitos, dando saltos fezozes em em attitude de ataque.

A primeira arma que se descarregou foi a minha e do lado d'elles parece-me que fui eu também que fiz a primeira vítima.

Em seguida os camaradas fizeram fogo e em tres minutos foram disparados vinte e oito tiros de espingardas, garruchas, rewolvers, etc.

Houve um intervallo e a confusão foi enorme.

As flechas não diminuiram e logo em seguida cahiram dois dos nossos.

Depois outro, mais outro, outro, ainda mais outro.....

Dentro de um quarto de hora só eram vivos eu e um companheiro. Protegidos por uma barricada de couros e cargas, principiamos a uma serie continua de fogo e mais fogo. Em dez minutos tinha dado grande numero de tiros com a espingarda do patrão que era de carregar pela culatra.

As flexas diminuiram.

Ainda me restavam oitenta e tantos cartuchos com ballas. Parei vendo que os indios amedrontados sumiam-se em varias direcções. D'ahi a uma hora o silencio era enorme. Tudo estava terminado. De quatorze victimas que jaziam estendidas no solo, nem uma só apresentava signaes de vida.

Até os cães não haviam logrado escapar.

Assim passamos essa tormentosa noite em terriveis colisões. Quando a aurora raiou no horizonte principiamos a avistar ao longe n'um descampado um punhado enorme de cadaveres.

Eram os nossos animaes que não conseguiram escapar á sanha dos miseraveis inimigos da civilisação.

Quando chegamos ao campo só encontramos tres vivos e que não haviam sido offendidos. Havia ainda uma besta velha nos ultimos paroxismos da agonia.

Fôra ferida n'uma orelha, mas o fatal veneno não a pouparia de certo.

Quanto aos bugres apenas encontramos os cadaveres de sete e entre elles o de um que podia ter apenas doze annos de idade.

Os que escaparam haviam-se sumido nas sinuosidades d'aquellas terras ainda tão longe da civilisação.

Eu e o meu companheiro combinamos sobre que fazer quanto antes, assim de abandonar tão melindrosa e critica situação.

Abrimos em seguida uma valla onde demos sepultura aos corpos dos nossos companheiros e do infeliz patrão.

Partir, foi o que fizemos em seguida. Felizmente ainda nos sobravam tres animaes.

Levava comigo todo o dinheiro que encontrei, apenas seis

centos e tantos mil réis que divididos entre nós, coube trezentos e doze mil e quinhentos a cada um.

Mais prudente era voltar para traz aílm de evitar novo encontro com os indigenas e como o companheiro conhecia perfeitamente aquelles campos fomos em direcção ao Coxim onde chegamos depois de mil luctas e sofrimentos.

Uma vez ahi seguimos o caminho do Rio Verde de Goyaz onde tencionei demorar-me alguns dias.

O meu companheiro obteve um emprego e eu parti para a capital.

Quando lá cheguei estava na pindahyba, sem um vintém no bolso e como não havia outro meio, sentei praça e fiquei logo um excellente soldado raso.

Dois annos depois o tenente do meu corpo viu-se bastante doente e como eu tinha sido para elle um amigo dedicado, disse-me :

Torilo, sei que vou morrer. Tu tens sido um bom soldado e além de tudo um bom amigo, e como eu não tenho parentes de qualquer especie, deixo-te por meu unico herdeiro. Sabes que sou pobre que tudo o que posso é uma migalha, mas em todo o caso, antes pouco do que nada.

Aqui estão quinhentos e poucos mil réis mais em dinheiro e esse diamante que valle pelo menos outros quinhentos. Guarda portanto isso antes que façam o inventario.

As lagrimas vieram-me aos olhos quando vi o meu tenente fallar-me por aquella forma. Preferia-lhe a vida, cem vezes mas elle tinha as horas contadas.

Um suspiro subiu-lhe à garganta e exhalou-se depois em um gemido.

Pereci então que ainda tinha alguma cousa a dizer-me, pa-

rém a voz extinguiu-se logo e poude apenas apontar-me para a gaveta de uma meza onde existia um papel. Apanhei-o, e sem o ler comprehendi que encerrava tudo quanto me tinha a dizer. Dois minutos depois o meu tenente era cadaver.

Abri as portas do apozento e deixando ali duas negras fazendo companhia ao finado retirei-me apressadamente. O tal papel tenho-o aqui e encerra um segredo, que de hoje em diante pertencerá ao senhor. Eil-o.

•Goyaz 20 de Novembro de 1865.

Meu querido irmão Pelino :

•A velhice e os sofrimentos porque tenho passado pozeiram-me n'um estado lastimoso. Triste sina a d'um desgraçado que espera a morte a todos os momentos.

•Sim, meu irmão, eu sou um miseravel, a minha vida tem uma historia negra ; infamia sobre infamia, miseria sobre miseria! Contart-a, é-me impossivel, porque assim nos ordena a nossa santa irmandade.

•Reconheço que já não sou d'este mundo e por isso delibrei escrever-te estas linhas.

•E provavel que ha muito me julgasses morto, como todos por abi o devem crer tambem.

•A mesma cousa podia julgar a seu respeito se não fosse uma noticia que vi n'um jornal portuguez.

•Faz quarenta annos que abi praticiei os mais vis e horribles crimes pelo que fui condemnado ao desterro na Costa d'Africa. O que soffri durante dois annos convivendo com selvagens e feras só eu o sei, e posso comprehendêr.

• Um dia julguei-me feliz quando o acaso offereceu-me facil meio de evasão. Para conseguil-o entrei n'um corsario, fiz-me uma espécie de pirata victimando o meu semelhante e conseguindo assim dar com o costado no Brazil.

• Tinha então vinte e seis annos, estava em boa idade e a ambição bem depressa me orientou a respeito do caminho que devia trilhar.

• Internei-me nos sertões à cata de ouro e pedras finas, e para melhor conseguir a estima de todos, fiz-me padre (a vapor) e juntamente com outros santos missionarios parti para o centro, passando por varias localidades onde eramos recebidos sempre na maior boa fé. A nossa divina palavra era respeitada.

• As velhas foram sempre as nossas alcoviteiras. Não nos faltaram raparigas bonitas que se tornaram nossas amantes disfarçadas pelo confessionario.

• Muitos maridos se tornaram *coidadinhos*, e muitos d'elles vieram a ser paes de nossos filhos.

• Mais tarde conseguimos penetrar nas grandes aldeias indigenas e só tinhamos dois lins; primeiro que outros descobrir os thesouros naturaes e apossar-nos d'elles.

• Deseemos os grandes rios e percorremos uma extensão de perto de duas mil leguas. Ha tempos dei comigo n'esta terra abençoada, cujo santo povo me recebeu de braços abertos.

• Entretanto reconheço que sou simplesmente uma ave de rapina coberta pelas vestes sacerdotaes.

• Foi ainda o ouro que aqui me trouxe. Ora imagina tu que depois de tantos trabalhos e quando depois de velho e nas vasscas da morte consigo descobrir um verdadeiro e rico veio aurifero.

«Este veio está... terrenos já explorados a... leguas d'esta capital.

«Este segredo eu t'o confio. A nossa santa irmandade acha-se bastante rica, para se dar a encommodos com mais esse punhado de ouro.

«Faz a este respeito o que te apronver: o segredo é teu, nada mais tenho a dizer-te.

Teu irmão
Culbino.»

Ora devo-lhe dizer que esta carta estava junta a uma outra, creio que letra do tenente a qual continha mais ou menos estas palavras.

«A carta escripta pelo padre F... a seu irmão Pelino no dia 20 de Novembro de 1865 foi encontrada por mim depois da sua morte dentro de um livro que lhe pertenceu. Creio que não teve tempo de mandal-a levar ao correio, ou ignorei se desistiu de seu intento para não sacrificar os bens da igreja.»

Estava assignada pelo tenente.

Ora á vista ainda d'isto, comprehende o que devia fazer, que consistia em ir á procura do famoso veio.

Na cidade havia uma rapariga de dezoito annos que estava vivendo na minha companhia. Chamava-se Florina. Fui logo ter com ella, mostrei-lhe a pedra e as notas e perguntei se queria acompanhar-me n'uma pequena viagem com mudança de residencia.

Mostrou-se algum tanto contrariada vendo que eu tinha de

dezertar e depois podia vir a ser prezo, soffrendo a separação.

Expliquei-lhe o meu projecto em poucas palavras. Que iriamos ficar por algum tempo em certo sitio, onde trataria de descobrir um excellente thesouro que um amigo me confiara na hora da morte.

Resolveu-se sempre a acompanhar-me e n'essa mesma noite partimos para o local designado onde chegámos quasi ao romper do dia. Felizmente já eu era conhecedor do terreno.

Com o ouro tudo se arranjaria, o principal era desobrirl-o, custasse o que custasse. Nos primeiros dias edificamos uma choupana e cuidamos de varios assazeres.

Decorrido assim um mez veio-nos a falta de viveres e outras cousas, perturbar o nosso bem estar. Fui ao unico vizinho que havia d'ali a uma legua e que um anno antes obtivera baixa no mesmo corpo. Era portanto um amigo.

Depois de lhe fallar não do segredo mas sim do que ali me levara, pedi-lhe para vender e comprar-me qualquer cosa quando necessitasse, e obtive tudo o que desejava.

Voltei ao meu retiro continuando no serviço de desobstrução do poço principal, onde devia estar occulto o famoso veio.

Um dia, dia infeliz que só me faz lembrar a morte como lenitivo a tantos males, ás 8 horas da manhã, depois de muito trabalho descobri o que procurava aniosamente, conhecendo que um sonho podia tornar se realidade.

O que não acreditava, era que tal descoberta trouxesse consigo a maior de todas as desgraças.

Tinha na minha vista um veio riquissimo, ouro de primeira sorte. Por momentos quanta felicidade, quanta esperança em via de realização!

Louco, transbordando de alegria gritei então com toda a

força dos meus pulmões, por aquella que só é unica devia vir a conhecer o meu thesouro.

—Florina! Floripa!

E ella acudiu ao chamado com o sorriso nos labios, veio á borda do poço e com tanta infelicidade o fez e se debruçou que perdendo o equilibrio caiu e sobre ella uma parte do terreno abaten, indo sepultá-la para sempre no fundo do abysmo.

Para salvat-a precipito-me, e em pessimo ponto fico sem poder retirar-a do sitio profundo onde se achava, nem meio ou pessoa que n'aquellas tristes emergencias me ajudasse a d'ali sair.

Com muito custo porém consegui safar me quatro horas depois de immenso trabalho, servindo-me as mãos de alavancas e as unhas de picaretas.

Quando me vi salvo quiz preferir a morte.

Que restava fazer?

Partir e partir para sempre de tão lugubre paragem. Eneobri com pigarra o famoso veio e de lá parti no mesmo dia.

Numa estrada encontrei-me com o tal vizinho que me deu uma fatal noticia.

Disse-me elle que em Goyaz correrá o beato depois que desertara, ter eu roubado o tenente e contribuido até mesmo para a sua morte.

—Que infames! exclamei no auge da desesperação.

Quando porém reflecti, vi que não pensavam mal. Era o castigo da ambição!

Continuei pois a minha viagem, fugindo sempre dos olhares curiosos, caminhei sem novidade cerca de cento e sessenta e tantas leguas até á provincia de S. Paulo, onde tomando a estrada de ferro, vim dar conigo n'esta grande capital.

Creio que não viverei muito tempo e portanto tenho depositado o meu segredo nas suas mãos. Como homem de destino, foi também o destino que m'o enviou e é o destino ainda que o faz saber o d'esta historia.

O desconhecido havia terminado e consultando o relógio exclamei:

—São onze horas. É tempo de descansar.

Perguntei-lhe então se desejava passar a noite em nossa casa, o que não aceitou e como mostrasse desejos também de se afastar tornei-lhe com interesse.

—Encontrar-nos-hemos amanhã no mesmo café, sim?

Ao que se dignou responder:

—Oxalá que sim, amigo.

Apenas trocadas as boas noites, cada um seguiu para seu lado.

Quando cheguei *chez moi* em Botafogo, passava da meia noite.

Atiroi-me sobre o leito de chapéu e botinas sem mesmo me encaminhar a accender uma vela. Tristes idéas succederam no meu espirito e nenhum balsamo refrigerante vinha circular em minhas veias.

Conhecia perfeitamente que o enfado, a melancolia e talvez mesmo uma estranha paixão agitavam o tal desgraçado vijante, devorando-o, e quasi que o constituiam em um estado estranho à atmosphera de prazeres, de que se achava rodeado n'esta grande cidade.

O meu cerebro povoava-se de terrores vagos e de vez em quando voltava-me de um para outro lado sem conseguir conciliar o sonno. Só pela madrugada senti fecharem-se-me as pal-

pebras e horriveis sonhos vagarain na imaginação durante bom espaço de tempo.

Lembrei-me que sonhando julguei ter chegado já longiqua capital e que esta era cercada de muralhas por causa dos indigenas. Que ali haviam onças e tigres em passeio pelas ruas. Que dias depois visitei o tal vizinho de Torilo e que cheguei ao celebre poço acompanhado por um menino.

Uma vez ali deixando este a distancia, avisinhei-me do poço, quando vejo um esqueleto humano surgir d'aqueellas profundidades apontando-me o eaminho pelo qual viera.

Despertei então sobresaltado e levando as mãos á testa, percebi que estava banhado em frio suor. Abri os olhos e reconhecendo que era já dia, levantei-me e não sahi de casa, entregando-me á leitura dos jornaes.

Ao anoitecer peguei do chapeu e *badine* e tomando logar n'um bond fui saltar no ponto da rua de Gonçalvez Dias. A do Ouvidor estava cheia de povo. Gente que ia e vinha dos seus assazeres diurnos, de passeiantes nocturnos, e de janotas parados em frente ás *tritines*, bilcentras, filantes, etc.

Um perfeito inferno em inegavel paraizo.

Encontrei um amigo que me deteve e quando vi-me livre d'este appareceu outro, mais outro, aos quaes comprimento, rompendo por entre aquella chusma de *bons-vivants* até que entro no tal café da vespera e que faz esquina com o largo de S. Francisco.

Durante dez minutos não affastei a vista das portas, mas nada do homem aparecer.

Eram decorridas uma, duas, tres horas e nada, sempre nada. O desconhecido parecia-me ser já ua phantasma que me apparecerá na vespera.

Estava n'uma inquietação difícil de expressar, e a cada instante decorrido, aumentavam os meus receios. Reflectindo cheguei a acreditar ser tudo uma caraminhola. O sujeito quiz divertir-se á minha custa, não havia que vêr. Contara-me um romance e queria talvez fazer-me agora protagonista em outro.

Cada vez as minhas duvidas e suspeitas se reuniunavam com mais energia. Era então cruelmente devorado por ellas, e entregava-me a todo o frenesi da desesperação.

Para as dessipar, sahi d'ali e voltei para casa, porém vacilava ainda a respeito do partido que havia de tomar, se porventura estivesse enganado. Entretanto essa noite dormi tranquilamente até às 8 horas da manhã seguinte.

Depois de levantar-me e vestido como tinha por costume tomei um calix de cognac com leite de Minas e entreguei-me á leitura dos jornaes do dia.

N'um d'elles havia uma noticia que devorei rapidamente. Voltara ao mesmo estado de inquietações e desespero.

A noticia era esta :

«Suicida—De bordo de uma das barcas *Ferry* que ia para Nietheroy a uma hora da noite passada, atirou-se ao mar um individuo de côr branca, cujo nome ignorainos.

Hontem porém appareceu boiando perto da praia do Boqueirão um cadaver que se suppõe ser o do infeliz suicida e que foi recolhido ao necroterio. Nas algibeiras não foi encontrado papel ou escripto algum por onde se saiba qual o motivo de tal resolução. Sómente no peito da camisa haviam estas inicias T. F.»

Li depois segunda, terceira e quarta vez e atirando a folha sobre uma meza, mudei de trajo, sahi à rua, tomei um carro de praça, gritando p'ro cocheiro :

—Ao necroterio.

Elle franziu as sobrancelhas e chicoteou a parelha.

Meia hora depois estava em frente do cadaver designado.

Pela roupa que existia á parte, reconheci ser o desconhecido que se suicidara.

—Desgraçado ! exclamei comigo mesmo. Que scena horrivel ante aquellas feições lividas, a lingua pendente e cōr escura que lhe deu a agua do mar !

Eis o fim da historia d'um infeliz. E sahi immediatamente d'aquelle lugubre edificio



1.^a PARTE

**Partida. Do Rio a S. Paulo. D'esta capital à Uberaba.
Da Uberaba a Paracatú e depois à Formosa**

Eram passados oito dias depois dos factos narrados
Estava completamente resolvido a partir em direcção a Goyaz,
indo antes visitar alguns pontos do oeste da província de S.
Paulo onde me fazia esperar.

Havia quasi um mês que me achava na corte. A 20 de abril
fui a um jantar de annos em casa de uma parenta no Cattete,
e lá fiz as minhas despedidas.

Na noite seguinte encontrei-me com o Bento de Macedo meu
primo e grande companheiro, não de jornadas mas sim das boas
horas.

Um rapaz alegre de phisionomia sympathica, bigodinho louro,
conhecido no *Grand Monde* por todos e por todos estimado.

Ainda me recordo de certa noite em que dois é para uma as-

sim como uma está para dois. O leitor que resolva como quizer.

Despedi-me d'elle com um abraço.

O resto da noite sumiu-se em preparativos e ás 5 horas da manhã tomei o expresso de S. Paulo saltando em Taubaté ás duas e meia da tarde.

Até ahí já eu conhecia quasi todo o norte de S. Paulo, assim como parte das provincias do sul. Até o mez d'agosto, veztece-
rias cidades d'oeste de S. Paulo, conhecendo assim uma grande parte d'esta florescente provinça onde o progresso se desenvolve rapidamente.

Uma corrente de imigração acóde engrossando de dia para dia.

A fertilidade de seu solo, a amenidade de seu clima, as riquezas naturaes finalmente são os principaes incentivos que atrahem o emigrante, unico promotor das artes e industrias.

E n'um paiz como o nosso onde a mais vil apathia faz esquecer a muitos o anor ao trabalho, é util, utilissima, essa chusma de trabalhadores que vem servir de mestres com a sua terivel força de vontade, como predicado ás aspirações do homem civilisado.

Sem o estrangeiro, reflitamos, que seriam das artes, das industrias, do commercio e até mesmo das sciencias entre nós?

E quantos muitas vezes abandonam patria, familia, tudo finalmente?

Não devem por ventura mais do que nunca, procurar ganhar a vida para ir mais tarde gozar e descansar do pezo de tantas fadigas quer na terra que lhes serviu de berço perto dos seus ou quer na segunda patria onde tambem se tornam por todos os meios estimados e respeitados?

Sim, deveis meus caros leitores estimar os principalmente aquelles que nos dão provas de homens de bem.

Estão em terra estranha, de hospedes passarão a amigos e de amigos a parentes, portanto a protecção nunca é mal dada a quem a merece, alias o desprezo.

Quando um homem se vê n'um paiz que não conhece, e muitas vezes sem parentes, amigos e sem dinheiro, sobretudo desconhecendo o idioma, é triste, muito triste, e n'estas condições existem muitos por ahí além.

Felizmente no Brazil ha o espirito de hospitalidade e com mais franqueza entre as classes menos abastadas. Eu que o diga.

No dia 1.^o de Agosto cheguei a Casa Branca bospedando-me no hotel Duas nações. Tratei logo de tomar informações sobre Uberaba, Goyaz e outros pontos que tencionava visitar embora já advinhasse os sofrimentos que me esperavam.

Reflecti então seriamente sobre tal viagem, e sem me dar cuidado os futuros comentários que sobreviriam, resolvi não levar commigo mais que o necessário, visto que tencionava demorar-me pouco tempo nos lugares onde chegasse.

Como um dentista habil e conscientioso nunca deve colocar dentaduras sobre raizes, mas sim esperando opportuna occasião depois de extrahil-as, o que acarreta demoras e inconvenientes, eis justamente o motivo que me levou a deixar no Hotel Duas Nações toda a minha dispensavel traquitanda. Occupar-me-hia nos lugares onde passasse somente da minha especialidade — (*Tratamento em geral da carie dentaria e molestias da boca.*)

Feita portanto completa exclusão dos trabalhos de prothese,

assim da evitar transtornos e demoras sem satisfatorios resultados.

A 20^a de agosto vespera da partida, fiz a seguinte lista dos objectos que devia levar e de mais precisão.

Eis-a:

Um estojo com instrumentos

Uma bolsa com varios utensilios.

Uma dita com navalha, pente, thesoura, escova, etc.

Uma seringa de Pravaz.

Uma carta geographica.

Um tratado de mineralogia.

Um outro de botanica.

Um thermometro e um barometro.

Um oculo de alcance.

Quatro lunetas de myope.

Um livro em branco.

Toda a roupa indispensavel.

Mais outros objectos tambem indispensaveis.

21 de Agosto — Apoz frugal refeição troquei abraços com os companheiros de hotel e parti.

Tanto elles como o proprietario ignoravam completamente os meus projectos, ficando crentes de que ia percorrer algumas fazendas do municipio.

Demais era sistema de prevenção.

Desde certa vez em que fui assaltado por dous negros fugidos n'uma estrada de Leopoldina em Minas, nunca mais ficou alguéin sabendo o meu destino, nem mesmo os mais intimos, mas sim somente meu pae na Corte e os agentes de correio que se incumbem de devolver-me a correspondencia. Quando declaro seguir pela direita é minha tençao ir pela esquerda e vice-versa.

N'uma mais me arrependi e tenho comprehendido que a mentira é muitas vezes necessaria para nos garantir a tranquilidade.

Deixando á esquerda a estrada do Mocóca, dirigi-me para a fazenda do doutor J. Machado, onde tive de pernoitar.

No dia immedio 22 depois de passar a villa de S. José de Rio Pardo, vi-me quasi a pé, n'uma fazenda onde cheguei com o meu burro russo, manco e estropeado.

Fiz uma bergham por outro que apesar de menor, reconheci ser mais valente.

A 23 cheguei á pequena cidade da Mocóca, lugar onde já estivera e dirigi-me ao hotel do Gama a fim de almoçar.

Havia vencido n'essa manhã já tres leguas e estava resolvido a aproveitar o resto do dia vencendo mais algumas.

Esta Mocóca é um lugarejo de cento e tantas casas, sem edificio algum notavel, e não merecendo por todos os motivos mais do que o nome do arraial ou povoação, e entretanto ha chegado á categoria de cidade assim como tem sucedido a outros lugares de Minas e S. Paulo.

O municipio é importante pela fertilidade de suas terras e riqueza de seus lavradores.

A falta de instrucção porém atola a seus filhos no todo da ignorancia como tive occasião de verificar na fazenda de um tal J. de Sousa.

As onze horas puz-me a caminho em direcção á fazenda do Major Gabriel, um velho generoso e hospitaleiro, que da melhor vontade me concedeu uma pouzada.

24 de Agosto — Passei por quatro ou cinco fazendas, em cujo bairro demorei-me dois dias. Terrenos bastante fertei. Bonitos cafezes. No seguinte dia por volta das 4 horas da tarde chegava a uma destas fazendas, resolvido a pernoitar e logo soube

que o fazendeiro fôra mais a familia até a casa de um visinho. Na ausencia d'elle as creoulas prodigalizaram-me todos os cuidados, deram-me de jantar, offereceram-me café e finalmente appareceram alguns negros munidos de pandeiros a dançar o samba no terreiro. Tudo isto tinha muito que ver e apreciar.

Ao anoitecer veio ainda uma mulata trazendo agua n'uma banheira e como é costume lavou-me os pés com todo o cuidado, N'isto entrou o dono da casa, optimo sujeito que sentio grande regosijo em me ter *chez lui*.

Depois de boa prosa fui para a tariimba do descânço onde passei boa noite.

26 de Agosto — Fiz n'este dia cerca de quatro leguas e ás 7 e 20 minutos da tarde entrei na villa do Cajurú, hospedando-me n'uma casinha que tem o nome de hotel, onde os quartos não tinham portas e as paredes eram simplesmente mal barreadas.

A cosinheira ignorava completamente o que era um bife à inglesa. Estive quasi indo à cosinha dar-lhe lições culinarias.

O hoteleiro entretanto éra um bom homem e tratava de querer bem servir-me. Tive ahi por companheiro um *cometa*.

As ruas d'esta villa (que percorri no dia seguinte) são pessimas, casas antigas onde apenas se podem differençar duas cores, uma a do barro das paredes em conjunto a um caiamento desfigurado e outra a das portas e frontaes sem pintura alguma.

Tive occasião de ahi conhecer o amavel medico dr. Matta.

27 de agosto — Parti em direcção ao arraial de Matto-Grosso de Batataes.

Depois de ter andado cerca de legua e meia na incerteza de estar ou não errado encontrei-me tambem com um individuo de

corpo delgado, altura mediana e cutis sofrivelmente crestada e uma apparencia de homem pouco ambicioso. A roupa algum tanto sebosa combinava com o chapéu preto, então branco e empoeirado. Levava consigo uma especie de muchila, contendo vidros cheios de liquidos e algumas raizes e hervas secas.

Disse-me então ser curandeiro e ter no lugar mais clinica que o illustrado dr. Matta. Não me admirei, por que no nosso paiz um pergaminho serve de riso aos leigos mordidos de inveja.

Vinha elle da fazenda do sr. J. B. de Magalhães e como eu tencionhava alli pernoitar tomei o caminho à direita que se dignou ensinar-me.

Segui o conselho e por isso mesmo vi-me entre papos d'arana, percorrendo uma extensão de quatro leguas e sem encontrar viva alma no meio de tão horriveis cerradões.

Soltei furioso una praga contra o tal curandeiro.

Finalmente quando ia a voltar uma encrusilhada em direcção ao ponto de partida, avistei ao longe uma choupana em pequena elevação e para lá me dirigi.

Immediatamente arrependido fiquei, ao ver o dono da casa, que não deixava de me parecer um criminoso. O seo olhar m'o indicava.

Depois de perguntar-me se eu era mascate de joias ou engenheiro, disse-me que a fazenda era d'allí a meia legua e ensinou-me o caminho pelo qual deveria seguir, por não haver outra mais recta que marginasse o corrego. Agradecendo-lhe, despedi-me e parti.

Esse caminho era um trilho mal e pouco frequentado no grande cerradão; pouco depois, via-me a braços com as trevas.

Sentia-me nervosamente incomodado.

Accreditei mesmo que o tal sujeito fizera-me seguir por mais

longe para haver tempo de armar-me uma emboscada. E n'esta occasião eu viajava sózinho, sem um camarada, um pagem ou um amigo!

Eramos dous, eu e o meu burro.

Cerradão chama-se um campo fechado, especie de capoeira nativa. Arvores semeiadas a pequenas distancias umas das outras, dando perfeita passagem o que não succede nos mattos onde é necessario fazer-se uso do facão ou da fouce. N'estes campos cerrados encontram-se numerosas plantas medicinaes.

Depois de parecer distinguir a todo o momento no meio d'aquelle escuridão o vulto assassino, cheguei finalmente á tal fazenda.

O senhor Magalhães achava-se com alguns negros no engenho, fazendo melado e rapaduras e lá fui pedir-lhe uma pouzada que de bom grado concedeu-me.

Offereceu-me garapa quente n'uma cuia, que bebi satisfeito e tranquillo que já me achava.

Depois de boa palestra apoz a ceia recolhi-me ao leito destinado.

28 de agosto—Levantei-me cedo e depois do café montava novamente a cavallo tomando o caminho de Matto Grosso de Batataes onde cheguei quasi ao anoitecer.

Esta povoação acha-so collocada na fralda de uma serra que se estende a perder de vista nas divisas das províncias de Minas com S. Paulo. Está 1200 metros acima do nível do mar.

Hospedei-me em casa do sr. Antonio Theodoro, a quem ia recomendado.

29 de Agosto — Falhei no arraial em descanso.

30 de Agosto — Segui viagem e logo depois entrava n'um mundo de paysagens esplendididas. Campos lindissimos e poucos cer-

radões. Vinha a conhecer a hancornia, mangabeira (apocynæas) O seu fructo é gommoso e sacharino. Em doce é excellente.

O leite d'esta árvore que se obtém por meios é empregado na fabricação da borracha, e está hoje quasi provado ser um excellente remedio, já empregado com optimos resultados nas molestias do peito e tísica em geral.

Na preparação da borracha faz-se coagular o leite adicionando certa quantidade de pedra hume e algumas gotas de clorureto de zinco liquido. Para extracção de agua usam os indígenas no Amazonas, umas bolotas que provavelmente não tem sido encontradas n'estas paragens, e que dá excellente fumaça.

Esta árvore tem bastante semelhança com a pereira.

Provei de sens sahorosos fructos

Avista-se à distancia de quatro leguas a formosa e pequena cidade de Batataes. Um ou outro raro casebre aflora à estrada.

Pernoitei na fazenda do sr. J. Caudido Ferreira.

31 de agosto — À uma hora da tarde chegava a Batataes, hospedando-me no hotel do Pedro Mascagne.

Este hotel é digno de uma cidade central. Tudo em ordem e asseio. Na adega do estabelecimento haviam vinhos que jamais encontrei em hoteis fóra das capitais. Vinhos excellentes cervejas e bebidas de todas as marcas.

Depois de jantar percorri as ruas da cidade. Local bonito e povo agradável.

De noite estivemos até tarde em casa do sr. Antônio M. de Abrantes onde se tocou piano e recitou-se.

No dia seguinte primeiro de setembro sahi tarde de Batataes e pernoitei na fazenda de D. Cândida de Lima.

2 de Setembro — Parti depois do almoço.

A estrada continua no seu zig-zag; os quadros luminosos que tanto impressionavam o meu espirito apto a impressionar-se com as bellezas alegres da natureza, desaparecia ás vezes e parecia que o meu espirito se ia recolhendo na camara escura das suas recordações ao passar por estes campos melancolicos vendo que apenas solitario arbusto orlava o nosso caminho.

Ás duas horas da tarde atravessava o rio Sapueahy de quarenta braços de largura n'este ponto e ás cincas tinha chegado á fazenda do coronel J. Garcia Duarte, honrado cavalheiro, que poz a sua casa á minha disposição. Ahi encontrei jornaes de toda a parte.

3 de Septembro — Ás oito horas da manhã cheguci á linda cidade da Franca 1100 metros acima do nível do mar.

Procurei o hotel do Gaspar, o sympathetico amigo dos viajantes. Este Gaspar era um companheirão das boas horas, sempre prompto e affavel para servir e ajudar um amigo.

Ás dez horas almocei comendo como um padre. Em seguida percorri a cidade e fui a casa dos srs. Nuno Alberto & C.^a onde encontrei o collega Dr. Viriato Rodrigues que alli se achava hospedado.

Fallamos sobre a arte e disse-lhe positivamente que seguiria para Uberaba no dia immediato, pois não desejava que por sombras pensasse elle que eu vinha fazer-lhe concorrencia. Agradeceu-me amavelmente e em seguida retirei-me.

Fui ao correio onde encontrei cartas de minha familia, depois voguei a esmo pela cidade indo comprimentar as redacções do Nono Distrito e da Justiça, orgâos liberal e conservador.

Á noite fui jogar uma partida de bilhar com o Gaspar que depois de m'a ganhar, apresentou-me a certa deidade do lugar, cuja alcunha já havia ouvido repetir mui longe d'alli.

A cadea da Franca é um elegante edificio e a matriz tinha as torres em construcção.

No dia seguinte ao levantar-me veio um amigo dizer-me que todos que me tinham visto, perguntavam se era norte-americano ou inglez o cirurgião dentista que estava de passagem para Uberaba.

Não era má chalaça.

A cidade da Franca acha-se colocada n'um dos pontos mais altos da província de S. Paulo, n'uma elevação bastante pitoresca e aprasivel. É visivel a olho nu, à distancia de nove leguas n'um certo arrabalde de Batataes.

No seu municipio são em pequeno numero por enquanto os lavradores que plantam café.

Possue optimas jazidas de diamantes não exploradas.

Ha muitos criminosos que vivem à redea solta sem temer a acção da justiça, quer pela posição que ocupam, quer pela protecção que outros lhes dispensam.

Será dentro em pouco a cidade da Franca uma das melhores d'esta província.

4 de Septembro — Segui viagem ás dez horas. Logo adiante da cidade no arraial das Covas encontrei-me com um rapaz representante de uma casa commercial do Rio de Janeiro e que se dirigia para St.^a Rita do Paraizo.

Offerceu-me a sua amavel companhia e continuamos juntos a viagem. Passamos o rancho-pouso denominado Maria-Xica além tres leguas da Franca.

Encontrei alguns carros puchados por doze juntas de bois cada um e carregados de sal que iam para o porto da Ponte alta no Rio Grande.

O tal companheiro era um excellente rapaz e dentro em pou-

co percebi que era além de tudo um magnifico pandego. Odiaava os caipiras e a gente de pouca instrucção ou nenhuma pratica do mundo.

Quando queria emitir o sotaque italiano ou francez fazia-o com uma mestria admiravel. Foi por isto que lembrei-me fazer-lhe a seguinte engracada proposta.

A fazenda onde hia-mos pernoitar pertencia a um sujeito de bom coração porém com fama de rustico e que embora remediado não sabia aproveitar os ricos cobrinhos, vivendo como outros entregue aos doces sigilos da vida sertaneja.

É a vida ridicula do avarento que se curva ao pezo do dinheiro.

Uma vez ali eu teria de intitular-me um americano naturalista para o que reunia os predicados preciosos; e elle um engenheiro francez incumbido de levar estradas de ferro atravez d'aquelles sertões.

Dito e feito.

O guia foi avisado e lá chegamos sem novidade alguma às seis horas da tarde.

O tal fazendeiro, calculando antecipadamente a nossa illustre posição recebeu-nos com alguma frieza e meio atrapalhado, obsequiando-nos a todo o momento com titulos de nobreza, e v. ex.* etc. etc.

Saiu o homem d'allí e foi ter com o guia em particular perguntando e indagando das nossas profissões

Este porém não acostumado a ouvir a tal palavra naturalista viu-se me iatrapalhado na resposta dizendo que o outro era engenheiro e eu um... pomadista!

O caso era de encavacar se por ventura, o typo conhecesse a palavra, mas felizmente não sucedeu assim e elle ainda por sua vez esqueceu-se d'ella.

Voltando a ter comnoso, o companheiro explicou-lhe em portuguêz afrancesado o motivo da nossa viagem.

Quando porém lhe disse que eu era naturalista, voltou-se para mim mais ou menos confuso exclamando:

—Naturalista! Naturalista! É natural. Não me recorda de ouvir tal palavra, mas pelo que vejo v. ex^a é director d'alguma companhia de naturalidades, hein?

Não estava má a pilheria dita inconscientemente, e lembrei-me nesse instante d'um bruto, carroceiro, a quem há tempos atribuíndo a autoria de um furto disso no auge do desespero: —Homem você tem cara de burro e de ladrão.

Ao que o tal ignorante responden com a mais franca ingenuidade e todo contristado:

—Senhor eu tenho a minha cara, o ladrão tem a d'elle e o burro tem a sua. Cada qual com a sua cara.

Da mesma forma que este pobre diabo me chamava de burro o outro me chamava uma especie de saltimbanco.

O companheiro então safo-me da enleada explicando-lhe a palavra naturalista.

—*Ca o senhorre*, dizia elle, *estude la natureze des minerales, e é mineraliste, conhêce la botanique e faz la nomenclature des vegetales*. É portanto, *alem* de naturalista, zoologiste, mineraliste physiologiste, paisagiste, e mesmo até, chronista, jornalista, articulista, retratista, dentista e pomadista!

—Pois que! exclama admirado o fazendeiro. O senhor também é dentista?

—Exacto, lhe respondi quasi com uma gargalhada, por causa dos *istos* do companheiro.

—E conhece o novo processo de extrahir dentes sem dor?

—Conheço perfeitamente, porque nunca as senti quando os extraibi.

—Em si?

—Não, nos outros.

—É natural.

—Mórmente para um naturalista onde se encontram naturalidades.

—E o que vem a ser po... pomadista?

O companheiro olhou para mim de soslaio e eu respondi com promptidão.

—É uma cousa que vem nos annuncios quando o dentista diz que extrahe dentes sem dor.

—Sim senhor, é bastante natural.

—Naturalissimo, disse eu.

—Naturalissíssimo, voltou o companheiro.

—Circunnaturalíssimo, acrecentei ainda.

Em seguida a prosa avolumou-se e eu tornei-me um orador improvisado, tendo alli toda a familia do fazendeiro e mais outros typos desconhecidos.

Falei-lhes sobre varias especies de plantas e mineraes. Fiz-lhes ver ainda que o homem descende do macaco e a mulher da macaca segundo Darwin.

Que Adão e Eva não podiam ter sido paes de todas as raças humanas e mesmo que se admitta a mudança de côres pelos climas não se pôde comprehender a transformação na formatura e estructura de uma a outra raça, onde se eucontram sensíveis differenças e a mesma diferença mais ou menos que se nota do branco europeu para o negro africano, nota-se d'este para o gorila, o orangotango, o mais perfeito dos macacos e sobre tudo nas raças do Sião.

Portanto Adão e Eva deviam ter sido pais de toda essa macacaria.

Disse-lhe depois, este mundo ser da familia dos planetas e que portanto é só por si um grande ser cheio de vida e vigor. Que os rios são as suas veias, o oceano a veia mãe, a agua o sangue, as podras os ossos, os vegetaes os cabellos e que assim como n'este mundo existem partes mais ferteis com grandes inattos e outros de campos e areiaes nativos, a mesmissima cousa succede e se nota sobre a superficie do nosso corpo. Que n'este ha duas partes completamente nuas de vegetação, taes como as solas dos pés e as palmas das mãos, tal e qual como no mundo com os polos norte e sul, onde realmente apesar de innumeros esforços, o homem não conseguiu penetrar.

Que a mesma diferença que existe ainda de um homem para um piolho que vive sobre aquelle (na parte mais fertil, a cabeça) existe tambem do homem para o mundo que vive sobre este.

Além de tudo o nosso corpo é interior e exteriormente povoado de pequenos animaeulos invisiveis a olho nú, cada qual de uma especie ou determinadas familias.

Ainda segundo o grande sabio do seculo Camilo Flamion, a lua é filha oñ filho da Terra e assim por diante. Que sendo finalmente o mundo centro de tantos pequenos ontes (vida sobre a vida) é natural que seja tambem o que mais vida possua e cuja idade já patece ser madura pelas transformações que se tem em si operado.

D'ahi a degeneração sensivel que se nota em todas as raças. Segundo a historia os homens antigamente attingiam a altura de gigantes e hoje não somos mais que pygmeos.

Estava terminada a minha preleção.

O fazendeiro achava-se bastante satisfeito e olhava-me como quem olha para um senhor absoluto na posse de um domínio alheio.

O companheiro fingia-se maravilhado e tudo ouvira attentamente.

Como nos fosse dado avivo de que a ceia estava prompta, passámos d'ali para outra sala e manjamos como dois perfeitos gastronomos.

O feitor, espirito beato e tipo desconsolado, não ficara muito satisfeito com as taes historias e no momento que se retirou mais o dono da casa para um outro aposento ouvi-o dizer distinctamente :

—“Aquelle sujeito de oculos e paletot curto é o diabo em pessoa que vae por este sertão fóra, cuidado com elle patrão.” O companheiro calculara o effeito de tudo.

Terminada a tarefa da refeição, voltamos á sala e como o dono da casa me perguntasse se jogava á bisca, disse-lhe ser inimigo do jogo mas que entretanto faria com o baralho qualquer habilidade para passar o tempo.

O feitor examinava attenciosamente os meus mais pequeninos movimentos.

A sala estava quasi apinhada de gente da fazenda. Dei cartas a escolher, o dono da casa tirou uma, que depois de baralhada apareceu no tecto. Em seguida repeti a mesma fazendo-a sair do bolso do feitor. Do mesmo bolso tirei varias moedas e um pequeno gato da casa, que ali deixara um instante antes ao tirar as moedas.

O homem estava como louco. Não podia comprehendendo como aquelle bichano e aquelle dinheiro ali tinham ido parar, quando elle mesmo se achava isolado n'un angulo da sala.

Tirei-lhe ainda cartas dos pés, dos cabellos, do chapéu e do nariz.

Para terminar a festa pedi licença ao dono da casa de o transformar n'um gato.

Sucedeu o que previa.

Raspou-se o pobre homem pela porta fóra exclamando :—
E' o diabo patrão, é o diabo ! Abra os olhos, se não nós hoje
estamos perdidos ! Cruzes !

Immensa vozeria e guincharia terminou a brincadeira e
pouco depois fomos ambos para os aposentos que nos haviam
destinado.

O companheiro ria-se. A's onze horas dormiamos como dois
padres.

3 de Setembro.—Madrugamos e no terreiro estavam os escravos
soffrendo a revista antes de seguirem para o trabalho.

Notei a boa ordem e o bom trato da parte do senhor que os
tratava como empregados, o que é rarissimo.

Permita-me o leitor desviar-me por instantes do meu tím
para dizer alguma cousa sobre essa horronda instituição.

A historia da escravatura no Brazil ou antes nas provincias
do sul é o maior vexame ou a maior mancha que encerra este
paiz perante o seculo XIX.

Não ha escriptor por mais atilado e replecto de sangue frio
que se não deixe esmorecer ou deponha a pena toda a vez
que se vê obrigado a dissertar sobre tal assumpto.

Quem como eu percorrendo numerosas fazendas, tem visto e
calado os mais hediondos supplicios, a que os homens feras su-
jeitam os seus semelhantes, não pôde deixar de tremer ao re-
cordal-as.

Nas fazendas da provincia do Rio os escravos são despertos

a chicote ás quatro horas da manhã, e uma vez fóra das senzalas e do quadrado é feita a revista, e lá se vão para a enchada, mudos e cabisbaixos, porque os feitores, homens brutos e perigosos, estão sempre de reicho em punho, promptos a não lhes perdoar as mais pequenas faltas ou distracções.

A alimentação d'estes desgraçados é desde o 1º de janeiro ao ultimo dia do anno, farinha de milho cozida (angú) e feijão sem tempero.

Carne é um milagre e o seu apparecimento. Alguns fazendeiros por excepção á regra geral, distribuem carne a esses infelizes uma vez por semana e quando o fazem é tão mesquinha a ração que não passa de uma prova.

Entre elles ha mulheres de cincuenta e sessenta janeiros que são empregadas ainda nos serviços da layoura.

De modo que esta infeliz raça cercada da crença obscura e supersticiosa e da vida bruta e selvagem, não conhece mais do que trévas em redor de si.

Depois da volta ás seis horas da tarde da roça, tem ainda que completar o serão até tarde da noite. De forma que as horas em sobra para o descanso das fadigas do dia, são tão curtas que nem mesmo as doçuras de Moþheu parecem conhecer.

Mas horror de vós se apossará caro leitor, se sois estrangeiro, sabendo que entre tantos désgraçados alguns ha que são filhos de seus proprios senhores e por este tratados a chicote e azorrague!

Algozes que chegam a applicar-lhes as penas mais horrendas e isto n'um paiz onde foi abolida a pena de morte !

Entre outros conhei um infame matuto fazendeiro na província de S. Paulo, o qual instigado por ciumes mandou arran-

car os dentes e rapar a cabeça a uma mulata sua amasia e escrava.

Esse traidor ainda depois castigou barbaramente a mãe da infeliz cortando-lhe as carnes com o azorrague e untando com melado as feridas, deixando-a nua para servir de pasto às vespas e maribondos. Este é o verdadeiro eyphonismo.

O resultado foi a mórté dias depois, vindo-lhe coroar os seus martyrios, antes que julgasse aviventar ainda a menor esperança de salvação e liberdade.

Quanto à sua filha, a amasia do mestre seu verdugo e que estava para lhe dar um filho, estando em perigo de vida pelos castigos e sevicias recebidas foi a mandado de seu senhor sepultada viva n'um pantano de onde em seguida foi retirado seu cadáver e cremado n'um forno do engenho da fazenda, assim de ficarem sepultos igualmente todos os vestígios do crime. Para esta operação o tal senhor necessitou de operantes também escravos, dos quaes um mais tarde confessou os seus actos.

O caso exposto é um dos muitos que sucedem constantemente n'este desgraçado paiz. Raro é o dia que a imprensa da capital do Imperio deixa de os registrar e quasi sempre a ação criminal desaparece apóz a pantomima dos corpos de delicto.

A escravatura é o sustentaculo da preguiça e da indolência.

Desapareça a escravatura no Brazil, que com ella ir-se-ha o que nós chamamos a grande hospitalidade mãe d'aquelles males. N'esta contradição ha varios significados.

Verdade é que a hospitalidade recebida em casa de um escravocrata, a devemos simplesmente ao escravo e não áquelle.

O senhor não se consome, nem se encommoda nem para nos dar um copo com agua; é sempre o negro, a machina ou

o animal do trabalho a quem tudo havemos e ao qual devemos agradecer.

Hoje porém o escravo tem encontrado protecção nos centros mais civilizados da paiz : é de esperar que dentro em poucos annos desapareça essa vil instituição.

A vida de muitos martyres e propagandistas talvez venha a ser dada em holocausto á grande causa da abolição.

Voltamos á nossa viagem. A's 5 e 20 da manhã partimos novamente.

A estrada era uma das melhores que temos conhecido. Caminho sempre de carro.

A's quatro horas da tarde chegamos á villa de Santa Rita do Paraizo.

Estava ardendo em desejos de chegar ao Rio Grande e portanto puz-me a caminhar.

O cometa meu companheiro havia chegado ao ponto de seu destino. Faltava-me d' ora avante a sua amavel companhia.

Apenas se galga a serra, avista-se o valle do Rio Grande. Ali o caminho é pessimo. O mais soberbo e vistoso arvoredo se nota desde Santa Rita.

A proporção que o viajante se vai avisinhando do rio sucedem-se as trocas de vegetação que dias antes observara algumas lognas atraç. Não são aqui já tão escassos os vegetaes arboreos e tão sensivel a diminuição de seu tamanho.

Ali estão representantes da familia das Solaneas. A *Physalis angulata*. caule de 5 a 6 decimetros, ereto ranificado, glabro, fistuloso, esquinado em quatro ou cinco faces ; folhas pecioladas, corolla amarella.

Sobressaem as Meliaceas e a formosa *Eugenia caulinflora*

(Myrtaceas) cujos fructos são agarrados ao tronco e não se tendo adiantado muito o viajante, quando o mais perfumado ar vem amenizar o seu olfato ; é uma especie das (Apocyneas).

A vegetação é cada vez mais variada e a natureza n'esta zona tem desenvolvido todo o seu vigor, tornando varias ao infinito as bellas fórmas, as lindas cores e os perfumes de suas producções.

Mais adiante na parte sujeita ás inundações a planicie estava coberta de grande variedade de gramineas.

Quando cheguei á barranca do rio flquei extatico, absorto, contemplando tudo o que tinha diante dos meus olhos.

Era já bastante tarde; mas um quarto de hora de atraso, e não teríamos passagem senão no dia seguinte.

Tomei uma das balsas, governada por tres homens e d'ahi a poucos minutos achei-me do lado fronteiro, onde me foi cobrado o devido imposto, como uma especie de monopolio a que estão sujeitos todos os que passam por ali.

Pizava então terreno do triangulo mineiro.

Montei novamente a cavallo e fui-me dirigindo para a fazenda do Barão da Ponte Alta.

Levava agora na minha companhia um rapaz que me servia de pagem. Um sujeito a quem o mando perguntar o caminho, disse-lhe que a fazenda ficava á esquerda da estrada, e o nescio comprehendeu sem nada dizer-me que devíamos tomar a primeira encruzilhada d'esse lado.

O resultado foi achar-me d'ahi a pouco, perdido no meio de uma grande matta e por caminhos mal trilhados. Nada mais facil do que o encontro de alguma alcateia de onças. Ora seguimos por um lado, ora por outro.

Cheguei a uma casa que reconheci ser uma olaria abando-

nada e lá fomos por outro trilho à esquerda sempre cercados da mais densa escuridão accendendo de instante a instante alguns phosphoros. Gastei todos os què trazia comigo e o rapaz igualmente.

Finalmente, depois de andarmos cerca de uma legua, percorrida em uma hora e vinte minutos n'aquellea deploravel situação, descobri uma porteira e passando-a vi-me em seguida no ponto de onde sahira pouco antes.

D'ahi a tres quartos de hora, sem deixar jámais a estrada grande chegava à fazenda.

O meu animal tinha feito n'este dia para mais de dez leguas.

O Barão não se achava em casa e eu já o sabia.

Depois de bater palmas por duas ou tres vezes appareceu-me una mulher trajando vestido de chita encardida, os cabellos em desalinho, os pés sem meias occultos nas pontas por umas tamancas de sola, tendo uma creança nos braços. Calculei sem duvida ser uma mucama ou creada da casa.

—A senhora baroneza, está ? perguntei.

—Uma sua creada, respondeu ella, mandando-me entrar. Percebendo que eu desejava simplesmente pousar, poz á minha disposição um commodo e ordenou ao camarada que desarreiasse os animaes.

Reconheci então na baroneza um hospitaleiro coração, suindo sempre quanto pôde a quaesquer formalidades luxuosas que lhe não estão a caracter.

Tratei de descansar, buscando o mesmo leito e posso garantir que foi uma noite excellente.

6 de setembro — Levantei-me cedo e depois de agradecer á baroneza o seu franco agasalho, puz-me só a caminho, porque

o guia achou melhor a separação, depois da sarabanda que lhe preguei na vespera.

Tomei um caminho que me ensinaram na fazenda, atravessando um cercado, depois outro, saí n'um lindo campo e ao meio dia chegava á Uberaba, mais conhecida alli por Prineza do Sertão.

Procurando o hotel da Balbina alli me hospedei e n'esse mesmo dia visitava algumas pessoas ás quaes ia recommendado.

De tarde perecorri quasi toda a cidade, encontrei-me com o Chaves, ex-collega de collegio, fui comprimentar os jornalistas da terra que reconhecendo em mim o ex-redactor e collaborador de varias folhas do Rio de Janeiro, offereceram-me logo as columnas dos seus jornaes.

Durante o tempo que estive em Uberaba collaborei em todos sem me metter na politica. Entretanto dei como sempre a conhecer que abraçava as ideias democraticas.

Demorei-me n'esta cidade cerca de um mez e alguns dias. Estive constantemente ocupado no exercicio da minha profissão e tenho a certeza que se lá não deixei amigos o que é cosa muito difficult, deixei ao menos sympathias.

Ahi vão transcriptas as noticias de dois jornaes apóz a miuha chegada, e em seguida o pequeno discurso que proferi no ateneu litterario.

«Chegou a sois e acha-se hospedado no hotel do Commercio o sr. Oscar Leal, conhecido cirurgião dentista que veio aqui exercer a sua profissão. Agradecemos a visita que se dignou fazer-nos.»

(Da *Gazeta de 10-10-84.*)

•Acha-se n'esta cidade hospedado no hotel de D. Balbina, o
sr. Oscar Leal habilissimo cirurgião dentista que aqui vem exercer os misteres de sua profissão.

•O nosso hóspede é um bellissimo cavalheiro que muito se recomenda não só por sua nobreza de carácter, como também por sua variada ilustração.

•Durante o tempo de seus estudos no Rio, Oscar Leal trabalhou assiduamente em diversos jornais da capital do império.

•Uma pequena amostra do seu fino espírito faz parte do nosso folhetim de hoje cuja secção s. s. comprometeu-se tomar a seu cargo durante sua estada n'esta cidade.»

(Do Waggon 12-10-84)

Estava eu portanto apresentado ao hospitalero povo Uberabense.

Um dia fui admitido como visitante no Atheneu Litterario e sociedade abolicionista. A esse respeito o Waggon de 9-11-84 assim se exprime:

«Discurso.—O sr. Oscar Leal, que actualmente se acha n'esta n'esta cidade, dignou-se de visitar o nosso Atheneu Litterario, assistindo á ultima sessão, proferindo ao terminar o seguinte discurso.»

•*Senhores membros do Atheneu Litterario Uberabense!*—Demorando-me embora pouco tempo n'esta cidade, onde me trouxe o exerício pratico da minha profissão, eu que amo a literatura e desejo o desenvolvimento, não só d'esta província como de todo o paiz, não posso deixar de, n'este momento, tornar paten-

tes com a minha palavra a alegria de que me sinto possuído, por ver-me em terra estranha coberto de provas de phylantrópia e amizade, em meio de uma geração de rapazes amantes do progresso e da liberdade.

A minha humilde palavra e a minha rude intelligencia são mesquinhos bem sei, mas a vossa benevolencia me animará a prosseguir. Sinto-me alegre e feliz, sabendo que vós em maioria seguiis as ideias avançadas do seculo e não vos deixareis levar por ideias despresíveis e fanaticas.

Sei que tendes tomado a peito tambem uma das grandes questões que agitam o paiz. Da escravatura senhores é que fallo, porque eu não reconheço qual o direito que possa existir do homem sobre o homem.

A emigracão foge, e logo espavorida ante as scenas barbares que muitas vezes temos presenciado no interior das províncias. O emigrante deixa no Brazil de sujeitar-se aos trabalhos da lavoura, é verdade, mas a causa é facil de comprehender-se. É que n'este paiz a lavoura está deshonrada pelo chicote, pelo azorragne, pelo instrumento mais aviltante que se conhece.

Entretanto caminham sempre pelo terreno legal, fazem prever a direitas de uma raça, não vos importais com os espinhos de hoje, que mil glorias vos rodeiarão amanhã.

E é a província de Minas que primeiro deve caminhar n'esta questão porque foi ella que produzindo um *Tiradentes*, inentiu no espírito dos povos a ideia da liberdade.»

A cidade de Uberaba, também conhecida como o leitor já sabe por Princesa do Sertão, está situada num sitio bastante desagradável à primeira vista.

Nas suas circumvizinhanças descontam-se vastos panoramas

havendo pontos onde a natureza se desenvolve sob a forma de uma vitalidade exuberante.

Campos enormes, chapadões, charnecas, matos sombrios e solitários, chamam quasi sempre a atenção do visitante.

Tudo ainda jaz no estado quasi primitivo.

Terrenos immensos e bastante ferteis completamente abandonados; todavia a riqueza mineral, é consideravel e não explorada na maior parte.

Dentro de quatro annos pelo menos os uberabenses terão o prazer de ver o progresso bater-lhes ás portas. A companhia E. F. Mogiana, obtendo a realização do contracto necessário não tardará a estender a linha até esta cidade.

Que ella chegue sem tardar, pois as estradas de ferro não só encurtam as distancias, como trazem também o progresso e o adiantamento entre os povos.

Eles se unirão pelos laços da mais sincera amizade, quando a intriga e a mentirra, alimentadas pela extravagante política sertaneja de hoje, cahirem no mais profundo e feliz esquecimento.

Uberaba possue um commercio activo e importante.

E pode dizer-se o emporio do sertão. Durante a estação pluviosa para ali acodem milhares de longiquos sertanejos em busca ou troca de mercadorias.

As principaes ruas são do Commercio, Vigario Silva, etc. Tem seis praças. É bastante conhecido o pitoresco bairro dos Estados Unidos, onde numerosas deidades residem, aspirando um ar mais refrigerante que os moradores do centro da praça. Ha ali um Atheneu Litterario e sociedade abolicionista e dramatica e Escola Normal regularmente frequentada.

São publicados quatro jornaes, tem um pequeno theatro e

uma variedade de alçapões com o nome de capellas ou egrejas.

Distante uma legua da cidade acha-se estabelecida em optimo local a conhecida fabrica de tecidos do Cassú com regular numero de operarios.

O estado actual da cadeia, das ruas, e iluminação é que é pessimo.

Os esgotos e escoamentos são quasi que inteiramente desconhecidos.

Julgo não dizer mais do que aquillo, que todos sabem e conhecem.

Tenho fé porém, que apenas o silvo do progresso repercutir n'essas paragens, tudo mudará como a noite para o dia. Então será facil aos senhores viajantes de todas as classes visitarem esta hospitaleira cidade, sem temor de nas noites tenebrosas, esbarrarem n'algum barranco do gasto e irem de beque em terra.

No dia 6 de Novembro fez um mez que me achava em Uberaba.

Uma idéia naturalissima veio despertar-me nas horas vagas durante alguns dias. Consistia na publicação de uma folha viajante como practica do sistema americano e propaganda da arte dentaria. Seria talvez a primeira n'este sentido publicada no Brazil, e seria tambem, jornal de distribuição gratuita e sem dia marcado de publicação.

Puz mãos á obra e a nove do mesmo mez era espalhado o primeiro numero em pequeno formato.

A 14 de novembro estava eu em vesperas de partida. Ia deixar a Princeza do Sertão, e resolvera ir até Paracatú, distante d'alli perto de setenta leguas.

Todavia a capital de Goyaz ficava à esquerda e lá seguia para a direita! Coisas de occasião.

O Casa Branca negociante madeirense estabelecido n'esta cidade acabava de fornecer e indicar-me um bom guia que ia vencendo cincuenta mil reis mensaes. Não me agradou franca-mente a sua cara, porém como as mais das vezes as physionamias não regulam tomei-o ao meu serviço.

A 15 de novembro apoz o almoço, parti de Uberaba depois de mil abraços e comprimentos. Até alli tinha já percorrido a cavalo uma extensão de sessenta e quatro leguas; entretanto em direitura de Casa Branca lá ha somente cincuenta.

Apenas perdi de vista a cidade fui entrando no meio de campos lindíssimos, onde a vista sumindo-se ao longe não alcança os topos do horizonte.

Logo um bando de aves grallipedes atravessaram a estrada em vertiginosa carreira.

Estes animaes conhecidos por esses centros pelo nome de Emas, são congeneres do abestruz. Tem a cór gresia uniforme, plumagem pardacenta, mais escrva ainda sobre o dorso.

Diz-se que muitas femeas põem às vezes n'um só ninho e tambem na areia, grande numero de ovos que são incubados pelo macho. Cada um d'estes ovos tem o peso e o volume de mais ou menos 8 ou 10 dos de gallinha.

Quando cheguei ao pouzo denominado Rio Claro era noite. Vencera ainda sete leguas n'este dia.

Esse pouso constava de um pequeno repartimento, onde já estavam arranchedados o estafeta do correio e outros dois viajan tes sertanejos.

O guia começou logo em disputa com o rancheiro por falta de milho para os animaes, e se não fosse metter-me no meio da

festa teriam sem dúvida resolvido a questão a cacete. O facto é que desde logo fui alimentando certas desconfianças contra tal companheiro que não me parecia boa bisca:

Ordenei ao rancheiro que nos desse de jantar, e tive mais uma vez occasião, para certificar-me de quanta é a miseria que existe no interior do paiz, filha da apathia, do mau entendimento e do pouco amor ao trabalho que é nenhum entre tal gente.

Vive um homem com mulher e filhos n'um rancho de tosca apparencia, nas beiras da estrada, e como os viajantes muitas vezes é que os suprem do necessario com pequenas esmolas, que não são mais do que a paga de companhia, de algumas massarocas de milho ou de um triste prato com arroz, porque mais nada elles tem para dar ou vender; não enidam em lavoura, nem industria e nem mesmo no ensino dos filhos criados em tosca e vil ignorancia, rotos, esfarrapados e como ursos selvagens oecultando-se até mesmo das vistas de todos.

Eis o espectáculo que muitas vezes se me depara n'estas e n'outras províncias.

Ora de bom grado, apoz uma longa viagem, extenuado e morto de fadiga, daria boa e generosa paga, por um bom leito e uma boa ceia; mas qual, como sempre ainda d'esta vez tive para comer arroz e ossos de capado porque a carne comeram-ma elles.

E depois d'isto um gole de aguardente da minha *tayacuba* e uma chicara de café comprido, à moda do que se encontra nos kiosques fluminenses. Estava terminado o banquete!

Áh que se n'um d'estes momentos podesse deixar aquella espelunca e entrar no Stad de Coblenz do Rocio, na Maison Moderne ou no café Brazil! Pregar um pontapé em toda aquella traquitanda de viagem e entrar n'um phacton mais uma dulcinea

e gritar ao cocheiro: Botafogo, e depois ver o champagne espumar como o elixir da ventura!

Oi a distancia porém esquece tudo.

A falta de progresso eclipsa as delicias da vida. Daremos tempo ao tempo. Esperança e fé, e por emquanto estudemos e admiraremos a natureza que nos falla tambem.

Coragem! sempre coragem, mais um conato que jamais deve ser derelicto e caminhemos para o circulo do saber.

Voltemos ao rancho.

O guia amuado e fóra de si não quiz jantar e deitara-se ao relento porque no pequeno commodo não havia lugar para elle.

A minha cama não foi das piores e com isto quero dizer que as ha ainda inferiores. Era a primeira vez que me via obrigado a dormir sobre um couro. Foi quasi uma noite em claro.

16 de Novembro — Madruguei e seguimos viagem logo depois de ter partido o correio.

Desde Uberaba que só tinha deante e atraç de mim paysagens deslumbrantes, campos lindissimos e poucos cerrados.

N'estes campos como tive occasião de examinar encontram-se muitas plantas medicinaes.

Duas ou tres especies me chamaram a attenção porque embora pouco usadas são de grande efficacia no tratamento da syphilis. Pé de perdiz (*croton antiphisyliticun*) das Euphorbiaceas.

As folhas resinosas e acres, mas aromaticas. De infusão serve e procede como diureticos, diaphoreticos e incitativos da accão dos nervos.

Aproveitam-se tambem em quaesquer ulceras, boubas, etc.

Lanceta, outra especie pouco conhecida, mas muito usada pelos curandeiros.

Na beira de um *Ygarapê mirim* vi casualmente um lindo *In-*

dayacú (Euphorbiaceas) classe das acridulas. O coco d'esta palmeira, segundo ouvi dizer, é usada pelos gentios como purga.

Neste dia andamos cerca de nove legnas até chegarmos ao arraial da Ponte Nova onde procurando a casa do sr. Olympio Góes, obtive logo boa pousada.

Esta povoação está situada junto ao rio das Velhas, cujas aguas correm encachoeiradas por entre enormes e assombrosos penedos, tal a vista que impressiona o viajante.

17 de Novembro — Depois do almoço parti novamente. A uma hora da tarde cheguei ao arraial d'Água Suja.

É uma povoação de garimpeiros. As enormes covas e esburacamentos em volta das casas bem denotam o trabalho de muitos anos.

Este arraial está a oitocentos metros acima do nível do mar.

Entrei em casa do senhor agente do correio que me ofereceu uma chicara com café. Depois de curta palestra continuamos a marcha e às seis horas da tarde entrava na cidade da Bagagem.

Procurei a casa do conhecido e acreditado negociante português Joaquim Saltão, que me recebeu com agrado dando-me provas de hospitalidade. Homem que possue todos os dotes precisos para a vida commercial, conseguiu adquirir uma boa fortuna e tornar-se merecedor de geral estima e sympathia.

A Bagagem, meu caro leitor, é a terra dos diamantes. Achasse dividida em dois districtos, meia legua de distância um do outro. No distrito denominado Estrella do Sul, foi encontrado em 1833 por um preto captivo o famoso brilhante, conhecido hoje pelo mesmo nome.

O diamante de que falo saiu do Brazil por dez réis de mil

coado, e entretanto é calculado hoje o seu valor em mil e tantos contos. Foi propriedade há pouco de um joalheiro em Paris, que o alugava a ricas damas para os grandes bailes e festas na bella e luxuosa capital.

Tive occasião de assistir aos trabalhos de mineração e convencido fiquei de que não passa de um vicio a tal mania de procurar diamantes. É um jogo horrível.

Eis um mancebo, filho de uma abastada familia da província do Rio, que movido por semelhante sina, ali se acha há cerca de alguns annos com empregados e escravos, e os resultados tem sido sempre inferiores aos gastos.

Disse-me terminantemente que ou d'ali sairia rico, com o valor de uma boa pedra, ou voltaria para a sua provícia sómente com a roupa do corpo e o seu burro.

Entretanto quer-me parecer que no achar uma boa pedra encontra-se a mesma dificuldade que no tirar a sorte grande.

Gostei porém de assistir aos trabalhos dos garimpeiros que consiste na remoção do cascalho, a lavagem do mesmo nas bateas (crivos) e depois a apuração tem muito que ver.

Reuni ahí uma variada colleção de pedras de formação tais como : palhas de arroz, marumbé, fundo, pingos d'água, ferragem e muitos outras exquisitas qualidades.

N'esta cidade tive ensejo de conhecer o distinto jovem advogado, dr. Theodoro Dias de Carvalho, e o sr. Francisco Moreira de Bittencourt, capitalista e pessoa de excellentes qualidades.

Parti em direcção a Paracatu, no dia 26 de Novembro, cuja distancia é de quarenta leguas.

A's quatro horas da tarde cheghei à villa do Carmo da Bagá-

gem, onde me demorei apenas meia hora, indo pousar além no sítio de José Januario.

Excellentes campos de crecar, mas sempre pequeno o numero de cabeças de gado que conta cada inverneiro.

O sr. Januario deu-me um bom commodo e uma boa cama, mas no curral contíguo ficaram presos durante a noite muitos bezerros, cujo berreiro infernal não me deixou dormir.

27 de novembro—Estava de pé *ao coem miri*, deliciando-me com uma cuia de leite, mugido na minha presença.

Depois do almoço segui viagem e às quatro horas da tarde cheguei a novo pouso apoz seis leguas vencidas por um sol ardente a toda a prova.

Durante o dia não encontrei um só viajante na estrada. Havia passado o arraial dos Dourados, outra povoação de garimpeiros.

Como fosse ainda cedo, deixei o camarada dispondos os animaes e corri para a *Iby peba* com a espingarda.

Matei apenas uma codornix, e uma jurity, deixando no engaste um papagaio por não lhe chegar.

Voltando ao pouso, e apoz curta refeição estendi-me n'un banco fumando um cigarro. Comecei então a sentir certa comichão na pelle e logo vi que uma malta enorme de *jatiucas* e *rodoleiros* invadia-me sem dó a superficie do corpo. A propria roupa estava d'elles coberta literalmente.

O guia mais o rancheiro riam-se a valer, e eu no auge da impaciencia recolhi-me a um repartimento arrancando brutalmente a roupa para fóra do corpo.

N'isto uma raparigona acaboclada veio-se-me oferecer para m'os catar e de costas viradas dispuz-me á operação.

A rapariga era nova e sympathetic e como nos achavamos a sós, gostei do final da festa.

28 de novembro—Levantei-me ao romper do dia. Os animaes já se achavam ensilhados. Tomei uma ligeira refeição que constou de um pedaço de charque e café. A carne estava quasi acabada assim como alguns mantimentos de que me sortira mal, por falta de conhecimento sobre aquellas estradas, e portanto seria preciso compral-a no primeiro pouso e por todo o preço.

Antes de partirmos a mocetona da vespera veio dispedir-se trazendo-me de prezente dois genipapos. Quiz-lhe retribuir com um beijo, mas o diabo do tio ali se achava na occasião.

Segui pois e logo encontrei uns carreiros que voltavam do porto Vereda dos soldados no Paranahyba para onde caminhavamoſ e que nos trouxeram dolorosas noticias. Diziam elles que ali nunca houve balsa para fazer-se a travessia e que as duas unicas canoas tinham ido *ygarapé* abajo com a ultima enchente.

Olhei inquieto para o guia, homem affeito a tudo e que me fez signal de que não me encomodasse. Continuamos o caminho e ás quatro horas da tarde cheghei á barranca do rio que poderá medir n'este ponto oitenta braças.

Ali estavam carros e carreiros com cargas, encommendas e saccos de sal, tudo amontoado sem poderem obter passagem.

O guia depois de reflectir seriamente presenciando tal scena, voltou-se para mim dizendo :

—Se o patrão sabe nadar e está disposto a gastar alguns cobres, eu vou-me empenhar com os carreiros, assim de alcançar passagem das cargas e dos animaes.

Respondi-lhe favoravelmente e logo deu elle principio á idéa

que constou de improvisar uma especie de jangada com as ta-
buas de um carro e n'ella depositou cargas, arreios, roupas e
tudo o mais, fazendo a travessia a nado mais dois caboclos e
transporte para o lado opposto.

Voltaram finalmente assim de passar os animaes. O especta-
culo que ia presenciar, era para mim completamente novo. Vêr
animaes nadar. Qual novo Adão colloquei-me de cocoras no
alto de um barranco, a geito de contemplação.

Os primeiros foram muito bem. Havia porém uma besta ve-
lha que me vendera o Casa-Branca de Uberaba, que nem por
nada entrava n'agua.

O diabo era ruim a valer.

Eu porém ria-me ainda mais, a cada esforço baldado do guia
que a castigava deshumanamente. Durou a massada cerca de
uma hora, quando depois de varias surras, caiu ella no rio e
teve que nadar até o lado fronteiro.

Era então a minha vez de tomar um banho obrigado.

N'este momento lembrei-me da infancia, quando no Funchal,
em companhia do Valente meu mestre de natação, ia banhar-
me nas praias da Pontinha. Recordei-me ainda de uma vez que
atravessara a nado mais um amigo, a enseada de Botafogo no
Rio de Janeiro. Sem reflectir mais em perigos, atirei-me á agua
e d'ahi a poucos minutos estava no barranco fronteiro. Paguei
aos caboclos os seus valiosos serviços e fui para um rancho onde
tinha de passar a noite. O nosso *tembiú-oçú* constou de peixe
do rio ensopado e pirão de farinha de mandioca.

„ Não encontrei nada mais para comprar. Os poucos morado-
res que ali haviam, não tinham lavoura nem mesmo creaçao.
Vivem quasi exclusivamente da caça e da pesca.

Estavamos ainda a vinte e duas leguas de Paracatú e só exis-

tia em matula, dois litros de *nipuba* e nada mais. Havia ainda algum pó de café, porém faltava o assucar.

E a culpa foi minha e do guia que não me avisou por não conhecer estes sítios, onde reina a maior miseria.

29 de novembro—Levantei-me cedo e sentia fome, mas nada havia que comer. Caminhava-mos sem duvida para o desconhecido. Triste situação a nossa.

Partimos e depois de uma hora de marcha, a tal besta velha prega-nos uma grande peça, fugindo para traz e indo o guia prendel-a no alto d'um *ybytyra*.

Durante este tempo estive sentado debaixo de uma *carahybeira*, no alto da serra, contemplando extatico e silencioso a beleza com que se ornavam as paysagens desenroladas em vivos quadros na minha frente. No meio de tão pavorosas solidões, lembrei-me da familia, dos amigos e de todos finalmente, mas sentia-me satisfeito porque poder-lhes-hia mais tarde relatar em gordo pleonasmo, que vira com os meus olhos as mais indescriptíveis sublimidades.

Até este ponto tinha eu desde Casa-Branca percorrido uma extensão de cento e oito leguas.

A estrada n'aquelle parte dividia ou separava as províncias

Do lado esquerdo era territorio goiano, do direito mineiro.

A vista estendia-se sobre uma enorme extensão e nem uma choupana, um rancho, nem um só vulto humano se devisava. Algum passaro vagabundo passando veloz atravez d'aquellos campos solitarios, longicuo cantar das *jakiranas* e no mais a natureza muda e queda no regaço de seus arcanos.

Impressões ha que a imaginação é impotente para crear e

que só podem comprehender aquelles que as tem experimentado.

Ao subir da serra o horizonte é encantador, dobrando a montanha esse horizonte desaparece a nossos olhos e logo na encosta principia um não sei que toque de melancolia ás nossas impressões ainda agora tão alegres pelo explendor da vegetação, o sussurro das aguas, o esplendor dos rios, o gorgorio dos passaros e o pitoresco d'esses logares que acabavamos de atravessar.

Como que o reverso d'uma medalha. Além parecia-me que continua a ser uma região inhospita e selvagem; a vegetação luxuriosa rareia e a pouco e pouco tornava-se para nós um sonho, nem um fructo, nem uma pequena mata de palmeiras.

Tudo era rachitico e a relva amarellada estendia-se por onde as fragas lhe não impediam o desenvolvimento.

Parti pois novamente apenas o guia voltaria.

Devíamos ir poupar d'ali quatro leguas. Ao passar um lugar conhecido pelo nome de Sussuarana, dei por falta da minha patrona de viagem, que ficara atraz e como o camarada se mostrou com cara de poucos amigos, ordenei-lhe continuar a viagem, que eu voltaria ao encontro da mesma bolsa onde trazia objectos de importancia e cartas de recomendação.

Consegui alugar um cavallo a um morador d'ali, deixando em descanso o meu burro. Voltei a galope até ao sitio onde antes me apeiara, encontrando o que buscava.

Duas leguas de ida e duas de volta, vencidas no pequeno espaço de uma hora e 40', em vertiginoso galope!

Paguei generosamente o aluguel do cavallo e segui de novo no meu burro.

A noite vinha envolvida no seu manto de trevas. E cada vez mais caminhava para o desconhecido, só, silencioso, com o dedo polegar prezo ao gatilho da minha garrucha. Ouvi dizer que outr' ora aquelles sitios foram theatro de scenas tristes, praticadas por uma mantiqueira (quadrilha de ladrões e assassinos).

Quem sabe portanto se ainda hoje os ha nas immediações e não ignorando que na vespera o viajante pousara em tal parte o esperam de arma prompta.

O cerebro principiou-se-me a povoar de terrores vagos. De espaço a espaço uma corrente impetuosa corta ás veredas, e creio ter diante de mim um vulto que se sombra immediatamente.

Quiz soltar um grito mas contive-me. Muitas vezes ha também sensações luminosas que os olhos percebem nas profundas obscuridades, mas para os homens de sangue frio, existe em seguida o momento de reflexão e desillusão.

Agora sim, o caso não era para duvidar, estava percebendo, sem distinguir, um pequeno ruido perturbar a nudez d'aquellos campos.

Parei e puz-me à escuta.

Não havia dúvida, outro cavalleiro, e depressa o tive perto de mim.

Era o guia que voltava ao meu encontro. Seguimos e ás nove da noite chegámos ao pouso dos Pilões.

Eu queria comer, estava morto de fome. O rancheiro poude apenas ceder um frango, um prato com arroz e meio copo de caói.

Satisfiz-me a refeição e cansado como estava busquei no

somno alivio para as fadigas do dia, e forças para as do seguinte.

30 de novembro—Às seis horas de pé com os animaes arreiaados ; às sete partimos.

Era enorme o chapadão que buscava vencer ha dois dias.

A's tres horas da tarde cheghei ao pouso do Cangalha.

Ora o que imagina o leitor ser o tal cangalha ? Um curral coberto de palhas de burity com duas pequenas divisões e colocado no meio do mais medonho deserto.

Como estava ainda sem almoço e jantar, pedi ao dono do mesmo alguma cousa para comprar, mas elle nada tinha e os seus bezerros e vaccas não vendia por dinheiro nenhum.

Apenas cedeu-me um pedaço de cêbo, que substituindo a manteiga de porco ou gordura, serviu para o guia ir preparando um pirão, no qual havia a gastar a ultima farinha. Quanta penuria ! Era occasião de uma pessoa perguntar a si propria, que valor tem o dinheiro ?!

N'este comenos dei uma volta algumas braças distante do curral, n'um terreno alagadiço onde haviam muitas d'essas originaes palmeiras, cujos cocos novos, n'uma d'estas occasões são de grande utilidade ao viajante.

Essa palmeira conhecida pelo nome de Burity, tem de altura 130 a 150 pés e um ou dois de diâmetro. As frondes são em forma de leque e o cacho tem a forma de um cone escamoso. O coco do tamanho de duas polegadas, apresenta a superficie ouricada. A polpa é consistente e fibrosa.

Nos sertões de Minas, Bahia e Goyaz preparam com a polpa sebacea um doce que tem o nome de *Sagita* e é bastante apreciado.

O dr. Pecholt diz que o tronco d'esta palmeira apresenta uma

madeira leve, esponjosa e fornece pela incisão um suco saccharino contendo cerca de 30 por cento de glucose, e fornece pela fermentação uma bebida vinhosa muito apreciada pelos habitantes.

Os indigenas obtém do cacho flor, uma excellente bebida comparável ao champagne. Do miolo do tronco tiram ainda uma substancia amylacea, especie de sagüi e bom sustento. Das folhas novas e da seda fazem embira e depois rôdes, cordas, etc. Com as folhas cobrem as habitações. Assim é que todas as choupanas e ranchos que existem n'estas alturas são cobertas com essa palha que deve ser reformada annualmente.

O calandra palmarum insecto que aparece no tronco podre, põe ovos, d'onde sae uma lagarta de que os indios fazem ótimo manjar.

O oleo da polpa do buriti é empregado como verniz, bom para pelles, solla, etc.

Esta util palmeira é muito commun n'estes sitios, e entretanto até hoje não consta que ninguem se lembrasse de cultivá-la.

Não com pouco trabalho consegui encher os bolsos e o chapéu, dos taes fructos, voltando ao curral.

Foi esta uma das refeições em que me senti vivamente impressionado.

E que noite horrivel foi essa! Faça o leitor ideia que d'entro d'aquelle curral passei a noite estendido n'un couro duro como ita e tendo meia duzia de bezerros por companheiros! O meu leito tinha semelhanças a uma arapuca, tal foi o cuidado que tive em cercal-o de varios trens, por causa dos bichos. Triste noite essa! Além do berreiro do costume, os malditos pernilongos, e borrachudos offendiam-me sensivelmente. Apóz a picada

a horrivel comichão. Lembrando-me de que n'esta vida ha sempre espinhos tudo soffria com paciencia.

1 de Dezembro — D'esde *picajé calú* quo o sonno me abandona e eu de momento a momento levantava impaciente a cabeça, olhava fóra, como para me certificar se o dia se resolvia ou não a despontar. Apoz um bom pedaço de tempo, notei que começavam a raiar uns clarões esbranquiçados nas nuvens do zenith.

Era o reflexo dos primeiros clarões de *aratuba*. Nada porém apparecia atravez d'esta aurora indecisal. Entretanto já ouvia os matutinos gorjeios dos *guyras* escondidos por entre as folhas sobrotundas de uma arvore fronteira ao curral e os ultimos *kocrikos* do gallo no seu poleiro.

Continuava alerta por entre o roncar do guia parecendo crescer-me sem limites a intensidade da vista, tal era o desejo que tinha de levantar-me.

Por finh começou a illuminar-se a penumbra da manhã e como uma lembrança se apossasse de mim, dei um salto e soltei um grito:

—Viva a abolição!

O guia abrio os olhos, impertigou-se, levantando-se tambem.

Este dia 1.º de Dezembro era de eleições geraes em todo o paiz.

Não havia a notar ou a saber se o candidato era conservador republicano ou liberal?

A questão tinha outra cõr politica. Tratava-se de saber se era abolicionista ou escravocrata.

A sorte de um milhão e tantos infelizes, ora no captiveiro, espera o dia da liberdade!

Quem dir-lhes-hia ser isto um sonho!?

A liberdade voluntaria é um acto philantropico, e a philantropia, é raro partir d'aquelle que vive do suor do seu semelhante.

Às seis horas da manhã estávamos a caminho. Do Cangalha a Paracatu ha quatorze leguas. Pizavamos ainda o terrivel chapadão.

Depois de algumas horas de marcha, senti sede, e agua nem vestigios d'ella, senti fome e nem um osso! Nada absolutamente nada! Parecia-me incrivel a mudez d'estes cerrados. Como que a vida não chegou a taes alturas. Nem um passaro! Uma ave! Animal nenhum!

A palmeira Burity que só existe em terrenos alagados é de longe o unico aviso ao viajante que vem com sede. Procurei-a e não a percebi em toda a roda. Dia e meio sem comer e sem beber!!

Às duas horas da tarde chegava a S. Caetano, outro sitio semelhante ao Cangalha. A apparencia d'este rancho bem denotava a extrema pobreza e a evidente miseria em que viviam os seus moradores. Uma indolencia a toda a prova, sem mesmo mercer descripção, tal é o horror de que o viajante se apossa.

A porta era composta de varas. Chamo uma, duas, tres vezes e ninguem responde.

Finalmente surge uma velha cabocla com feições de mumia o nariz profundamente deprimido na base, os cabellos soltos, como se nunca conhecessem pente, e completamente nua da cintura para cima, deixando ver uns peitos caídos e mirrados A saia cuja fazenda impossivel era o saber-se a que especie pertencera, estava em tiras e farrapos, fleando quasi à mostra as partes que o pudor e o recato manda occultar.

Cheguei-me a ella e pedi para me vender um frango, um leitão, um bezerro, fosse o que fosse. Como um boi n'aquellas al-

turas tem pequeno preço, compraria um boi e dar-lhe-hia quasi todo reservando para mim o necessario tão somente, porque o meu desejo era mitigar a fome.

Nada, absolutamente nada tinha que podesse vender nem mesmo offertar.

Puehei de uma nota de dez mil reis e fiz-lhe ver que lha dava a troco de um pequeno frango se tivesse. Alem de moedas de cobre ella não conhecia outro dinheiro, e depois que lhe expliquei a minha paga pelo seu valor, vi que com dinheiro ou sem elle alli nada arranjava.

Cahi então em profunda reflexão e voltei-me depois para o guia que presenciara os meus esforços.

Disse-me elle saber além de tudo, que n'aquelles pastos os animaes morrem hervados e que muitos tem perdido tropas e boiadadas de um dia para o outro. Esta maldita herva encontra-se nas bordas de pequenos capões de matto.

N'estas dolorosas emergencias en via a situação complicar-se cada vez mais.

Haviamos n'este dia vencido já sete leguas, poderíamos vencer outras sete até Paracatú, unico ponto de recursos?

Estava-nos reservado o experimentar.

O guia mudou os arreios para um animal que vinha a destro e partimos novamente. Eu seguia no meu valente burrinho russo.

D'ahi a pouco descia-mos a encosta, serpeando nos flancos da quebrada e deixando á esquerda o terrivel chapadão.

O terreno que pizavamos era mineiro.

Fiz essa desci-la a pé por commodidade e assim venci uma boa egua parando sómente uma vez em que me ferio a vista as colres vivas de grande numero de fructos pequenos pendentes dos

râmos de uma arvore e outras junravam o solo dessiminadas; logo reconhecemos serem *muricys*, de que os indios se alimentam muitas vezes. Uma duzia d'elles que consegui colher, não os comi devorei-os.

Logo depois vi pela segunda vez outro bando de Emmas atravessar a estrada, sumindo-se nos cerrados.

Às quatro e trinta e cinco minutos atravessei um rio que poderá medir quinze a vinte braças de largura. Estas aguas convergem para o S. Francisco. Quando ia-mos a galgar outra encosta, o sol sumia-se no horizonte e o crepusculo sucedia-se ao dia. N'um alto distingo ao longe a cidade aurisera, Paracatú a fada sertaneja e de alegria disparo ao acaso a espingarda.

Um espectáculo esplendido no meio de um silencio profundo.

A noite vinha serena e a lua sahia finalmente das nuvens que a envolviam, e cujos raios rompiam a obscuridade. Era imensa a pureza do espaço e a immobildade da atmosphera.

Esta noite condensava o calor disperso que o dia legaria á noite subsequente.

Caminhava adiantado do camarada e concentrando-me mais nos meus proprios pensamentos. De repente achei-me em medonho sitio. Era evidentemente uma cóva formada pelas chuvas no alto do outeiro.

Seriam então nove horas da noite. A cidade estava a alguns passos. O murmúrio da praça diminuia e na placidez da natureza expansiva havia uma solemnidade sublime.

Logo atravessei os terrenos das minas de ouro exploradas pelos antigos.

Ao passar duas ruas pareceu-me, embora de noite, estar n'uma capital em miniatura.

As suas ruas são alinhadas e calçadas, bom aspecto, etc.

Ao passar um beco um individuo perguntou-me a distancia:
—Prenderam o homem?

Comprehendendo que era victima de algum engano não dei resposta. Tratava-se sem duvida de algum *melcatrife* evadido, atraç do qual haviam ido no enalço.

Dirigi-me então á residencia do coronel Domingos de Ulhoa a quem ia recommendedo pelo seu filho o dr. Thomaz de Ulhoa medico em Uberaba.

Recebeu-me com agrado e mandou-me hospedar n'uma casa contigua á de sua morada.

A fome, oh a fome nos devorava. Dous dias de quasi completo jejum e, outros dous de bem máo passadio.

Mandei o guia comprar vinho, requeijão, duas latas de linguiça e lombo de porco fresco.

Satisfez-me completamente o que se encontrou, menos o vinho que era uma perfeita zurrapa, com o nome de vinho de Lisboa a tres mil reis a garrafal!

Na cidade havia bastante povo de fóra porque o dia fóra de eleições. Constava já, ter vencido o dr. Montandon candidato abolicionista.

Depois de preparado o meu commodo estendi-me no leito lembrando-me que estava já a duzentas leguas do litoral.

A 2, levantci-me cedo e apenas vestido sabi a percorrer a cidade.

Logo notei que um grande numero de pessoas sofriam de bronchocele ou papos e conheci até mesino um individuo que tinha nada menos que dous papos.

Esta cidade fico a 700 k. ao N.O. de Ouro Preto, capital mineira.

As ruas, das Flores do Avila e de Goyaz são as melhores e o principal predio é realmente o do coronel Ulhoa.

As janellas de muitas casas tem rotulas ou portas de pequenas frestas, usadas no seculo passado nos conventos de jesuitas para asturios fins.

Systema estupido de educar uma rapariga futura mãe de familia, affastando-a dos olhares curiosos e das regalias da vida de solteira, quando pelo contrario ella deve ir conhecendo tudo para mais tarde formar um juiso.

Mesquinhos preconceitos de uma classe estulta que se erguem para sombra de todos os malles.

Em Paracatu, mulher alguma sai á rua para ir escolher fazendas nas lojas, tndo lhes vai a casa.

N'este lugar as cores vermelhas, verde e azul, são immensamente apreciadas, assim é, que tanto se vê essas cores nos enfeites de vestidos como nos de habitações.

Aos domingos as familias apparecem quando vão ou quando voltam da missa. É um povo muito bairrista. Em todo o caso ha alguns homens bastante adiantados.

Em Paracatu a instrueçao espalha-se sobre todas as camadas sociaes, e honra lhe seja feita. Qualquer creoulo ou individuo que nunca ensiou nos pés um par de sapatos, falla em regras grammaticaes.

Ha, porém, a mania do professorado, e assim é que apenas um rapaz sabe ou conhece meia duzia de termos, aspira logo ao lugar de professor.

Alli conheci um d'estes que não sabia nem preparar um xarope, usando de substancias contrarias ás receitas, talvez por lhe faltarem essas mesmas substancias, como tive occasião de presenciar, e no entanto dizia-se e fazia-se professor de linguas,

sciencias e artes e até jornalista, mas o povo conhecendo que o tal jornaleco não merecia aceitação pelos māos alinhavos do boticario redactor, negou-lhe o seu apoio deixando de existir.

Em Paracatu ha alguma industria e pouco commercio. Existe grande numero de vendinhas que vendem fumo, cachaça, e quitanda nas quaes todo o capital não passa de cincuenta mil reis!

Cada proprietario taberneiro é ás vezes pai ou chefe de familia e não busca outro emprego.

O numero de braços empregados nos trabalhos de mineração é muito diminuto e entretanto o ouro encontra-se até nas ruas da cidade.

O bello sexo é bastante amavel mas vi poucas caras soffríveis. Os rapazes passam uma vida muito reconcentrada. Não ha divertimentos, não existe um gabinete de leitura, e são raras as reuniões.

Segundo ouvi dizer houve outr'ora uma sociedade dramatica que fez levar á scena alguns dramas da escola antiga, e todavia o theatro morreu alli, com o effeito da representação da conhecida peça de Pinheiro Chagas, *A Morgadinha de Val Flor*.

O facto é para notar-se.

Que faria o bom povo paracatuense se por lá apparecesse uma companhia de opera comica ou do theatro moderno a representar a *Mascotte*, *Mosqueteiros no Convento*, *Boccacio*, e tantas outras? Não indo a mal estas considerações, estou bem certo que applaudiriam freneticamente uns portentos como Sarah Bernard, Tessero, Duse Chechi e tantos outros que o *High-life* tanto applaude.

No mez de Dezembro a chuva teve dias por sua conta. Relâmpagos, trovoadas e aguaceiros nada de menos.

Quinze dias depois da minha estada alli, estava já bastante relacionado com as melhores pessoas do lugar.

O joven e sympathico sr. René Lepesqueur fez comigo um passeio a cavallo em volta da cidade o que summamente me deleitou, e como ahi teve elle visos de originalidade aqui o menciono.

Em Paracatú encontra-se excellente carne de vacca, optimos queijões, pão de leite e bons doces de varias fructas.

Dous dias depois da minha chegada o guia foi por mim despedido, e partiu não sei para que localidade. Imagine o leitor em que situação melindrosa me vi quando tive noticias de ser esse sujeito reputado assassino, filho ou morador outr'ora n'esta província, cidade da Forniga?

Que bom companheiro! mas foi estando ao meu serviço, embora alimentasse havia muito certas desconfianças contra elle.

Preferi portanto tomar para meu novo empregado um caboclo que tendo um nome bastante exquisito, irrequieto na minha memoria, chrismei-o chamando-o Bertholdo.

Tinha cara de papalvo, mas era esperto, bastante fiel e servicial.

A 18 de Dezembro tive o prazer de receber em particular no meu aposento um sujeito que me disse estar-se preparando na escola normal para obter uma cadeira em certa freguezia do municipio. Recebi-o com todas as formalidades que estavam a caracter e como m'o pedisse fiz retirar o sr. Bertholdo que alli se achava preparando uma tolda.

Uma vez sós, disse-lhe ser todo ouvidos.

Tratava-se nada mais nada menos, do que de um casamento em que devia ser eu o noivo, e a noiva uma mocetona dos seus trinta janeiros.

Apixonada como se achava e tendo para ella a amizade de irmão, prometera-lhe vir falar-me a respeito. Pelo que se vê este padrinho queria representar para comigo o papel que me cabia, se porventura me sentisse igualmente apaixonado.

Pro virile parte respondi-lhe que n'essa mesma noite ella teria a resposta.

Parti pois um pouco fóra da hora convencionada. Encontrei-a em casa, e ao ver-me mostrou-se admirada como se não me esperasse. Espanto nenhum de mim se apoderon.

Macaco velho, e discípulo favorito de Cupido estava costumado a estas scenas.

Puchei de uma cadeira e sentei-me a seu lado com todo o acatamento, parecendo-me perceber nos seus olhos uns vislumbres de satisfação mal demonstrada. O meu sofrido olhar pairava no acaso e embora mal, julguei, que o delirio da paixão havia chegado ao zenith do deslumbramento.

A natureza porém fugia de pagar o seu tributo aos gozos do mais adoravel de todos os deuses.

A pequena alcova era allumiada pela luz de uma vella, que se coava dubia e timida, atravez o fosco de um globo que estava sobre a meza da sala.

Foi ella quem apoz alguns momentos de silencio veio á falla. Os seus braços arquejantes e os olhos irradiando viveza e luz, diziam talvez mais do que todas as palavras de um vocabulario.....

Passada uma hora sumida em arroubos quilonizados e n'um instante em que a admirava nos seus arrebataimentos deslumbrantemente ingeuinaes, batem á porta e entra o sr. L. que não me conseguiu ver.

Eu não queria que ninguem soubesse da visita; tratei de sair por outra porta, mas o meu chapéu, o meu chapéu e bengala que ficaram sobre o sofá, já me tinham sem duvida denunciado.

Esperei portanto, occulto em sitio pouco agradavel. Vendo a demora do importuno sai do mesmo escondrijo e por uma fresta, vejo o maganão tambem a offerecer-lhe mimosidades, que ella repelia.

Uma, duas horas, até que n'um momento feliz puz-me a pannos, salvo como um pero e aspirando mais livre ar.

Foi uma aventura extravaganteque entrava sem duvida para o meu canhenho.

Passados alguns dias, deliberei partir para um dos pontos principaes do meu destino, o centro do Brazil, a elogiada terra descripta pelo visconde de Porto Seguro, a Formosa Goyana.

Os dias 27 e 28 de Dezembro sumiram-se em preparativos, fiz as minhas despedidas, e na madrugada do dia 26 partia em direcção à Formosa.

De Paracatú só levava saudades e recordações.

Gostei imensamente de seus honrados e hospitaleiros habitantes e se ora deixo de mencionar os nomes de tantos, aos quaes sou grato, é pelo receio que tenho de escapar algum e offendere a reconhecida modestia de outros.

Estou certo de que hão de comprehender as difficuldades com que luta um inancebo, para levar a cabo uma idéa como a que de mim se apoderou. Conhecer-se um paiz viajando com os mais difficéis meios de transporte, tendo na minha frente innumerias difficuldades a vencer, conseguindo cobrir as despesas com o trabalho que nobilita e engrandece a todos; muito

póde a força de vontade de um homem, que dá, eu o creio, o mais nobre de todos os exemplos.

Uma vez fóra da cidade, depois de curta marcha vieram umas aragens do sueste dissipar com o raiar da aurora, a neblina deixando apparecer encostas e collinas vestidas do mais brilhante verde gramineo. Era o orvalho que reluzia nos mais bellos matizes.

Depois o grande *Jukyra* ia lentamente, retirando o manto negro com que ainda ha pouco tudo se envolia.

Era dia finalmente. Passamos um riacho e entramos no cerrado onde o cicio da brisa e o pipilar dos passarinhos, causa terna emoção ao viajante que concentra os seus pensamentos aos cambiantes da natureza.

Um incidente pouco agradavel veio d'ahi a alguns instantes perturbar o socego e commoção que de mim se apoderara.

A besta velha, conhecida pelo nome de Caetana voltara a largo galope para traz, atirando canastras e mais trens em terra, dispersos cá e lá dando-me não pequeno prejuizo. Foi uma d'essas occasiões de desespero em que uma pessoa de pouca reflexão se vê rapidamente desaninar.

Só por volta das onze horas do dia, tinhamos encontrado e reunido tudo e uma vez ella preza e carregada, seguiu eaminho a reboque deixando de velhaquear.

A extensão entre Paracatú e Formosa é de quarenta legoas. Estrada pouco frequentada e sem uma só povoação. Paracatú fica inteiramente isolada n'um canto da província de Minas, nas vertentes do S. Francisco, perto da divisa de Goraz e não muito da Bahia. Assim é que Patos, Patrocínio, Bagagem, Urucuia, Formosa e Catalão, são as povoações mais proximas e

está cada uma à distancia de 240 kilemetros ou quarenta leguas.

A's 4 horas da tarde cheguei á fazenda do sr. Mondim, que me concedeu pousada.

Esta fazenda é de crear e possue boas invernadas.

A's sete horas da manhã seguinte, 31 de Dezembro, estava de pé e era procurado por um individuo (ignoró se tinha ali a sua residencia) que constando-lhe ser eu dentista, vinha-me pedir para examinar-lhe os dentes.

Faço-o abrir a bocca e n'ella vejo trinta e dois dentes tão perfeitos, que faziam inveja ao mais escrupuloso. Era uma especialidade.

Fiz-lhe vér isto, mas elle escancarava cada vez mais a bocca, fazendo-me com os olhos e as mãos movimentos e signaes que não podia comprehendender.

Enfadado como estava, ia-me retirar quando o homem cercando-me, perguntá :

—Pois o senhor não é dentista ?

—Sou, mas...

—«Mas eu quero a benzedura, a benzedura como sabe, para os dentes não virem a apodrecer.»

Detive-me um instante e logo depois, voltei offerecendo um banco para sentar-se.

—Fique ahí, que já tornarei

E indo a uma das canastras apanhei rapidamente um boticão de White, para lhe mostrar o meu sistema de benzedura. O sujeito porém ficou acreditando e resmungando não ser eu bem dentista e safou-se d'ali incontinente.

Não foi caso que me espantasse, porque era este o terceiro ou quarto beocio que me fazia identico pedido. Deu-me vontade

de o mandar pentejar monos, mas contentei-me em stygmatizal-o com um epitheto para elle indecifravel, e que para tal operação procurasse o vigario da freguezia.

Veio logo depois, tambem antes de partirmos, o guia Bertholdo pedir-me licença para em viagem conduzir café na sua *tayacuba*, porque embora frio, não podia dispensal-o. Tal falta trazia-lhe encommodos e dores de cabeça.

Dei-lhe permissão e d'ahi em diante vi-o beber café todos os dias, a todas as horas e quasi a todos os instantes.

Fez-me vér que bebendo café, podia perfeitamente passar dias seguidos em completo jejum em ser sem novo Tanner.

Era um excellente guia, obdecia-me cegamente e já estava com elle bastante satisfeito.

Muitas vezes vendo-o triste perguntava-lhe o que tinha, e respondia-me que eram saudades da Maria do Carmo.

Lastimava-o coitado.

A's quatro horas da tarde, cheguei ao novo ponto de pou-sada. Passei a noite estendido sobre as malas e canastras.

1.^o de Janeiro de 1883—Era a primeira vez, na minha vida que passava este dia longe da familia e d'esta vez, o espaço que nos separava, era reflecto de innumeros perigos. A's seis horas da manhã parti novamente.

D'ahi em diante, sempre campos semeiados de pequenos ca-pões, como oasis no meio de um Sahara relvoso e verdejante. Algumas moitas de buritys formam o mais bello contraste da natureza. Mais adiante uma fila enorme das mesmas palmeiras perdia-se de vista seguindo os zig-zags de um pequeno ria-cho.

A's duas horas da tarde chegava a um sitio onde se soltavam

os animaes assim de aproveitar alguns momentos de descanso, e seguirmos mais tarde com a fresca.

Cerca de cem a cento e cincoenta braças do logar em que nos achavamos, havia uma choupana. De lá vi sair uma mulher que pelo andar e choradeira em que vinha, pareceu-me uma perfeita louca.

Ao chegar junto de mim ajoelha-se, chora, gesticula e pronuncia umas palavras que não percebo.

O sr. Berthodo ria-se a escangalhar.

Finalmente comprehendo-a depois que veio elle servir-me de interprete. Eis o caso :

Tinha uma filhinha que estava a morrer, o marido achava-se em viagem, a creança não fora baptisada, apesar de estar com os seus seis annos de idade, receiava que fosse para o inferno e queria por todos os meios que eu a baptizasse.

Tinhamos portanto outra benzedura.

Disse-lhe que não era padre, que não entendia de semelhante cousa, e que isso nada vale, são piatarias d'este mundo, quenão cresce em asneiras, mas a supersticiosa mulher, não ouvia o que lhe dizia.

Segurou-me por um braço, pela roupa, e lá me levou a todo o custo para a casinhola de sua morada.

A pobre desfazia-se em convulso pranto e não pedia, rogava.

Tinha os olhos vibrantes de febre, injectados de sangue, o nariz delgado e chistoso, a bocca triste e acerba, os hombros longos e sedosos, as maçãs do rosto salientes, testa estreita coberta de cabellos em desordem, a cutis sofrivelmente erestada pelo sol e toda bem contornada sen que fosse gorda.

Pobre mãe! Ia perder sem dúvida n'aquelle momento a sua unica filhinha.

Entramos pois na pequena choca, dividida em dois reparti-

ménos.

No primeiro estendida n'uma esteira de burity achava-se a creança em questão, debatendo-se creio que em penosos tran-

ses. Tomei-lhe o pulso. Era tarde, não tardaria deixar de

existir.

A mulher ajoelhou-se de um lado e em posição respeitosa, pediu-me ainda uma vez a mesma causa. E lá ia eu baptisar urna creança *ut cumque res erit*.

Como não havia possibilidade escapatoria, principiei a cerimónia, perguntando-lhe logo pelo sal ou mesmo pela pimenta.

Ela fora previdente, porque fez-me ver que tudo ali se arba-

va a meu lado.

Comecei portanto com uma declamação drilhando depois rezar também um padre nosso e uma Ave Maria e como ella não sabia dei-lhe a dispensa, em seguida dei principio ao latínorio que dá sempre na mesma. Era finalmente uma trapalhada de grellos, impossível de comprehensão, a ponto de em seguida ao *Memento homo*, ella terminar bradando *abrennicio* e quando eu dizia *abrennicio* ella gritava *amen*.

Passada meia hora a pobre creança revirou-se, os seus olhihos perderam a pouca expressão, exhalou um pequeno suspiro, o corpo pareceu agitar-se lentamente em fraca convulsão, ficando inerte... estava morta.

Passados ainda alguns momentos perguntei à triste mãe que me servira de sacerdócio, onde daria sepultura aquelle cadáverinho. Respondeu-me que ali fôra no terreiro ou em qualquer parte.

Despedi-me e sahi d'aquelle lugubre choupana. O guia já tinha os animaes ensilhados de novo, e partimos immediatamente.

Passamos pouco adiante uma matta e uma onça cangussú atravessou a estrada, levando nos dentes um pequeno animal, não a podendo eu matar pela rapidez em que ia.

A's 6 horas da tarde chegava ao pouso. D'esta vez era ainda um rancho.

A mulher do rancheiro que era uma cabocla rochunchuda veio ter comigo, perguntando-me se trazia novelos de linha, agulhas, ou pó de café para vender e que não tinha dinheiro, mas dar-me-ia como paga, pelles de jaguatiricas, hiraras, antas e queixadas.

Dei-lhe sómente algum pó de café e comprei-lhe logo as pelles por dez e quinze cobres cada uma ; (400 e 600 réis).

Preparei a minha cama no chão sobre um couro e antes de dormir tomei a lapis alguns apontamentos.

Assim tinha passado o dia 1.^o de janeiro de 88.

A 2 levantei-me ao romper da aurora. O guia Bertholdo trouxe-me café n'uma cuia e um pedaço de requeijão.

A's 6 horas e 20 montei a cavallo e partimos.

Notei seriamente que o sr. Bertholdo estava cada vez mais triste e entregue a dolorosas reflexões.

Indagando da causa d'isto, respondeu-me que não via ha dois mezes a sua querida Maria do Carino, que deixara n'uma povoação visinha de Uberaba, d'ali a oitenta leguas. Amava-a e dizia tel-a deixado na casa de um seu amigo carpinteiro, e que a estas horas talvez já fosse pae.

Escrevera-lhe duas cartas de Paracatú e não sabia como obter as respostas.

Este pobre homem vivia apaixonado e por esse motivo merecia compaixão.

Apoz uma boa marcha atravez do mais lindo deserto, passamos ás duas horas da tarde o corrego dos Arrependidos onde existe ontra barreira provincial goyana.

Lá paguei dois mil e tantos réis pela passagem dos meus animaes. Estas divisas de provincias n'estes pontos não são bem feitas e passam por ser bem irregulares.

Continuada a viagem, fomos pernoitar d'ali a duas leguas. Como não havia moradór n'estas visinhanças estabeleci o meu rancho sob copado arvoredo onde fiz abrir a minha rede para passar a noite.

O guia Bertholdo soltara os animaes que para maior segurança ficavam como quasi sempre peiados.

De repente um cavallo corcoveia, fugindo contudo do caminho do encosto.

Era uma enorme jararacusséu que ali estava enroscada e prompta a botear aquelle que ousasse para ella avisinhár-se. Esta serpente é das mais perigosas.

O sr. Bertholdo matou-a a tiro de garrucha.

3 de Janeiro ás 6 horas da manhã partimos.

Campos cerrados e pontos de vista deslumbrantes.

Estava louco por chegar quanto antes á Formosa, a terra das raparigas bonitas.

Ao meio dia achavamos-nos nas bordas de um pequeno lago em descanso. O guia quiz a todo custo descobrir um phosphoro que não encontrou. Caixas vasias, nem um só por descuido cahido no fundo das patronas.

Ensinei-lhe então um meio de arranjar o que desejava e que elle já conbacia, escolhendo dois fragmentos bem seccos a fim

de desenvolver calorico, vagarosamente por meio de continua fricção.

Estava tudo arranjado.

O sr. Bertholdo era um caboclo de figura saliente, physionomia sympathica, olhos grandes mas de côr indecisa e variavel, conforme o angulo de refracção dos raios luminosos. Trazia segundo disse, desde a infancia, *adverso pectore* uma d'essas bugangas que os ignorantes adoram e intitulam de livra perigos.

Por ser ao pescoco se ao menos tivesse a virtude de os livrar de papos !

A's tres horas da tarde continuei a viagem, tornando una errada de mais de duas horas de atraso. Finalmente sahimos em frente de uma pequena choça onde havia apenas uma mulher cercada de algumas creanças. O marido tinha ido á caça dos veados e das antas.

Felizmente d'esta vez estava bem prevenido de viveres, ao contrario teria de luctar novamente com os horrores da fome, porque esta pobre gente nada possuia para vender nem para dar.

Veio logo a mulher, que depois de me conceder uma poussada, perguntou-me como a outra, se lhe vendia novellos de linha, agulhas e pomada para cabello.

Obzequiei-a apenas com algum pó de café e meio metro de fumo.

Passei a noite na rede á altura de um metro. Já pela madrugada principiando a sonhar dei um grande trambolhão, caindo sobre o guia Bertholdo, que dormia por baixo. A escuridão era enorme.

Elle soltou um grito e eu percebi que o brejeiro tinha em sua companhia outra pessoa deitada. Era a dona da casa !

Quis accender a luz e pregar-lhe uma sarabanda, mas não sendo prudente dar a perceber a minha desconfiança, tornei ao alto, sem nada dizer, e de lá pouco depois, aparentando ter pegado no sono, apreciei os maganões.

Que sonso este senhor Bertholdo! Então comprehendia o patife.

A 4 de Janeiro pelas seis horas da manhã, estavam os animais ensilhados, partimos sem demora e ás dez horas do dia cheghei á cidade da Formosa.

Estava por consequencia no no centro do tão rico Brazil, num dos principaes pontos de meu destino.



SEGUNDA PARTE

O centro do Brazil. A lagoa Feia. Da Formosa a Goyaz.
D'esta capital à Villa Bella de Morrinhos. De Morrinhos a Uberaba e d'esta cidade a Araraquara. Pequenas voltas. De S. Paulo ao Rio de Janeiro.

Uma vez na Formosa demandei a residencia do coronel Joaquim Honorio Pereira Dutra, a quem ia recommendedo pelo capitão Villela e coronel Ulhoa de Paracatú.

Recebeu-me com agrado, offerecendo-me a sua casa e prestimos que aceitei agradecido.

Passamos então alguns moinentos em amavel palestra e depois do jantar o coronel Dutra occupou-se em mostrar-me a cidade que se acha mil e tantos metros acima do nivel do mar, e é um dos mais altos pontos da provincia de Goyaz.

O local é excellente, as ruas são bem dispostas e a egreja tinha a forma de uma *arapuca*.

É uma matriz onde devein caber quanto muito uns cem fieis.

Sabia que os formosenses eram pouco amigos de resas e breviarios.

Apezar da distancia que os separa do mundo civilisado, seguem o realismo e desprezam tudo quanto é imaginario.

Do alto de uma serra proxima avista-se o celebre vao do Paraná uma extensão enorme onde existem pontos cuja altura é nenhuma acima do nível do mar. Alguns boiadeiros bahianos ou mineiros mais corajosos atrevem-se a descer em certos meses do anno, quando as maleitas e febres intermitentes e paludosas são menos intensas.

Vão atraç do commercio de gado e alli fazem compras excelentes. Imagine o leitor que em taes paragens um boi chega a ter pequeno valor, aponto de custar ás vezes cada um, oito, dez e doze mil réis! Aquelle que é feliz em poucas viagens fica senhor de uma boa fortuna.

Nesses sitios ha apenas gente de còr, pois que o branco não resiste a tantos e tão dolorosos sofrimentos, provocados por fétidas exhalações, e um sol abrasador. Miasmas sem conta.

Ahi estão as vertentes e affluentes do Tocantins.

O finado visconde de Porto Seguro dizia que o local da Formosa, devia ter sido o escolhido, para ficar alli estabelecida a capital do Imperio.

N'esta cidade como tive occasião de conhecer, ha raparigas que apenas mocinhas de 12 ou 14 primaveras, abandonam a casa paterna, acompanhando habeis seductores, que as largam logo sem pena nem dó no mundo equivoço.

É esta a maior gloria que aspiram, para mais tarde poderem dizer que as suas honras ficaram com fulano ou sicrano, moço rico e de posição, *cometa*, negociante ou inverneiro, dono de tantos lotes de burros ou de tantas cabeças de gado! Detestam o casamento e muitas d'aquellas que chegam a cazar, gaitam

copé-coty os maridos, trocando-os por amantes ou mesmo pela vida alegre o mesmo que nas grandes cidades.

São de um genio terrivel, e desgraçado d'aquelle, que cai nas unhas d'essas *imomibykipiras*.

A prostituição manifesta-se de um modo espantoso.

No dia oito de Janeiro fui em companhia do sympathico jovem João Fernandes de Sousa e outro rapaz vizitar a lagoa Feia que muito tem de bonita.

Está situada nas vizinhanças da cidade e é um optimo logradouro publico.

Os macissoes de verdura das duas margens combinam com a limpida agua, espelho azul da abobada superior.

Entramos na *igara* de um pescador e sentado ao *jacumá* em poucos momentos nos achamos ao largo. Uma mata de plantas aquáticas se descobre no fundo d'essa linda lagoa. Não faltam tambem as liliaceas e outras flores.

Dardejei os meus olhos curiosos sobre aquellas bellezas naturaes descuidoso com a magia de tal scena.

Como seria poético um passeio alli em noite que a lua deslizando-se por entre nuvens de um branco argenteo, deixasse cahir o seu fulgido clarão, qual deusa abandonando ao vento sua alva facha.

Nem um sussurro, um sopro demasiado despertava aquellas paragens do silencio tumular em que se envolviam.

A canoa ia ao acaso mansamente impellida pela briza verpertina. Nós os remeiros ficamos silenciosos. Contemplava eu no auge de uma suprema emoção, o sublime contraste da natureza e até os companheiros pareciam compartilhar de tudo isto.

Como é doce tão livremente aspirar um ambiente impregnado do grato aroma das flores campestres!?

É alli, que uma pessoa ganha inspiração e se torna amigo das Musas. E qual o joven coração que deixa de ser poeta ante scenas semelhantes. Se uma folha, um ramo, uma flor, tudo nos diz: — Poesia!

Aquelle silencio foi perturbado repentinamente pelo vôo precipitado de alguns passaros e aves aquáticas, ao sentirem a nossa aproximação. E não ter alli a minha espingarda a tiracollo nem mesmo *aliud telum*.

Ha um sitio na lagoa onde ninguem se atreve a chegar por causa do redemoinho que formam as aguas e da profundidade que é incalculavel. Desconfio ter o rio Preto que d'alli parte, sua nascente. É affluente do S. Francisco.

Meia hora depois de algumas voltas. saltamos em terra e enquanto os companheiros proseavam com um *ylicara* noturno que acabava de chegar, detive-me a examinar a flora que n'este ponto é explendida.

Com quanto não seja bastante versado sobre botanica, e tendo apennas nas minhas horas vagas em certa epoca lido e relido algumas paginas de Canninhoá, pareceu-me comtudo descobrir alli a *Strychnos pseudo-quina*. St. Hil. (Apocyneas) 42 pés de elevação, casca amarelada; ramos numerosos, folhas oppositas muito pecioladas, ovaes no cumprimento, corolla esbranquiçada com cinco devisões.

Vauquelin, chimico francez, n'uma especie que creio ser esta não achou, nem quinino nem o principio venenoso a bracina que se encontra no *Strychnos nux vomica* arvore do mesmo gênero.

Alli está tambem a *epigelia, glabrata* (loganiaceas) planta de principio venenoso e a alguns passos de distancia a *echites, longiflora* (apocyneas).

Havia tambem uma narcisoide (caragoatá) e uma outra-espécie cujas folhas eram sobretundas e quasi cordiformes. Não pude reconhecer a que espécie pertencia.

Alguns zoóphagos impertinentes não me deixaram demorar mais n'estes sitios pelas fetidas exhalacões pantanosas nas vecinhanças da lagoa.

Partimos portanto e ao anoitecer estavamo de volta à cidade.

O passeio me havia de certo modo impressionado, e lembrava-me vaidoso de que um dia voltando á corte poderia ao consultar o mappa do Imperio, ver no seu centro um pequeno sinal indicio de uma cidade e perto d'esse, um outro maior, indicando essa lagoa que eu tanto admirava.

Em ambas havia estado e admirado. Dous nomes inteiramente oppostos e em completa desharmonia—Feia e Formosa. Esta lagoa merecia que pelo menos tivesse outro nome e deih'o é a lagoa *Bella* quanto á cidade merecia bem conservar o de Formosa porque outr'ora também chamou-se Villa dos Couros! Ora de Couros a Formosa, é o mesmo que Feia passar a Bella.

Na noite de 10 houve uma reunião em casa do sr. capitão Vigilato de Sousa onde estavam reunidas algumas familias do lugar.

Tivemos uma sessão de magnetismo e espiritismo.

Na Formosa tive ensejo de conhecer pessoas que me honraram sobremodo com alguma sympathia e cujos nomes me farto a enumerar, ficando como sempre gravada em mim a maior gratidão.

A 15 de Janeiro fiz a *japaboca* d'esta boa terra, levando em minha companhia uma jovem formozense de quatorze primave-

ras. Deu-lhe a moeca, queria conhecer o mundo; não havia de ser eu quem me oppozesse a por em pratica o seu desejo, e além de tudo n'este mundo é feliz aquelle que o comprehende tal e qual elle é..

Uma vez fóra da cidade, na subida de uma encosta chamou-me a attenção uns *guaramas*, originaes de galhos nus.

O caminho é n'este ponto cheio de pedregulhos, e viajava-se debaixo do mais ardente sol.

A caça de penna é muito commum n'estes sitios. De instante a instante, rolas, pombas, juritys, papagaios, araras, perdizes, cochigatos ou tucanos e muitas outras especies, atravessavam rapidamente a estrada em varias direcções.

A minha espingarda porém ia tranquilla, sem que eu tivesse em mente, essender tão felizes habitantes do ar.

O caminho cada vez mais solitario não indica a existencia de nma só habitação. Ao cair-mos n'uma baixada onde prosegue bella fila de palmeiras e corre silencioso um regato, douz caminhos se bifurcam e ahi encontrei outro viajante, o sr. Adelino de Aguiar representante de uma importante casa do Rio e que tinha residencia n'esta provincia. Não era possivel que douz homens cuja infancia foi passada no mesmo torrão de além mar, ao verem-se, se não abraçassem.

Pela minha parte protestei-lhe amizade, e senti não termos como certo occasião de vir mos a estar juntos para fallarmos da bella Madeira sua terra natal e berço egualmente de minha familia paterna.

Ao anôitecer cheguei á povoação do Mestre d'Armas, onde tinhamos de pernoitar.

O sr. Bertholdo veio pedir-me que lhe subscriptasse uma carta para a sua querida Maria do Carmo, que esquecera deixar

no correio da Formosa e então iria pelo de St.^a Luzia. Peguei na pena traçando no envolucro o seguinte:

«À sr.^a D. Maria do Carmo, ao cuidado do sr. Felicissimo (Carapina) em tal lugar...»

A 17 levantei-me cedo, com horrivel comichão nos dedos de ambos os pés, e logo conheci a causa. Era o maldito (*Pulex penetrans*) mais conhecido por bicho do pé. Foi então descoberto por mim, que o apozento onde havíamos passado a noite tinha todas as apparencias, de ter sido outr'ora chiqueiro de porcos e transformado agora em pouzo de viajantes!

Felizmente não nos fizemos demorar muito em sahir d'allí para fóra. Saltina montou a cavallo sosinha como uma destra *ecuyère*, e pregando-me boa descompostura por não lhe haver endireitado o roupão que o vento levava pelos ares.

Ao meio dia passamos á esquerda da lagoa Grande, talvez maior que a Bella.

A's quatro horas chegamos a um sitio onde devíamos pernoitar. Uma vez tudo em seus logares lancei mãos da espingarda e segui um trilho sob copado arvoredo.

N'aquelles mattos havia uns insectos, especie de coleopteros que me chamara a attenção. Festuaceas rasteiras, tornam quasi impossivel a passagem até grande distancia.

Ao anoitecer voltei ao pouso trazendo comigo duas pombas, uma maracanã, uma saracura e dois picapaus de bico encarnado. Para passarínheiro não fóra má colheita.

No pequeno repartiroento foram dispostas as cargas nos angulos, juntamente com arreios e outros trens. D'esse lado já o guia Bertholdo havia improvisado cama para passar a noite.

As armas e outros instrumentos ficavam suspensos de cavi-

lhas fortes, armindo assim as paredes sob a forma de panoplias.

A 17 partimos apoz o romper do dia. Fomos em direcção a oeste caminho da capital, que ainda estava perto de sessenta leguas de distancia. O caminho que seguimos era completamente desprovido de habitantes.

Depois de seis horas de marcha, encontramos uma choupana abandonada, ávisinha estrada e povoadas de *arabés*. Os tectos das paredes lateraes estavam a desabar e parte já havia ido abaixo.

Uma vez ali arrei a barraca no terreiro, enquanto o guia tendo solto os animaes n'um encosto, accendia fogo.

Era a primeira vez que dormiria na minha barraca de campanha.

Estava satisfeito da vida e parecia-me vir mais tarde a ter saudades d'esse tempo do sertão. Bem sabia que os dias angustiosos e terríveis que passara até ali, seria o bastante para certificar-me, que antes retroceder, do que avançar, mas então era tarde. Não ignorando as luctas e sofrimentos que me esperavam, eu caminhava para o desconhecido, activo e infatigavel, sem me dar cuidado as pequenas contrariedades.

Em todo o cerrado abruto que nos rodeava, jazia socego profundo.

Depois do jantar Saltina saiu da barraca vestida de homem, com grande riso do guia Bertholdo que a mirava dos pés à cabeça.

Esta pequena era um perfeito rapaz e podia passar por meu companheiro ou camarada.

Para mattar o tempo fomos passarinhar e no campo descobri

alguns veados que se rasparam em vertiginosa carreira. Matei apenas dois cochigatos e um nhambú.

Durante a noite choveu regularmente. A agua conseguiu dificilmente passar a tolda. Alguns *jacurutús* vagavam nas imediações do acampamento.

Pela madrugada porém sobreveio mais forte temporal e a chuva entrou na barraca por todos os lados.

A's 5 horas e 33' levantei acampamento e partimos. Saltina ia agazalhada com a minha capa impermeavel de borracha. Eu já estava acostumado a taes refregas e nem chuvas ou ventos me faziam recuar.

Achei-me ensopado dos pés á cabeça. Até ás nove choveu continuamente sem que encontrassemos um tecto para abrigo.

Das 10 em diante o tempo mudou e o sol saiu lentamente das brumas que ó envolviam.

A's duas horas da tarde passei a pouca distancia de uma choupana e como fóra anteriormente prevenido de que ali habitava, um matador e *mondoçára* nem o quiz conhecer de vista.

No meio de taes solidões, vivendo por vontade propria no desterro, com certeza a justiça poupar-se-ha de lhe bater á porta.

A's 5 e 20' fizemos pouso no meio de deserto chapadão onde tratei de abrir a barraca, enquanto o guia Bertholdo accendia o lume e temperava o feijão.

Saltina farta de peripecias entregara-se ao descanso, quebrantada por aquelle sol de escaldar, que supportamos durante a nunca interrompida marcha.

O espaço estava coberto de densas nuvens, mas nem um sopro agitava o ar. Senti vontade de fugir d'esse calor se podesse elevar-me ás zonas superiores da atmosphera.

A noite veio desdobrando palidamente seu negro manto sobre o immenso Icoara.

Triste silencio nos rojeava apenas cortado pelo cochar das relhas n'um longiquo brejo e pela orchestra aeria que formavam as arvores visinhas em continuo rumorejar.

De repente na temperatura operou-se subita mudança ; eu senti um suor frio banhar-me a fronte e disse a mim mesmo . —Estou com febre.

Saltina acrecentou :

—E eu com sonno !

D'ahi a um instante ella dormitava.

O sr. Bertholdo fazia suas observações relativamente ao tempo. O ar estava abafadiço.

Um tusão iroso se desencaleiou dentro das nuvens negras no centro e cír de cobre nas extremidades. A tempestade veio levando consigo barraca, roupas e tudo pelos ares.

Saltina despertou sobresaltada.

Columnas de folhas secas, de terra, galhos quebrados, atravessavam assobiando a atmosphera. Um leve vapor pardacento velava o horisonte e o socego infinito da natureza só era perturado de quando em quando pelo grito estridente d'alguma ave nocturna.

Insectos luminosos, pyrilampos, rompiam os ares como estrelas cadentes.

Sem demora precipitaram-se logo, das zonas, verdadeiras cataractas em consequencia da rapida condensação dos vapores.

Não tento descrever o efecto e ensado que tal scena em nós produziu. Falta e é impossivel haver pena que relate plena-

mente o grau de nosso commum desespero. Cada um se agazalhava como podia.

Eu estava debaixo de um couro que a correnteza fazia por levar no meio das enchurradas. Saltina sobre as canastras coberta por outro, profundamente abatida, e o guia Bertholdo mettido no ponche de baeta azul, praguejando e maldizendo da hora malfadada em que deixou a sua casa, as suas vacas, as suas eguas e sobretudo a sua querida Maria do Carmo! Motejos da sorte.

E logo para mal de seus pecados, nem a vasilha com café que estava aquentar havia escapado entornando-se juntamente com o feijão e o arroz.

Uma outra voz plangente resoava também aos meus ouvidos em lamentações, como uma romanza de Bellini ou como uma symphonia de Mozart.

Vibrações que n'outra occasião echoariam maravilhosamente na minha alma, operando em mim sensíveis transformações.

A chuva continava sem cessar durante uma, duas horas. Dormitavamos por fim estendidos em dolorosas posições e completamente molhados.

Morpheu lembrou-se de nós n'estes campos solitarios, como naufragos sacudidos pelas ondas bravias, nas praias de uma ilhota deserta.

.....
Por volta da meia noite despertamos todos quasi ao mesmo tempo, soltando gritos d'angustia.

Sentia por todo o corpo subitas picadas a cortarem-me as carnes.

—Silencio, disse a meia voz aos companheiros, e acrescentei commigo:

Oh! os selvagens, os bugres! são flechas que nos atiram os miseráveis.

Calado soffrendo dores atrozes, não me atrevi a sahir do mesmo lugar.

O tempo melhorava e a noite estava clara.

Immediatamente o sr. Bertholdo, descobrindo a causa, dá um salto e corre ao acaso, gritando com todas as forças:

—São formigas patrão, do tamanho de baratas, estamos perdidos. Sabe-se que são enormes e dão cabo de uma creatura.

Oh! agonia indiscriptivel!

Fora o arroz, o maldito arroz e alguns assucar entornado que as attrahio depois da tempestade.

—Maldicção!

Corri em varias direcções, e fui de encontro a um lóeo.

Arrancava aos pedaços a roupa do corpo, desesperado, afflicto, sem poder socorrer Saltina que tinha as saias pelos ares em vertiginosos pulos, no meio da escuridão que por alguma forma a protegia.

Felizmente d'ahi a meia hora restabeleceo-se o silencio e o sosiego. Tinhamos mudado de sitio.

As formigas *Taócas* eram enormes; algumas tem quasi uma polegada de comprimento.

O seu ferrão apresenta a forma de unhas de carangueijos.

A 19 de janeiro — Logo ao romper da aurora notei que as formigas tinham desapparecido quasi completamente.

Como o espaço presagiasse um bello dia tratamos de reunir tudo e estendemos roupas e outros objectos afim de enxugar.

Principiava a dar por falta d'isto ou d'aquillo e o guia Bertholdo ia apanhando trens que o vento levára a grandes distancias.

Um chapéo de sol que por acaso ficára aberto juncto da tolda

na vespera, foi encontrado por elle com grande pasmo da nossa parte, espetado no ramo de uma arvore a sete ou oito metros de altura. A barraca tomada outra direcção em terreno mais livre foi encontrada d'alli a meio kilometro.

Das sete para as oito o beneficio sol veio-nos aliviar dos prejuizos da vespera e só por volta de meio dia, de roupas mudadas, e as outras já enchutas, estavamos promptos para partir.

Por umá' forma que nem sei explicar feri a mão esquerda, á qual o guia Bertholdo como bom conhecedor applicon o balsamo de cabuiba.

Parece que fátidica sorte me acompanhava constantemente.

Assim caminhava entorpecido, moido, cabecendo com sono e deixando ao valente animal que me conduzia toda a liberdade, entregue de novo ao martyrio do chouto, quando um tropel de animaes correndo desenfreadamente nos chamou a atenção.

Eram eguaas bravas que corriam para os lados d'oeste.

Como notei durante a excursão estes sitios são sempre cheios de bellezas de paysagem, desde o que ha de mais luxuriante em vegetação até o que existe de mais silvestre na natureza.

Veio alcançar-nos um sujeito que pelas feições calculei ser indiano.

Era alto, magro, cor de cobre, tendo sobre o pescoço um rosto exquisito onde se moviam dois olhos de amarelladas scleroticas la montado em um bello castanho tendo na garupa bojudos alforges de *matula*.

Seguia para a villa de Corumbá e depois a Meia Ponte uma as villas outr'ora mais mercantis da provincia de Goyaz. Bus-

quei d'elle tirar alguns esclarecimentos fazendo-o agregar-se à nossa pequena caravana.

«Disse-me então pertencer a uma tribo das margens do Ara-guaya e ser carajá. Que de lá sahira na companhia de um missionario o qual depois de ter vivido lá com uma sua irmã a enganara.

A sua aldeia era de mil e tantos arcos.

«Que um dia a mesma india que era a mais linda d'aquellas paragens mortrera repentinamente, sem poder atinar com a causa; que entretanto mais tarde atribuiu a envenenamento. Esse padre missionario tornara-se depois o seu maior inimigo embora o não demonstrasse, porque conhecia a sua vida de libertinagens envolvida sempre pela capa da maior santidadade.»

E assim vão... *per fas, ac fidem decepti.*

«Temendo finalmente não lhe vencer o rancor, fugira da sua companhia. Residia agora perto do Muquem e vinha de seis em seis mezes até á Meia Ponte em busca de sal.»

Vaga recordação pareceu despertar-me logo, e uma pergunta prompta sahio da minha bocca.

—Como se chamava esse missionario?

—Culbino, respondeu elle como se o tivesse escripto na memoria.

—Gulbinol exclamei com os meus botões. Sim é elle não ha duvida alguma, é o auctor da celebre carta. È o celebre facinora evadido d'Africa, o assassino, o seductor, o covarde; mas reflectindo lembra-me que essa criatura era morta.

Este imdio cansado pelos annos, fôra ainda uma sua victimâ.

Senti desejos de perguntar-lhe alguma cousa a respeito da celebre mina de ouro, mas contive-me, porque se estava eu senhor d'esse segredo, elle o não estava.

Servia-nos de excellente guia este caboclo.

N'um sitio onde fizemos ponto de scanso, sumio-se a pé no meio de um cerradão e d'ahi a alguns instantes, eil-o de volta trazendo consigo algumas fruetas silvestres taes como murieys articuns e gabirobas que achei sofriveis mas não muito apreciaveis no gosto e paladar.

Mostrou-me como boa prevenção uma especie venenosa. Eram *carahybas*.

Ensinoou-me ainda a conhecer e a distinguir muitas plantas medicinaes usadas pelos selvagens.

Continuamos a viagem e fomos pouzar n'um ponto bastante aprazivel de onde se descortina o mais bello efecto panoramico.

O tempo estava fresco e claro. Nem uma só folha se mexia, o calor era menos suffocante.

Jantamos n'esta tarde charque com palmitos de guariroba, arroz e feijões. Por *dessert* tivemos cocos de *indayá*.

Esse indio trazia para vender uma bonita pelle de onça caugussú e uma rede de burity feita pelos selvagens.

Comprei-lhe a primeira por oito mil reis e a segunda por tres.

Estendi a rête debaixo de uma figueira silvestre e alli passei a noite ao relento, assim como elle e o guia Bertholdo.

O calor éra insuportavel. Na barraca ficara somente a compaheira que andava com a sexta-feira, isto é, amuada. Ia percebendo que tinha um genio igual a todas da sua terra.

Estas goyanas são terriveis.

20 de janeiro — Madrugâmos e ás cincos e quarenta minutos seguimos viagem. O velho indio tomou à esquerda o caminho de Corumbá separando-se de nós.

N'este dia até ás quatro horas da tarde tinhamos feito sete leguas sem encontrar-mos uma só viva alma, que nos dissesse se es-

tavamos ou não errados. A essa hora finalmente, depois de termos andado para atraç e para diante e atravessado o rio Corumbá duas vezes, chegamos a uma pequena choupana onde vi uma cabocla que nos disse que dentro de tres quartos d' hora chegaríam ás minas de ouro do Abade e onde com efeito chegámos á boeça da noite.

Dirigi-me portanto a casa do meu collega dr. Alfredo Areia a quem pedi uma pousada.

Este collega tendo percorrido anteriormente algumas províncias do norte, subira o rio S. Francisco até o porto do Burity, perto do Paracatú, indo depois até alli onde iniciou seus trabalhos.

E' o que se pôde dizer, achar-se uma mina.

Soube eu então que na província muitos espiritos taquenhos eram contra elle e porque um homem tem a intelligencia precisa e a força de vontade necessaria para levar a cabo uma boa empreza e fazer bons negocios, merece ser vítima da intriga e da calunia?

É que o povo ou particularmente alguns individuos comprehendem que a companhia não devia tratar da sua parte econômica, mas sim sacrificar os seus capitais, em proveito de terceiros.⁽¹⁾

O espirito de associação segundo me consta é n'esta província desconhecido.

Sabia já que na propria capital não parava mais que uma

(1) Quasi à ultima hora, antes d'esta obra entrar no prelo, vimos una noticia nos jornaes do Rio de Janeiro, que diz ter-se extrahido já, boa quantidade de ouro, estando quasi provado virem a ser optimos os lucros da companhia da mineração.

sociedade commercial, e como é de prever, doux estrangeiros que o destino tornou irmãos, unificando-os e que vivem como doux corpos n'uma alma.

21 de Janeiro — Passamos o dia no Abade.

Antes do almoço o dr. Arena mostrou-me as obras da empreza n'aquellas ricas paragens. Avido de curiosidades passei assim excellentes momentos.

Aproveitei varias pedras exquisitas para a minha collecção e alguns pedaços de antimonio. O dr. Arena honrava aos operarios e trabalhadores sentando-se com elles á meza como tinha por costume, dando com esse procedimento o mais nobre de todos os exemplos.

O Abade é uma povoação em miniatura, de casas de palha sem o conforto preciso, mas com todo o necessário e bem estar. Ha uma casa de negocio, com varias especie de bebidas não encontradas n'outra parte da provincia; tem tambem um armazém de molhados que surte as familias dos empregados.

O dr. Arena reside n'uma casa coberta com palha de buritis e mal ladrilhada. Ha alli armamento para trezentos homens.

Espingardas, carabinas, garruchas dos melhores autores. Um completo arsenal. Livros e jogos de recreio, mobilia de viajante que searma e desarma, com bastante rapidez.

O dr. Arena é um homem de intelligencia cultivada, professando as doutrinas realistas, e inimigo como eu da santa hypocrisia franciscana. Em suas viagens fundara n'algumas cidades, lojas maçonicas e clubs litterarios, merecendo assim o mais invejável nome.

Ouvi dizer no Abade que tendo o bispo actual, em viagem pela diocese, estado na vizinha villa do Corumbá, em uma predica, dirigira ao povo estas memoráveis palavras:

—“Filhos meus, aquelle estrangeiro que se acha tirando ouro lá na serra, é um atheu, falla com o demonio que é seu parente e Deus o amaldiçoa. Fugi d'elle, como o diabo da cruz.” . . .

Deixo aos leitores os comentários.

22 de Janeiro — Depois de frugal refeição continuamos a viagem.

N'este ponto o terreno é montanhoso e coberto de penhascos.

Passado um ribeirão o caminho se torna tortuoso, estreito e sombrio. Copado arvoredo impede ao viajante de avistar uma cidade ou villa proxima.

A alguns passos de nós, enroscada, estava um enorme jara-cussú com uma preza nos dentes.

Matei-a com um tiro certeiro. É uma perigosa serpente e graças d'aquelle que sendo por ella picado logra escapar.

Às onze horas atravessei a villa da Meia Ponte que embora vista do relance me pareceu decadente. É uma das mais antigas da província. A principal rua é quasi toda calçada e tem as casas juntas.

O municipio segundo noticia que tive mais tarde é muito pobre devido sem duvida à indolencia de seus habitantes. Suas terras são em alguns lugares de primeira qualidade.

Às tres horas da tarde chegámos a uma fazendola e armei logo a barraca debaixo de frondoso arvoredo proximo ao cercado.

N'este sitio paguei a ninharia de dois cobres (80 rs.) por uma terrina com feijão, outros dois por dois litros de leite. e um e meio por uma duzia de ovos! Assim é que me foi cobrado.

O dr. Arena havia-me oferecido uma cadella por nome *Batalha*, boa veadeira que teve de passar a noite preza, assim de não se evadir.

A 29 partimos ao romper do dia. Atravessámos o Matto-Grosso de Jaraguá onde corpulentas arvores se erguem magestosas nos amenos valles e profundas grotas.

À nossa direita vai retaguardando a serra do *Olhoducú*, palavra indigna que segundo me afirmaram significa morro comprido.

No meio d'esta linda vegetação erguem-se representantes das meliaceas, solaneas e hypericineas; a *Visonia gerianensis*, *cadopá* (pao de lacre) folhas ovaes oblongas e pontudas.

Por meio de incisão no tronco, obtém-se um succo-gomino-risinoso, que coagula com a cor amarella alaranjada.

Esta *goma lacre* é drastica na dose de 15 a 20 centigrammas (3 a 4 grãos).

Às quatro horas da tarde chegamos à cidade de Jaraguá, onde dei por falta de um objecto de ouro que considerei perdido, visto me parece ter caído no areal. Era uma medalha e fôra presente de uma prima.

Na casa em que me hospedei achava-se um subdito francez, prestidigitador e magico de fama, que ha alguns annos se acha n'esta província. Chama-se Philippe Talon. Tem lutado com a sorte e é chefe de numerosa familia.

A 24 o guia Bertholdo que deixara na vespera os animaes peiados e em bom pasto apparece-me só pelas nove horas do dia, queixando-se de que certa pessoa occultara propositalmente dous d'elles num alto ingreme a meia legua da povoação. Esse individuo fel-o com tanta infelicidade que o seu rasto e o do cão que o acompanhou até lá, foram descobertos servindo a Bertholdo de vestigios para os descobrir.

Comprehendi o seu plano e como a prudencia e desprezo em

taes casos são menos encomodos usci de descripção, visto ser filho do dono da casa onde me arranchara.

As onze horas partimos novamente. Batalha levantou ao ceaso uma perdiz que viera sem poder chegar-lhe com o alcance da minha espingarda. Mais adiante em um viçoso campo segui um veado que atravessou a estrada. Metti esporas na barriga do cavalo disparando a todo o galope no seu encalço, dei um tiro quasi a acertar ficando tudo perdido. O bicho sumiu-se n'um capão proximo.

Voltei novamente a galope, o cavalo velhaquei, sinea uma mão em certa cova de tatú e saio-lhe pelas orelhas fóra cabindando redondamente no chão, n'um terreno lamaento, e passando elle sobre mim sem me offendere ou pizar.

O guia Bertholdo veio em meu soccorro e depois de prez o Periquito, montei novamente mandando ao diabo as caçadas, veados e cachorras e tudo.

Além d'isto, coberto de lama desde os pés até á ponta do bequie. Pobre nariz nem este escapou.

Os meus animaes tinham nomes estrambolicos e circunscritos. Assim é que um burro chamava-se Jeronymo, o cavalo de minha serra Periquito, o de silhão Canario, um outro Coronel (posto a que chegou pelos serviços prestados) uma besta Perna Longa e outra Caetana.

A\$ seis horas da tarde achei-me no novo pouzo que d'esta vez era simplesmente estaratomblico.

Estavamos n'um gallinheiro, mal coberto com palha, proximo a um rancho abandonado. No lugar dos antigos poleiros estendi mais algumas varas e sobre estas o colchão de viagem.

Iamos passar a noite empoleirados! Felizmente o abençoado Morpheu ainda de nós se lembrou.

25 de Janeiro ás 7 horas da manhã achava-se tudo em movimento.

Segui adiante da comitiva mais a Batalha que não me deixava.

As 6 da tarde entrava na villa do Curralinho distante sete leguas da capital. Procurei a casa do sr. Firmino que se achava ausente. Sua amavel consorte offereceu-me commodos, dispensando-nos as maiores finezas.

Esta senhora conhecia o guia Bertholdo e tal encontro foi quasi uma fatalidade para elle.

Disse-me ella, ser elle natural do Cavalcante ao norte da Goyaz e ter-se de lá auzentado ha quatro annos deixando em abandono mulher e filhos.

Era simplesmente um grande patife o boni do sr. Bertholdo! Seu nome verdadeiro é Ildefonso.

Nesta villa achava-se um artista gymnastico bastante conhecido. Era o senhor Ambrozio Veado, engulidor de espadas! Tinha por companheiro unico de trabalhos o menino Bento. Os seus espectaculos tinham sido pouco concorridos:

A 26 despertei com a satisfação de que n'este dia esperava chegar a Goyaz, a capital da província mais difícil de visitar-se pelas dificuldades de transportes. Talvez que um dia Goyaz una a S. Paulo por uma linha ferrea ou mesmo ao Pará pela navegação no Araguaya.

Partimos depois do almoço e ás tres horas da tarde passamos a povoação de Arcas.

Perto d'este lugarejo vemos de todos os lados enormes penhascos, affectando notaveis configurações.

A proporção que nós íamoss d'elles aproximando, variava o aspecto, como gigantes colossaes a nossos olhos.

Deixando a comitiva avançar na minha deanteira, detive-me em pequeno exame, querendo-me parecer serem compostos de um envolto duro, coberto por schistos argilosos e pequenos chrystaeas:

A agua verdadeiro liquido de crystal fundido. ahí se encontra inquieta borbulhando nos flancos.

São todos estes penedos mais ou menos accessíveis e n'elles encontram-se bonitas parasitas.

No alto a estrada é calçada e une-se perto de Areias a outra que vai da capital a Morrinhos.

Batalha sumira-se sem que eu podesse descobrir onde ficou, e não podíamos perder muito tempo a procural-a, tendo sido inutil quanto fiz para o conseguir.

Achava-se desenhada no espaço terrível borrasca.

Nuvens do sueste ameaçavam-nos, as arvores jaziam silenciosas, nem uma folha se mechia, faltava-nos o ar, parecia suspenso.

De repente uma chuva torrencial caiu pondo-nos em horrivel situação. Felizmente galopamos e em breves minutos cheguei ao Bacalhão, e hospedei-me no rancho da Ponte, mandando o guia Bertholdo recolher as cargas.

O sr. Bertholdo depois de soltar os animaes num encosto proximo, veio pedir-me licença para ir até á cidade, e lá se foi elle debaixo de chuva.

O leitor que não conhece a província de Goyaz ignora o que seja o tal Bacalhão, portanto explicar-lhe-hei em poucas palavras.

O Bacalhão é a Petropolis Goyana, uma povoação arrabalede de corca de sessenta casas, meia legua aquem da capital. É procurada pelos doentes ou pessoas em convalescência que

precisam de melhores ares e não podem ir mais longe. O aspecto é de uma aldeia semi-selvagem.

O rancheiro deu-me algumas informações de que necessitava. Às oito horas voltou o guia Bertholdo, bastante incomodado e sem querer jantar.

Perguntando-lhe o que tinha ido fazer, soube que fora ao correio e que encontrando-o fechado por ser tarde procurara em casa um dos empregados e que este lhe respondera não haver na repartição cartas com o seu nome.

O coitado estava esquecido da Maria do Carmo que, pelo que vejo, pouco caso fazia das suas missivas.

A 27 estava de pé às seis horas da manhã e às sete parti a pé para a cidade.

Quando cheguei ao largo do chafariz e tendo percorrido algumas rias e vielas, convencido fiquei de que Goyaz está acima do juizo que a seu respeito me haviam feito formar.

Apresentei-me ao desembargador Antonio Felix de Bulhões, dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim e ao capitão João Gualberto Teixeira para os quaes levara cartas de recomendação que muito me honravam.

Aluguei uma casa na rua 25 de abril, tratei de varios assazeres e às duas horas da tarde voltei ao Bacalhão.

Ao entrar no rancho encontrei o sr. Bertholdo rabiscando um papel.

Era uma carta á sua apaixonada e que começava assim:

Querida Maria

«Aqui istou tam longe de tu, mi amore sem saber se hes viva ou morta. Fui a casa do correo e nada di papé ou notícias que venha abafá e enxugá tamanha afrição.

«Só dento um bixo me rôe...»

O resto ainda estava no tinteiro.

A bocca da noite com a fresca, passei mais a comitiva para a cidade, e instalei-me na casa que aluguei na rua designada. Estando por tanto mais tranquillo e socegado e passei bem toda essa noite.

De qualquer alto nas immediações da capital goiana desfruta-se o mais explendido panorama, senão de largos horisontes pelo menos de variedade de paysageen.

Um amphitheatro em hemeciclo, vestido de verduras em cambiantes diversos chega a docemente enlevar-nos na contemplação d'esta prodigiosa natureza, tão vista sempre e sempre tão nova que é o maior dos encantos o espraiar-se os olhos sobre ella.

O anil recortado do alto dos montes, sucede-se em graduações insensíveis e completam a paysagem tão bella nas suas linhas, tão formosa na sua fugitiva melancolia. As encostas são d'uma fertilidade prodigiosa e sem a aridez que muitos julgam.

O principal ramo de commercio em Goyaz é o da creaçao de gados. No que diz respeito a industria é excessivamente pobre as escolas officiaes em numero limitadissimo. Ha na cidade um

lyceu, tres escolas primarias para meninas e meninos. A frequencia media em relacao é diminuta.

A escola e a imprensa sao os dois polos da vida intellectual e quantas, quantas leguas percorridas por sitios onde nem uma nem outra ja mais existiram!

Goyaz é finalmente meu caro leitor uma das mais pequenas capitais que temos visto, entretanto posso afirmar que de Campinas ao Pará é de todas a melhor cidade e que está mesmo acima de qualquer expectativa contraria.

Está assente no valle das duas margens do rio Vermelho em 16° 20 de latitude e em 31 e 40 de longitude occidental. Acha-se a 1200 kilometros do oceano.

Na provincia o ar é puro, as aguas abundantes e crystalinas a fertillidade em alguns pontos espantosa, os costumes simples genio da populacão vivo e affavel talvez. um pouco energico, imminente mente hospitaleiro mas em geral indolente.

Goyaz está entre 8 e 20 graos de latitude e 54 e 43 de longitude O confinando ao N com o Pará a L com a Bahia ao S com Minas e ao oeste com Matto Grosso. A superficie é avaliada em 125:000 k. e tem toda a provincia menos da quarta parte da populacão da capital do imperio, 70:000 habitantes. Ha quinze mil indios que vivem em dependencia.

As principaes tribus são Aeroás, Appinagés, Cayapós, Xerentes, Xavantes, Carajás, Javahás e Tapacóas.

A capital de Goyaz tem 24 ruas boas das quaes as melhores são 25 de abril, Ouro, d'Agua e Flores. As melhores praças Mercado, Palacio, Chafariz e Rosario.

São publicados quatro jornaes semanalmente, entre elles o anfigo *Correio Oficial*.

Existe um gabinete litterario, uma sociedade abolicionista e outra dramatica.

Existe ainda um hospital de Misericordia, um theatro construido *a tour de force*, um bom mercado, quatro quartéis, uma botica e ainda um só salão de barbeiro, o que é para admirar pois aqui para nós, os goyanos sempre são mais amigos da navalha que os mineiros e paulistas.

Acontece que é quasi sempre pela barba que se conhece o grau de civilisação de qualquer individuo.

Na cidade ha ainda 3 bandas de musica e um só bilhar, cujo frete até ahi ficou em doistantos mais do seu valor.

Se bem não mereçam menção pela má construcção e falta de arte, são entretanto melhores os predios seguintes: Palacio do presidente, cadeia e a casa onde está estabelecida a thesouraria geral, ex-propriedade do celebre padre Tavora.

Em toda a cidade ha apenas 16 sobrados e o serviço de iluminação a petroleo, é mais ou menos bem dirigido. Em toda a província de Goyaz inclusive a capital, não existe um só hotel ou casa de pasto, porque sendo indispensavel conduzir-se em viagem barraca e cozinha ninguem procuraria hotel.

Quando na minha folha viajante appareceu identica descrição de Goyaz o *Diário Liberal* de S. Paulo accusou-nos de exagerado, porque não comprehendia como sendo Goyaz, de Campinas ao Pará a melhor cidade não possuia um hotel, um café e só um salão de barbeiro.

É agora occasião de fazer ver ao illustre collega que nos cingimos ao aspecto do lugar simplesmente; o aspecto é de cidade e sendo uma cidade que ainda hoje está a 150 leguas do ultimo ponto de estrada de ferro mais proxima, são difíceis os

transportes e outros complementos que contribuem para o melhoramento local.

Dista esta capital do porto da Leopoldina no Araguaya, trinta leguas, de onde se pôde ir até o Pará ora em vapor e barcos, ora mesmo em canoas, luctando-se ainda com dificuldades por causa das tribus indianas que dominam as suas margens.

Poucos são os que se animam a ir propositalmente ter ao centro do sertão. Só quando as tiras de aço da via ferrea se desenvolverem por cima dessas fitas de macadâm, só enfim quando o silvo da locomotiva for ferir os ouvidos de seus habitantes e só quando as suas pupillas fixarem no horizonte um ponto negro, que ao aproximar-se vai tomando a forma que lhes é natural só então entrarão essas tão dissimiladas quão pobres populações na maior parte quasi semi-selvagens no caminho da civilisação.

Até lá, tarde commungarão no banquete do progresso e luz a que todos tem direito.

Tudo em Goyaz é pobre e sem largos recursos para desenvolvimento. A iniciativa particular fallece e a das corporações luta com faltas de meios para realisar quaesquer emprehendimentos.

Quanto porém à capital devemos afirmar que é uma das mais ilustradas cidades do interior embora lhe falte ainda a entrada da verdadeira luz e não da luz religiosa e obscura.

Goyaz além de outros melhoramentos necessita dentro do seu seio de outros, taes como de um logradouro publico, da canalização do rio Vermelho na parte comprehendida dentro da cidade, e de um bom theatro onde a mocidade se poderá divertir ilustrando-se, em vez de se ocupar tanto de resas e breviarios que só servem para bestializar o povo e nada mais.

Accompanhando os passos evidentes da sciencia mederna o homem deve buscar a crença real e não sumir-se da crença obseura e fanatica

A provincia de Goyaz tem doze vezes mais extensão que Portugal ou ainda 77730 kilometros quadrados, porém Portugal tem 25 vezes mais populaçao que esta provincia.

Calculando-se que Portugal tem 89625 kilm. q. e Goyaz 1:153:230 k. é de notar-se que tendo aquelle paiz 4 milhões de almas, a provincia de Goyaz comparadamente à sua extensão se fosse tão povoada como Portugal, poderia conter nada menos de cincuenta milhões de habitantes. quatro vezes mais da actual populaçao de todo o imperio.

D'esta rapida resenha poder-se-ha tambem fazer uma ideia de todo o paiz se fosse assim habitado.

São pobres e talvez pouco curiosas estas estatisticas, de quasi nullo interesse para ti caro leitor mas taes e quaes eu as pude estudar e comprehendiar, cil-as para que avalieis o grão de atrazo e o movimento muitas vezes pouco civilisador das nossas provincias centraes, alias de una riqueza natural e assombrosa.

Perdoar-me-has ainda a aridez e monotonia de descripção feita como *àvol d'oiseau*.

É tempo terá já dito, que toque n'um ponto principal no qual até aqui me tenho abstido de fallar. Trata-se do celebre segredo do ouro.

Procurei saber indirectamente alguma cousa sobre os misteriosos terrenos onde o suicida havia deixado a descoberta do celebre padre Culbino e resolvi abandonar de todo novas tentativas, visto que nas primeiras não tirei favoravel resultado.

Eu mesmo fui duas vezes ao sitio designado, mas sem nunca poder atinar com o verdadeiro ponto.

As mudanças e alterações de terrenos provocadas pelas enxurradas, as notáveis desproporções entre certos synaes, tudo me desorientou de uma forma terminável.

Além d'isso a solidão d'aquelles recantos combinada com a selvageria das feras, amedronta sem duvida todo aquelle que desacompanhado alli se atreve a penetrar.

No dia 30 de Janeiro o guia Bertholdo que cada vez parecia mais mortificado, veio ter commigo, demonstrando-me o mais visivel pezar e dizendo-me que se retirava no dia seguinte com uma tropa que tinha de passar bem perto da terra onde deixara o objecto sympathico de seus pensamentos.

E lá se foi deixando-nos sem companheiro.

Confesso que ao vel-o partir tive vontade de chorar a sua ausencia tão sensivel me achava. Era um pobre homem rustico mas um bom coração, muito servicial e honrado.

No dia primeiro de Fevereiro visitei no seu palacio o illustre e distincho presidente da Provincia dr. José Accioli de Brito que me receberam com todas as provas de apreço como a um amigo e conhecido de viagem.

Durante meia hora de demora alli reconheci ser elle homem bastante ilustrado, apezar de moço, segundo afirmam o seu estylo correpto e variada conversação.

Dentro de poucos dias estava bastante relacionado, e conhecia toda a cidade, cuja população é de cinco mil almas.

Tratei de publicar outro numero do meu jornal, que sahiu á luz no dia 21 de Fevereiro.

Foram distribuidos na capital cerca de duzentos e cincuenta exemplares da mesma folha.

Alguns padres ficaram commigo pela garganta porque não encontraram em mim um papalvo. Um d'elles segundo afirmou n'um dito que me dirigiu indirectamente acreditava ou pensava que um homem de brio troca os interesses pela manifestação franca de seus pensamentos.

Enganou-se completamente.

Demais eu não sou inimigo dos padres em geral, odeio simplesmente o poder jesuitico e aquelles padres que se servem da religião como instrumento para se enriquecerem.

Um punhado d'esses miseraveis expulsos ainda ha pouco da grande França, acudiu para essa província, cujo povo credulo, docil e hospitaleiro não pressente os sens fins. Infelizmente o Brazil é uma possilga onde é lançado o lixo de muitos paizes.

Conheço e admiro o talento que é bem aproveitado, mas detesto a intelligencia que trata de assaltar o povo da luz e do progresso.

Para que o leitor veja se nós, os sectarios do realismo, temos ou não razão, leia as linhas em seguida transcriptas já pelo *Mercantil* jornal portuguez, da *Secreta Monita*, apprehendida entre os papeis do collegio de Ruremont, quando por ordem do governo, a pedido do povo indignado, foi alli supprimida a companhia.

Este manuscrito authentico se encontra nos archivos do reino da Belgica—palacio de justiça de Bruxellas.

A historiada jesuitismo é felizmente hoje conhecida por toda a parte onde arrojados escriptores a tem exposto, tal qual ella é aos olhos do povo.

O jesuita é o homem que abandona a sociedade, os amigos

a familia e até a propria patria, sumindo-se hoje, para apparecer amanhã com a hedionda capa que encobre o ultimo grau de depravação, coberto pela mascara da hypocrisia.

E ainda aquelle que apparentando nada ser, é ao mesmo tempo tudo.

Os jesuitas tirados sempre de todas as camadas sociaes tem serviços denominados *afilhados leigos* que dirigem os estabelecimentos de caridade, os collegios, os asylos e estão sempre tratando de moldar o povo, oppondo-se ao progresso e incutindo no espirito da gente estulta, a ignorancia.

Em Uberaba segundo se afirma trata-se de fundar um collegio dirigido por essas aves de rapina conhecidas por irmãs da caridade, e não será para admirar que em breve tempo seja necessário fundar na mesma cidade uma roda para engeitados, porque não tardarão elles a aparecer.

A tal caridade tem d'esses principios.

Eis ahi alguns capitulos da Secreta monita:

«Capitulo I—Para ser agradavel aos habitantes das localidades onde se estabeleçam (os jesuitas) é necessário exercer os mais humildes misteres, visitar os pobres, os doentes, etc. fazer-se amar pelo exercicio da caridade e dar aos pobres para captivar as sympathias; extorquir ás viuvas quanto dinheiro seja possível.

«Capitulo II—Por-se em boas relações com os grandes da terra e animar até as suas acções odiosas, para fazer d'elles protectores e aliados; conquistar as favoritas dos principes e a sua ereadagem por meio de presentes, assim de conhecer as inclinações dos principes; pelas creadas conhecer-se-hão os segredos das familias; conceder muitas dispensas de jejuns e casamentos.

• Capítulo III—Adquirir o favor dos grandes e empregal-o contra os inimigos da companhia, etc.

• Capítulo IV—Oppôr-se aquelles que não sendo da nossa companhia pretendam estabelecer escolas para educação da juventude.

• Capítulo VI—Retirar as viúvas do mundo e mudar com prudencia a direcção da sua casa, afastando pouco a pouco os seus creados e substituindo-os por outros dependentes da companhia convidal-as a ir muitas vezes ouvir os seus confessores assim de conhecer-lhes as inclinações; fazer valer as vantagens da viuvez e os incomodos do casamento; calunniar aquelles que lhes agradam, e impedir-lhes a convivencia com os homens.

• Capítulo VII—Habituuar as viúvas a privarem-se cada semana do superfluo em favor de Christo, da Santa Virgem, d'um santo qualquer ou d'uma igreja, *até que as tenham despojado das premissas e dos despojos do Egypto.* Se elles fazem voto de castidade, que o renovem algumas vezes no anno segundo o nosso costume, concedendo-lhes n'esses dias diversão amorosa com os nossos. *Deixal-as entrar secretamente nos nossos collegios e permitir-lhes que se dirijam em segredo com aquelles que mais lhe aprazam.*

• Capítulo VIII—Levar as mães a desgostarem as filhas com reprehensões e recusarem-lhos os enfeites, mostrando-lhes as dificuldades do casamento e a doçura do celibato, emfim a que procedam de modo que suas filhas aborrecedas de viver d'esta forma, pensem em fazer-se religiosas, irmãs de caridade, etc.

• Capítulo IX—Que os confessores não se ovidem de perguntar aos penitentes quaes são os seus bens quaes as successões tornal-os favoraveis á companhia. Quando qualquer individuo tiver um filho ou filha unica atrahil-a seja por que preço fór,

fazendo-lhe perder a amizade aos parentes e mostrando-lhe que fará um grande sacrifício muito agradável a Deus se fugir de casa, e emvial-o logo a um dos noviciados prevenindo ao mesmo tempo o geral.

•Capítulo XVI — Para não ser-se acusados de amor às riquezas, recusar as esmolas de pouca importância...»

Basta de transcrição, por aqui se pode ver qual a força d'esta famosa quadrilha.

Os jesuitas não tem a sua influencia actualmente só nas casas professas e collegios.

Entraram no commercio, na industria em toda a parte. São senhores de grandes capitais e tem uma esquadrilha de vapores que fazem a carreira do Brazil, cujo ponto de partida é Bordeaux.

Partidos d'uma pobre capella de Montmartrre, n'um bairro de Paris, os jesuitas chegaram. apezar do grito da moral ultrajada a formar o seu terrivel exercito. O jesuita é o inimigo da sociedade humana, porque procura matar no coração do homem e no da mulher e mesmo no das creanças, todos os bons sentimentos e aspirações. É um inimigo da patria, porque o seu chefe é um pontífice estrangeiro, porque derrama o nosso sangue e arruinaria os nossos haveres para entregar ao papa o domínio do mundo.

Portanto é necessario combater o jesuita a todo o transe escorraçal-o da sociedade que elle pretende escravisar.

Ao leitor sensato compete averiguar a verdade dos factos. Deixamos para outra occasião e em volume especial esta e outras questões.

.....
Na noite de 12 de Março devia ter lugar segundo dizia o pro-

grama um espetáculo no theatro de S. Joaquim, por mim organizado em beneficio de dois artistas que alli se achavam, esquecidos do publico, e sem meios para se retirarem.

Condido do seu infotunio, a um d'elles disse, e cumprí a minha palavra, que elabora não houvesse concorrença dar-lheia do meu bolsinho cincuenta mil reis.

Mandei espalhar cartazes, fiz reclames, passei bilhetes, e às oito horas da noite da festa, o theatro estava ás portas com uma enchente, apezar do sermão do bispo que dizia não saber como um desconhecido se atrevia a representar scenas de suicidio na quaresma, e na capital de uma provincial!

Que diria a isto o publico fluminense que enche por esse tempo todos os theatros do Rio de Janeiro e como sucede nas grandes cidades onde é banido o estulto fanatismo que invade as pequenas aldeias.

.....

Veio finalmente o dia 27 de Março, em que fazia dois meses que chegara a Goyaz. Queria voltar a S. Paulo e até alli procurei um guia e não o encontrava.

Em Goyaz é raro aquelle que vence mais de quinze mil reis mensaes; ofereci quarenta ou cincuenta, e os que me apareciam estavam obrigados a contractos por escripto com os patrões, não podendo deixal-os sem pagarem suas dívidas. De oito ou dez que commigo desejavam ajustar-se um apenas devia duzentos e tantos mil reis, todos os outros de quinhentos para cima. Por fim consegui obter um para levar-me até Morrinhos, cujo patrão m'o alugou.

Era papudo e alem d'isso caólio.

Mandei-o logo á invernada do coronel Caiado buscar os ani-

maes e no dia 27 pelas duas horas da tarde deixei a capital goiana.

Nem pensava que d'alli em diante me estavam reservados os maiores sofrimentos.

Levava comigo um attestado de comportamento assignado pelo dr. Jacome M. Bagge d'Araujo digno chefe da policia da provineia, além de outros que possuia de varias cidades onde hei estado.

Pelas impressões que a visita a esta cidade me deixou, já o leitor sabe nenhuma outra possue melhor variedade de paysagens nos seus arredores e montes aleantilados.

Tudo o que é natural encerra riquezas, mas riquezas em bruto.

Os grandes emprehendedores terão alli para o futuro muito que fazer.

Organisada a nossa pequena caravana e tudo na devida ordem partimos bifurcados nos nossos magros rocinantes, e para nós começou de novo o martyrio do chouto.

Deixando o caminho da esquerda tinhamos logo à vista caprichosas agglomerações de penedos, montões de granito com formas mais ou menos phantasticas.

Às seis horas da tarde fizemos pouso na quinta do bispo, assim chamada uma casa velha com as peredes esburacadas rodeada de mattos e capoeiras.

8 de Março—O novo guia veio-nos despertar ao romper do dia e offereceu-nos café com requeijão. Era bom sujeito mas fala muito á lingua.

Às seis horas partimos e não tardei a passar pelos terrenos onde existem em completas ruinas os edifícios da grande fa-

zenda, mandados construir pelos celebres padres Tavoras, um dos quaes foi assassinado perto da capital em sitio conhecido e memoravel.

Já vé o leitor que Goyaz ou em geral o Brazil não é o refugio somente dos jesuitas expulsos da França. Já por alli os havia.

Ás 6 horas da tarde fizemos pouzo na beira de um riacho e armando-se a barraca de campanha.

A 29 Saltina accordou algum tanto encomodada, mas sempre bem disposta.

Ás 7 horas partimos.

Os cargueiros iam muito pezados, por isso tornavam-se impossiveis as grandes marchas.

Era prudente aproveitar a fresca para viajar.

Neste dia estivemos todos em frente de um grande perigo. Uma giboia de dezasseis palmos de comprido e grande grossura estava enroscada no meio da estrada; o guia e os cargueiros passaram sem dar com o bicho.

Saltina ao vel-a soltou um grito e o seu cavallo partiu em rapido galope.

Achava-me alli a dois passos e repentinamente vejo a serpente que se ia pondo ao fresco, quando fazendo má pontaria lhe pregou uma carga de chumbo na espinha.

O cavallo velhaqueando atira-me ao chão, e eu vi-me quasi a braços com o medonho reptil que se estorceia em convulsões no meio d'aquele *Iby'cultyba*.

Ergui-me, carregando novamente a espingarda, e d'esta vez disparei-a certeira na cabeça do animal.

Chamando pelo guia fizemos a extração da pelle que foi aumentar a minha collecção de curiosidades.

O nosso pouzo ainda era esta vez no meio da dezerta *Iby péba*.

30 de Março ás 3 horas da tarde passei pelo decadente mas historico arraial dos Anicuns onde existe uma rica mina de ouro abandonada por falta de braços, bombas e machinismos hidraulicos e os mais proprios a esgotar o poço no fundo do qual dizem haver ouro em quantidade.

Decididamente Goyaz é uma das provincias mais ricas em mineraes e em vegetaes, e das mais pobres em industria, artes instrucção, etc.

Ouro encontra-se nas ruas da capital da Meia Ponte e outras cidades. O caso porém é que não existem braços e essa gente não se sujeita á limpeza e lavagens d'esse metal por ser excessivamente trabalhoso.

Dos Anicuns em diante a estrada é semeiada de crystaes que quebram a luz do dia em continuos reflexos. Sol ardente, mas paysagens admiraveis!

Por volta das sete horas da tarde cheguei a um sitio colocado em alto cerrado.

A dona d'esse sitio, ao ir dentro procural-a, escrupulosa, recusou-me pousada, porque vivia retirada do marido e tinha na sua companhia duas moças suas afilhadas. Quando porém lhe disse que fazia parte da minha pequena caravana uma mulher, cedeu-me logo um commodo, tratando-nos excellentemente e vendendo-me uma galinha e optimos requeijões.

A 31 de Março sahimos cedo d'ali, e pouco adiante encontramos uma cigana a cavallo, a que eu denominei a mulher dos cães, porque trazia nada menos de oito d'esses animaes. Cinco vinham a pé, dois no collo e um na garupa. Quando nos viram den-lhes para ladrar.

Logo atras d'ella vinha a comitiva que constava de tres escravos, um sujeito branco-tisnado, oito animaes de carga e de sella, 4 papagaios e um maeaco.

Vinham do Rio Verde e ignoro o destino que tinham.

A's cinco horas da tarde chegamos ao pequeno arraial do Alcimão e lá fomos para o competente rancho.

1 de Abril—Como em Goyaz não houve tempo para ferrá os animaes, aproveitei ali um ferrador que se veio oferecer para a operação.

A's tres da tarde partimos e fomos pousar d'ali a duas leguas, n'uma fazendola.

A sala e aposentos estavam cheios de arroz em casca, e poisa-vae sobre elle. Como fosse quasi noite pedi ao dono da casa para nos mandar preparar que jantar, pagando eu a respectiva despeza.

Só por volta das oito horas da noite foi posta a meza n'um banco, e havia para comer arroz e sete torresmos que tive a curiosidade de contar. N'isto consistia o magro jantar, e para tal fez-nos perder tanto tempo!

Esta gente ou por miseria ou por desconfiança de má paga, nunca nos dão o que se pede.

Assim é, que tendo eu pedido jantar para tres pessoas (cuja paga generosa jamais retirei a um bom hospedeiro) mandam-nos dar o extremo da ridicularia estampada n'um misero prato de arroz, e sete torresmos!

E caso para dar o cavaco.

E quer o leitor saber quanto nos foi cobrado por tão famoso tembiá-ocú? Quatro mil réis!

Imbecis!

Os aposentos d'esta casa não tinham portas e estavam impregnados de hydroformio !

Os camaradas da mesma, assim como o meu dormiram sobre o arroz.

2 de Abril— Os animaes embora peiados só appareceram por volta das oito horas da manhã. São inmensamente raros os pastos fechados n'esta provincia.

A's nove e 20 partimos felizmente.

Os terrenos continuavam a ser cobertos de miudos crystaes.

O calor era difficil de supportar. Levavamos o lenço ao rosto a todos os instantes, saindo insopado pelo suor.

O meu chapeu de sol conservava-se sempre aberto.

De tarde sobreveio grossa trovoada que se desfez em aquaceiros. Tratamos de evitá-la.

A nossa casa de refugio foi a triste choça de uma pobre velha, doente, coberta de farrapos, que mal nos fallou, sentara-se aconchegando-se estupidamente com fortes calafrios.

Graças à pratica do guia, conseguimos alojar os animaes e relacionar-nos com aquella pobre semi selvagem que nos olhava como se fossemos animaes raros e curiosos ; o seu aspecto parecia perguntar-se o que ia-mos fazer ali, como se a gente só visitasse a sua terra para attentar contra a sua immunidade local. A porcaria era principio estabelecido.

Nada mais sordido que o interior d'estas pobres choupanas habitadas por caboclos e nada mais humilde tambem.

Passada porém a maior força da chuva tratamos de continuar a viagem, caminhando ainda algumas horas sem nunca encontrarmos pessoa alguma.

Finalmente chegamos a um rancho onde abrimos a barraca.

Durante a noite os porcos, gado e cães não nos deixavam

dormir. Cheguei a levantar-me para amedrontal-os mas d'ahi a pouco eis-os que voltavam novamente ao rancho.

3 de Abril — A chuva continuou do mesmo modo até ás oito horas do dia, em que o tempo melhorou.

Partimos e apoz boa marcha chegamos á margem direita do rio dos Bois, onde existia uma rancheira que tinha para vender ovos, fumo, milho e aguardente. Havia ali algumas mulheres doentes. Uma d'ellas offereceu-nos café, mas só o guia aceitou.

Descoberta a molestia que os torturava, boubas, puz-me a andar.

O rio dos Bois tem n'este logar uma *jagacapaba* sofrível mandada concertar recentemente por ordem do ex-presidente da província dr. Leite Moraes.

A's 6 horas da tarde cheguei ao oitavo pouso depois da nossa partida da capital.

Armei a barraca entre um chiqueiro de porcos e a parede esburacada de um tosco casebre, em frente a um pequeno *ypaba*, cercado por lindo buritysal.

A noite não foi das melhores nem das peiores.

A 4 apenas saltei fóra, a dona do casebre veio offerecer-me para vender uma bella arara azul, pintada tambem de amarelo no pescoço e nas azas. Comprei-lha por tres mil réis.

Como n'aquellas alturas o dinheiro de nada lhe servia, pediu-me que ficasse com elle e lhe desse em troca sal, assucar e pó de café. Depois de dar-lhe uma prova de tudo voltei-lhe ainda os tres mil réis.

Passei depois grande sarabanda no camarada e ordenando-lhe ser mais activo no cumprimento de seus deveres. Só pelas

nove horas veio com os animaes, entretanto esteve até ás oito dando à lingua.

A's nove e tres quartos partimos. A arara ia sobre um dos cargueiros abrindo muito as azas a principio, mas por sim ganhando equilibrio acostumou-se a tão violentos salavaneos.

Depois de alguma marcha atravessamos o rio da Meia Ponte que mede de largura setenta e oitenta braças. N'este rio como em todos os que temos passado a navegação é desconhecida.

Quanto ao nome de M Ponte ignoro a sua origem.

A ponte que felizmente é inteira n'esta occasião, acha-se boa forte e bem construida, se bem que de madeira toda ella.

Passamos *caã-éte* da margem opposta e fomos pousar no bello *ybytigoara* onde fruimos excellente noite.

A 5 estava de pé desde o romper do dia e bati o campo mais a camarada atraç da maldita besta velha que não apparecia.

Por volta das dez horas do dia vi-a sahir, quando menos o esperava d'uma moita onde se occultara, e à distancia apenas de vinte passos do acampamento.

Em poucos momentos estava tudo prompto e partimos sem mais demora. Ao anoitecer chegou à villa Bella de Morrinhos. Passamos a noite em casa de uma familia á entrada da povoação.

Estavam vencidas cincuenta leguas.

A 6 de Abril visitei o coronel Hermenegildo Lopes Moraes para quem levara uma carta de recommendação. Recebeu-me com agrado e poz os seus valiosos prestimos á minha disposição.

E' um dos negociantes e capitâstas de mais prestigio na província.

Morrinhos é uma villa decadente e pobre, mas situada em bonito local, embora sujeita ás enhurradas e grandes lamaçaes.

O melhor predio é o de residencia do coronel Moraes.

Visitei o sr. José Affonso Monteiro um bahiano corajoso que tambem subiu o rio S. Francisco, atravessou immensos serrões e alli foi fixar residencia dois annos antes.

Passei com elle o resto do dia e ao anotecer fomos surprehendidos pela corporação musical que nos visitou tocando durante uma hora, as mais escolhidas peças do seu repertorio.

No dia 7 o guia uma vez despachado partiu para Goyaz visto já ter outro ao meu serviço. E' um creançola, unico que consegui encontrar.

Havia dois mezes que estava sem noticias da familia e foi com grande regosijo que recebi na agencia do correio cartas da Corte; eram de meu pae, tios e primas.

A dois dias de viagem para o oeste-sul existe a recente povoação de Caldas Novas, cujas beneficas aguas ali atrahe annualmente regular numero de doentes. Para maior frequencia seria necessário que uma linha ferrea a unisse a outros pontos

Ouvi dizer que essas aguas são alcalinas quentes, uteis contra os rheumatismos chronicos, ulceras antigas, etc., tendo também sido já empregados no tratamento da morpheu ou da lepra.

As aguas dos Poços de Caldas em Minas que anteriormente tive também occasião de conhecer em viagem pelo sul da mesma província, são de um composto diferente, e portanto não poderá haver concorrença em disputa, no futuro.

A's duas horas da tarde partimos de Morrinhos, pousando d'ahi a tres leguas.

8 de Abril—A's 7 e meia da manhã levantamos acampamento
Nenhuma novidade durante todo o dia.

De tarde chegamos a uma choupana onde pernoitamos.

O guia dormia em rede e nós dentro de um paoi de milho. Por volta da meia noite fomos surprehendidos por uma chuva torrencial e grande ventania, que durou até às duas horas da madrugada. O paoi tinha o tecto semi-descoberto e o resultado foi a chuva entrar por esse lado, ficando nós, mais uma vez a pingar.

9 de Abril—O actual pequeno guia era um grande dorminhoco todos os dias se tornava necessario ir despertal-o para campear os animaes.

Saltina amanheceu constipada, porque passou mal a noite n'aquelle paoi.

A's 9 e 10 minutos partimos.

D'esde Goyaz que via os campos semeiados de uma planta medicinal muito conhecida pelo nome de caroba. Difere muito de uma especie que encontrei nos campos da Formosa, embora com o mesmo nome.

Pertence ás Bignomiaceas (*cybistax* ou *bignonia antisyphilitica*, *bignonia quinquesfolia*).

Tomam o cozimento que é muito usado no tratamento de varias molestias originarias do virus venerio.

Há muitas outras plantas reputadas pelos curandeiros como medicinaes, que mereciam a honra de uma analyse por parte dos entendidos.

A's 4 horas da tarde chegamos ao arraial de Santa Rita do Paranahyba, na margem direita do rio do mesmo nome e que tem de largura n'este porto cerca de trezentas braças e está a 700 metros acima do nivel do mar.

Hospedei-me logo em casa do amavel negociante, sr. Tiburcio Marques.

Na barranca do rio achava-se encaixotado um prelo e mate-

rial typographico, que devia seguir para a capital. Toda a dificuldade porém em d'alli sahir, onde se achava ha cerca de um mez era não ter havido conductores.

40 de Abril — Um dos meus animaes amanheceu doente com sobretendão resultado do engorgitamento inflamatorio dos tendões fluxores, nos membros anteriores. Mandei immediatamente applicar-lhe ferro em braza e fazer o tratamento da ferida.

Por este motivo resolvi não seguir viagem n'este dia.

De tarde eu e o sr. Francisco da Motta fomos passeiar em canoa no Paranahyba e com boas remadas subimos o rio. Ao por do sol, admiram-se bellas e encantadoras paysagens.

Voltamos ao porto onde saltamos antes que a noite se approximasse.

Como havia mais gente em casa do sr. Tiburcio tivemos uma boa palestra. Discutimos sobre religião e espiritismo.

11 de Abril — A's 10 horas da manhã paga a respectiva barreira estávamos prontos a fazer a travessia do rio.

O quadro que se apresentava então merecia as honras de uma reprodução, não à penna, mas a pincel. Dentro de uma balsa em forma de jangada iam os animaes em pello, canastras arreios, mallas e alguns volumes. Saltina ia sentada sobre uma malla tendo no collo a arara azul.

D'ahi a poucos minutos pizava terreno mineiro e dizia accnando para o lado oposto, adeus a Goyaz.

Saltina como sempre ria, sem lhe dar cuidado a distancia que a separava da sua terra. Tinha já percorrido uma extensão de cento e trinta leguas.

Depois de vencidos 48 kilometros apartei-me da comitiva e fui coleccionando pedras na beira da estrada.

Completamente embevecido em augmentar a minha collecção

demorei-me demasiado, e quando ia a montar novamente a cavalo reparei que passavam dez minutos das cinco horas da tarde.

Acompanhei os rastos dos animaes, porém com a noite fui-me embrenhando por caminhos e veredas velhas, tortuosas e reconhecendo estar errado e perdido, sem saber como safar-me de tão melindrosa situação.

Voltei forçosamente para traz cerca de uma hora, saindo na estrada ouvi um cão ladrar e avistei ao longe uma luz.

Envolvi-me portanto n'outro caminho á esquerda que ignoro se era ou não abandonado.

Não enxergava um passo adeante do nariz e entreguei as redeas e a direcção ao animal deixando-o seguir á vontade. Tudo jazia envolvido na mais densa e assustadora escuridão. Começava a chuva a cahir, engrossando lentamente.

Eis-me logo em frente a um clarão esbranquiçado, como num espelho a reflectir nas trevas, e que não posso á primeira vista certificar-me o que é, não tardando em reconhecer ser agua.

Um açude.

O animal entra alli e em poucos instantes notei estar em exercicio de natação, sahindo-lhe eu ao mesmo tempo pela garupa fóra!

Verdadeiro momento de desespero e afflição. Gritei por socorro agarrando-me agilmente á cauda do burro.

O eco do meus gritos repercutiu ao longe Felizmente apaguei pé, e tudo ha sucedido em menos tempo do que se gasta a relatar. D'ali a um momento estava salvo, e salvo por mim mesmo, devido sem duvida ao sangue frio que jámais se aparta de mim em occasões de perigo.

Achei-me pingando dos pés á cabeça e as botas e ealças es-

tavam enlameadas. Montei novamente e segui um caminho à esquerda que o intelligente animal conseguiu descobrir.

De todos os lados uma musica infernal dos *okijus*, unida ao sibilar do vento e os rugidos das feras, me pozeram na pior situação possível.

D'abi a um quarto de hora entro n'um cereado, apeio-me e percebo que estou nos fundos de um casebre onde tenho ouvido a voz da companheira. Estava ali a comitiva. Entreguei o animal ao camarada para desensilhar entrando para um pequeno commodo da casinha.

Contando o sucedido, é que vim a saber do que escapei.

12 de Abril. levantei-me cedo e fui por espirito de curiosidade examinar o tal açude.

Não havia que duvidar, escapara de boas.

Um passo ou uns rodadas mais á esquerda, cahiria em profundo atoleiro e não tendo quem m'acodisse ficaria n'ele sepultado para sempre como sim complementar de um caso imprevisto.

A's nove horas seguimos viagem e ás cinco da tarde cheguei á cidade de Monte Alegre. Como não havia hotel, procurei o rancho do sr. Modesto e para lá me dirigi. Tratei de mandar preparar a segunda refeição do dia, passando em palestra algumas horas com Saltina, que ainda se não sentia cansada por tão longa viagem.

13 de Abril, ás 7 e meia da manhã fui honrado com a visita do muito digno magistrado dr. Vincent e em seguida o capitalista e honrado cidadão coronel Antonio Villela de Andrade, para quem levava uma boa recommendação.

Depois do almoço visitei-os e percorri a pequena cidade que se acha oitocentos e poucos metros acima do nível do mar.

O dr. Vincent apresentou-me a algumas pessoas do logar e entre outras ao amavel negociante Vicente Meirelles, estabellecido no largo da Matriz.

Rosolvi passar este dia em Monte Alegre, para attender aos pedidos d'estes cavalheiros

Monte Alegre é uma pequena povoação e não encerra nada de notavel, mas como tantas outras ha conseguido chegar á cathegoria de cidade.

A 14 continuamos a viagem. Estava plenamente convencido que o actual guia era o peior de todos que tinha tido ao meu serviço. Além de mandrião, grande relaxado.

Fomos pernoitar d'ahi a seis leguas, em sitio arido e solitário como quasi sempre.

15 de Abril — Impacientei-me logo de manhã com o guia, pregando-lhe boa sarabanda apenas partimos.

O melcatefe fazia os animaes de carga irem em disparada adiante de mim, sem lhe dar cuidado o estado em que ficavam.

Ao chegar á beira d'um riacho avistei um jabirú de bico branco e fiz-lhe fogo, quebrando-lhe uma aza. Apeei-me, corri no seu encalço e prendio-o. Elle deu-me tremenda bicada na luna-ta que caiu sobre um lagedo fazendo-se em pedaços.

Soltei a ave indignado, pois por pouco que ficava com uma vista de menos !

Sem oculos, logo depois (creio que em rasão da myopia) levei grande trambulhão n'umas ypebas escorregadias, quebrando o cano da espingarda de encontro a outro lagedo.

Estava caipora não havia que ver. Montando a cavallo consegui novamente unir-me á caravana que ia em avanço.

A's 6 horas da tarde chegamos á freguezia de Santa Maria do Monte Alegre, o 59.^o pouso depois que sahi de Casa Branca.

Ahi encontrei um conhecido, o sr. E. Vasconcellos com quem tive boa prosa.

A 16 parti de Santa Maria às tres horas da tarde. Adiante duas leguas levantamos acampamento no rancho de um tal Eleodoro de Freitas.

Ao anoitecer este sujeito ao chegar do campo, veio ter conigo, oferecendo-me melhor agasalho na sua casinha a vinte passos do rancho. Dobrei a barraca e mandei o camarada conduzir todos os trens para lá, embora dissesse que ali tudo poderia ficar sem perigo.

A's sete horas tivemos a refeição que constou de abóbora ensopada, arroz e feijão. A nossa carne secca havia-se acabado.

A's 9 horas da noite o tal Eleodoro veio-me participar que precisava do commodo, para hospedar dois parentes. Fiz-lhe ver o inconveniente, mas não estando por isso disse-me que mandara já fazer uma boa cama sobre um carro de bois que estava no paoil. Bastante encommadado com o caso, mandei novamente o camarada reconduzir os trens para lá embora contra vontade do rancheiro.

Desconfiava da historia, mas como o viajante deve em todos os casos ser prudente, calei-me.

Forrado o carro com a barraca escondi debaixo do travessero a minha corrente e relogio de ouro, carteira com dinheiro e mais papeis de valor. Estava em terríveis colisões.

17 de Abril—Passei mal a noite. A's cinco e meia achava-me de pé e ao vestir-me dei por falta de trinta e dois mil réis e uma pedra de diamante que por esquecimento ficara no bolso das calças, penduradas nas ripas do paoil.

Tudo o mais que escondi sob o travessero parecia em ordem.

Fui portanto roubado durante a noite e agora ainda uma vez era necessaria a prudencia assim de tudo evitar.

Mandei o guia ensilhar os animaes e antes de partir paguei a despesa ao rancheiro.

Importou n'uma exorbitancia, oito mil réis, e tendo-lhe eu dado uma nota de dez para pagar-se, voltou-me o troco n'uma de dois nova que reconheci ser das que se achavam no meu bolso.

Não pude occultar mais a minha indignação e, dei-lhe um adens como quem diz que cedo virá o ajuste de contas.

O rancheiro embravece-se, toma a garrucha ao camarada e principia a cobrir-me de insultos. Na estrada passava uma comitiva que foi a minha salvação, partindo feliz ainda d'aquelle covil de ladrões e assassinos.

Uma legua adiante chegava á fazenda de um bom moço, por nome Theophilo, a quem contei o caso. Em seguida vim a saber que esse tal Eleodoro, é d'uma familia de criminosos residentes outr'ora em Passos.

Eleodoro tinha um irmão preso na cadeia de Uberaba, o qual depois de ter feito uma vítima, degolara-a ou a lançara ao fogo. A historia d'aquelle é tambem tristissima.

Que monstros, longe d'elles.

Feliz do que escapara, continuei a viagem e n'este dia venci nove leguas. Os animaes achavam-se magros, mas ainda fortes. Recebiam bom trato e duas e tres rações de milho diariamente.

A' 7 horas da noite chegamos a um campo deserto onde estavam arranchedados uns carreiros. Dei por falta da minha capa de borracha que vinha presa ao selim e que devia ter caido a pequena distancia.

Na vespera dormi sobre um carro, e agora tinha de passar

a noite debaixo de outro. Sobre elle dormiam as creances do carroceiro.

Pôde-se dizer que foi uma noite passada a *la belle etoile*. Ella estava porém muito linda, e nem uma nuvem manchava o espaço brilhantemente estrellado. O guia formando nma barreira com as cargas e canastras, deitara-se sobre um couro que lhe servia de colchão.

18 de Abril—Algum frio pela madrugada e leve orvalho invadiu o nosso tosco leito.

Ao romper da manhã mandei o rapaz procurar a capa de borracha que perdi na vespera e eu mesmo saltei ao largo campeando os animaes, que estavam peiados no costumado encosto.

D'ahi a uma hora estava tudo prompto para partirmos, mas pelo maldito caiporismo que me perseguia, quebrei a luneta derramando precipitadamente ao mesmo tempo uma immensidade de moedas de dez réis e vintens que estavam n'uma pequena caixa, e quando ia-mos a partir.

Parece que todas as moedas de 10 réis foram parar á provincia de Goyaz, pois que em troco mindo não se recebe outra. Entretanto no Rio e nas demais provincias onde elles tem desaparecido até mesmo os negociantes se recusam a recebel-as.

Depois de apanhado o cobre e descoberto no fundo de uma canasta outra luneta, a ultima que me restava, lá partimos salva a situação.

Seguindo a diante da comitiva surprehendi n'um matto, enorme bando de macacos em admiraveis exercicios gymnasticos, sobre os ramos das arvores.

Passava de trinta o numero d'esses animaes.

Saltina ainda chegou a tempo de os admirar, antes de se sumirem por entre as ramagens folhudas das arvores.

Continuando a viagem, ás 11 e 25' passamos pelo Cassú, onde está estabelecida a fabrica de tecidos de Borges & C.^a

Uma hora depois chegamos á Princeza do Sertão, Uberaba, a bella eidade do triangulo mineiro.

Estava felizmente em terra conhecida.

Já não era o mesmo que ali esteve seis mezes antes. Vinha cansado, queimado, emagrecido por sofrimentos que só pode avaliar aquelle que como eu os tem experimentado.

O leitor que se quizer dar ao encommodo de consultar o mappa do imperio conhecerá o itenerario que segui, ajuntando apenas d'esse ponto de partida até á volta ao mesmo ponto, a extensão de mais de trezentas leguas, percorridas e vencidas debaixo de um sol abrazador, de chuvas e trovoadas, ventos e relampagos, e por terrenos muitas vezes desertos, onde o viajante se sente exhausto pelas fadigas, perigos, e toda a sorte de contrariedades que o atormentam sem cessar.

Meia hora depois da minha chegada a Uberaba, procurei e visitei alguns amigos, que me deram noticias de algumas novidades locaes.

O *Waggon*, folha em que collaborei durante a minha estada ali, deixara de existir, para dar lugar ao *Filho do Poro*, do qual eram ainda redactores Paiva Teixeira e Manoel Filipe, duas bonitas cabeças e dois grandes corações.

O *Volitivo* augmentara de formato e sempre critico e chistoso continuava a apparecer sob a redacção dos distinctos e sympathicos jovens Lafayette de Toledo e Silverio Silva.

O *Volitivo* talvez que um dia passe a chamar-se *Tiradentes*,

taes são os artigos sobre liberdade que apresenta a seus leitores.

Tive d'esta vez o prazer de conhecer o redactor chefe do *Monitor Uberabense*, o illustre commendador Gomes da Silva, que havia chegado da capital depois da minha partida d'esta cidade. Era deputado provincial.

Vi-o em casa do conhecido promotor coronel Antonio Sampaio, tambem redactor da mesma folha.

Visitei depois a gente lá do alto, onde anteriormente tivera boas horas de fina prosa. Encontrei-me logo com o Tobias Rosa, redactor e proprietario da *Gazeta de Uberaba*. Dei-lhe um abraço. Depois o dr. Juventino Lima incontestavelmente uma das melhores penas que adornam a imprensa brazileira.

Se Lima abandonasse a modestia que tanto o destingue e buscasse honrar a imprensa da corte, com a originalidade de seus escriptos, ganharia sem duvida o mais glorioso renome, que outros inferiores tem alcançado.

Faltavam dois que não vi d'esta vez, o dr. Lodovice, eximidor e deputado provincial que em companhia do poeta Randolpho Fabrino e do major Senna, havia chegado dias antes de minha partida para o sertão e o dr. João Coetano, o espirituoso folhetinista e deputado geral.

Por aqui vê o leitor quão bem composta é a redacção da *Gazeta de Uberaba*.

No estabelecimento de Casa Branca & C.^a encontrei-me com o sympathico dr. Theodoro de Carvalho, distinto advogado, residente na Bagagem. Visitei depois o sympathico medico dr. Thomaz Ulhoa e ao anotecer voltara à casa onde estava hospedado, no fim da cidade.

A instancias de varios amigos resolvi passar mais dois ou tres dias ali e ordenei ao guia bom trato aos animaes.

Era um grande peralta este morrinhense e em lugar de executar as minhas ordens, entregava-se á vadiação.

A 29 de Abril, indo fazer um troco na casa de um acreditado negociante, dei uma nota de cincuenta mil réis, que mais tarde este m'a viuio cambiar por certificar-se de que a mesma sofrera um corte, que habil industrioso tira d'isso proveito, recabindo assim a causa sobre o desgraçado viajante, sujeito à culpa e até mesmo a afirmar-se ser um homem de bem, passador de moeda falsa.

Desconsio tel-a trazido de Goyaz envolvida com outras boas. Já n'aquelle capital tendo tido em minhas mãos uma semelhante me vira obrigado a ir trocal a na thesouraria geral, o que obtive.

No dia 22 de Abril parti pois de Uberaba, atravessando o Rio Grande e indo pernoitar na villa de Santa Rita do Paraiso.

23 de Abril—Às oito horas da manhã recebi uma carta escripta por não sei quem, mas assignada pelo Casa-Branca (...) A carta tornou a voltar do ponto do seu destino para o de partida com a precisa e urgente resposta.

Passei o resto do dia em Santa Rita, que é um arraial sem nada de notavel.

Encontrei-me de noite com um conhecido, o Antonio Moreira que ali estava tambem de passagem. Expuz-lhe os sofrimentos porque tinha passado, e elle pareceu comprehender os malles que muitas vezes perseguem um homem.

Pouco depois chegou ao hotel vizinho em que estava hospedado um sujeito vindo de Paracatú, que me disse entre outras cousas, terem duas pessoas ali recebido cartas minhas quando eu lhe affirmei serem falsas e não escriptas por mim. Per-

cebi então o caso e alliancei-lhe não serem as primeiras que aparecem n'essas condições, pois que em Goyaz recebi eu resposta de uma carta assignada com o meu nome e enviada d'ali para o meu amigo dr. Franco da Costa Pereira, residente em S. Paulo. A pilheria fôra arranjada segundo desconselho por um engraçado em Goyaz.

A 24 continuamos a viagem ás nove horas da manhã, unindo a minha caravana á do sr. Antonio Duarte, mais conhecido pelo Surdo da Bagagem, negociante de brilhantes, que seguia para a Corte.

Pousamos todos essa noite no engenho de uma fazendola devoluta.

À's 5 e 10' da manhã de 25 estavâmos de pé e a caminho da Franca.

Perto do pouso denominado Maria Xica, a besta velha ficou abandonada, porque o seu estado não permitti ir adiante.

Era a mesma que levei de Uberaba, que não queria passar o Paranahyba, a mesma que ao deixar Paracatu atirou com a carga ao chão, e a mesma finalmente que fugia a toda a hora e instantes quer nos encostos, nos pastos ou estradas !

Era a pobre da Caetana, que outr'ora se chamara Vieira, quando propriedade de Casa-Branca & C.º.

Dei pois um ultimo adeus á Caetana Vieira e continuei a viagem.

Ás 4 horas da tarde chegamos á Franca e pouco depois fui até o grande hotel Gaspar, onde passei em boa prosa o resto da tarde.

26 de Abril—Por conveniencias resolvi faltar este dia na Franca.

A 27 sahi da cidade, indo pousar na fazenda do amigo co-

ronel José Garcia Duarte, que pela segunda vez me recebeu com agrado e poz tudo á minha disposição. Completava n'esse dia um mez que parti da capital Goyana.

A 28 logo ao amanhecer continuei a viagem e ás 4 horas da tarde chegava a Batatães.

Passei mal a noite, não conseguindo pregar olho.

Ás 5 horas da manhã de 29 estava de pé, mas achava-me doente e mesmo bastante mal, sem que pudesse explicar o que sentia.

Quando por ali passei oito mezes antes ia sózinho, alegre e feliz; agora voltava como um velho, cabisbaixo, evitando distrações e immensamente torturado.

Eram os indomitos motejos da sorte.

Parti novamente ás 7 e 20 da manhã e ás tres horas da tarde atravessava o rio Pardo.

A passagem é feita em balsas.

Duas horas depois cheguei á Villa do Ribeirão Preto onde existia a estação terminal da estrada de ferro Mogyana.

Hospedei-me no hotel Carvalho, alugando uma pequena casinha para guardar toda a minha traquitanda de viagem. No dia primeiro de maio tomei o trem e parti para Casa Branca.

Uma vez n'esta cidade fui ao hotel Duas Nações e lá encontrei as minhas mallas intactas, coiso as havia deixado, e entretanto n'uma d'ellas haviam objectos de valor.

No trem da tarde do mesmo dia voltava ao Ribeirão Preto.

Meu irmão Ulrick Leal, ali se achava vindo do Rio de Janeiro com o fim de tomar ares e temporariamente viajar comigo.

Por motivos que não vem ao caso aqui expender, resolvi partir no dia seguinte novamente para a Franea.

Caprichos da sorte.

Quando no dia 2 de Maio cheguei ao anoitecer a Batataes, tomei parca refeição, descansei algumas horas e á meia noite seguimos viagem eu e um valente portuguez que me acompanhava. Quando cheguei á Franca no dia 3, eram 8 e 20 minutos da manhã.

No dia 4 ás 6 horas da tarde estava de volta ao Ribeirão Preto, tendo feito portanto trinta e duas leguas a vapor. Um cavallo ficára morto em Batataes. Teve o fim que todos nós temos.

No correio não encontrei cartas de meu pae em resposta ás minhas últimas.

Meu irmão dizia-me que elle estava a partir por causa de certos negocios para o interior da provincia do Rio, onde se demoraria um mez ou mais. Escrevi-lhe novamente mencionando outra direcção.

No dia 20 partimos d'allí em direcção ao S.O. de S. Paulo. Pernoitamos no arraial do Sertãozinho e no dia seguinte continuamos a viagem. A's duas horas da tarde passamos em canoas o rio Mogy-Guassu. Os animaes passaram a nado e por isso cobraram da passagem de cada um, quinhentos reis. Uma hora depois chegámos ao arraial das Pitangueiras, onde resolvi ficar alguns dias alugando uma casa.

Estava quasi a pé, porque os animaes que me restavam pareciam mais esqueletos ambulantes ou desfuntos-vivos, que outra cousa.

Os ultimos vendi-os para evitar despezas e encommodos. A viagem de Goyaz allí foi enorme.

Além de tudo estava agora sem guia effectivo porque o creancola que trouxe de Morrinhos dera para gatuno e malandro. e deu-me o prazer de deixar o meu serviço.

Agora um encontro nas Pitangueiras.

O leitor está certo provavelmente de um sujeito curandeiro e que ao eu sahir de Cajurú em viagem para Uberaba me ensinara o caminho á direita para certa fazenda. Pois eil-o alli, é o medico actual do lugar, o sr. dr. Quadros.

Elle é que se me deu a conhecer. Sempre era mais physionomista que eu.

No dia 25 chegou a esta povoação uma malta de cincuenta ciganos que andavam em negocios *a torto e a direito*.

Estáva acampada n'uma pequena vargem fóra da povoação. Triste sorte a d'estes desgraçados. A vida de um cigano tem paginas tristissimas.

Fui vel-os uma tarde na companhia de meu irmão Ulrick.

Perto d'uma grande barraca, o capitão chefe da companhia achava-se sentado sobre uma caixa descascando cana com um enorme facão.

Era um homem de boa estatura, pernas tortas, semblante pallido e esbranquiçado junto á testa, olhos desprovidos de pestanas e avermelhadas por uma blepharite chronica; os cabellos pretos sahiam-lhe em mechas corridas de um chapeu desabado e exquisito. O immundo vestuario correspondia á phisionomia; havia n'aquelle typo o quer que seja de aniquillador e vagabundo. Um palletot comprido e em desuso, esfarrapado nos cotovelos, deixando sahir das mangas umas mãos tisnadas, os dedos magros e nos quaes se mostrava uma particularidade bastante singular: o pollegar era mais comprido que o indice!

Perto de si achava-se a companheira deitada n'uma rede com as pernas á mostra, sem lhe dar cuidado quem se aproximava. Uns fusos comparados com aquellas pernas pareceriam obesos.

O todo era encimado por um rosto anguloso em cujo centro dominava como um mastro de barco, o mais comprido e o mais

agudo nariz que jamais se viu linceado em feição humana. Dois olhos obliquos de cor indecisa, jaziam no alto d'aquele estranho apendice. Junte-se a isto os modos de uma mulher entregue ao mundo sem lhe dar cuidado o que vai nem o que vem, sem luxo e ambição, e eis-a retratada *d'après nature*.

Apenas abriu a boceia para dizer-me adeus quando d'alli me retirei, dardojando seus olhares sobre mim.

Fóra das outras barraças havia ciganos e ciganas.

As mulheres cosiam, cosinhavam e embalavam os filhos; os homens, uns trabalhavam em pequenos mysteres, dois ferravam um burro e um cantava acompanhado pela viola de uma rapariga.

Esta companhia tinha escravos para o serviço de cosinha e contava numero regular de animaes. Disseram-me que ainda alli se não achava toda ella, pois que parte estava a chegar. Reunida excederia a cem o numero de ciganos.

Era a setima vez que eu encontrava nás minhas viagens essa raça nomada.

Depois de alguns momentos de contemplação voltei ao arraial.

Perto da casa em que residia havia uma taberna onde se tocava desde manhã até alta noite, uma maldita gaita de folles, e as arias antiquissimas nos feriam os ouvidos. Uma sucia de bebedos e vagabundos alli se reuniam entregues aos mais vis folguedos.

O taberneiro homem bastante rustico com sentido no luero da venda da cachaça, não tinha escrupulos nem negava entrada alli até mesmo ás prostitutas, e entretanto era casado e tinha filhas novas.

E chamavam a toda aquella algazarra, uma... *soirée!*

A ignorancia é, na verdade, o peior de todos os malles. N'este lugar haviam mulheres *loureiras*, cujos maridos *coitadinhos* parece-me que sabiam da cousa, mas como a festa lhes rendia fechavam os olhos e faziam-se tolos.

Não ha alli uma escola, nem cousa que se assemelhe. Do ensino o atrazo é completo.

Com pequenas exceções, quasi toda gente é bruta e dada á intriga. Uma caipirada a toda a prova para não usar de meios termos.

No dia 14 de junho parti pois d'este lugar em direcção a Araraquara ponto terminal da estrada de ferro Rio-Claro.

A's quatro horas da tarde passei pela villa do Jaboticabal, colocada em bonita colina e cercada de espessa matta virgem.

Pernoitei além d'allí meia legua.

15 de Junho — A's oito horas partimos. Eu e Saltina ia-mos diante da comitiva.

Do Jaboticabal a Araraquara a distancia é de onze leguas. Duas vezes por semana uma diligencia conduz passageiros de um para outro ponto. O terreno é bom e vê-se ora optimos campos nativos, ora explendidias e luxuriantes mattas virgens.

Pouzamos cinco léguas a quem do ponto de nosso destino.

No dia seguinte apoz excellente viagem cheguei ás seis horas da tarde a Araraquara hospedando-me n'uma chacara de onde se avistava toda a cidade. Meu irmão Ulrick Leal deixara a 17 a minha companhia e voltara ao Jaboticabal.

Araraquara é uma hoa localidade. Elevada á cathegoria de cidade o povo ou a camara municipal mostrou desejos que continuasse como villa e como tal é ainda a primeira da provincia de S. Paulo.

O largo da Cadeia é completamente fechado por predios regulares. Tem algumas ruas de terceira ordem.

Os melhores edificios particulares são realmente os do sr. Rodrigues, negociante alli estabelecido e o do major J. Pinto Ferraz.

Toma lugar saliente na cidade o primeiro por causa da respectiva torre, elegante e vistosa, conhecida pelo canudo do Rodrigues. Foi projectada a sua construcção nas vesperas da ultima passagem de Venus atravez do disco solar. Não sei, mas pôde muito bem ser, que haja alli algum discípulo de Flammarion, ou dedicado astronomo em estudo e vigia nas horas vagas...

Em Araraquara onde a agricultura é a principal manifestação, reparai bem que o povo é docil e benigno.

Quantas vezes no percurso d'esta longa e escabrosa viagem tive occasião de observar quão mal os municipios comprehendem a sua acção civilisadora. Ainda aqui o ultimo collegio acabava de fechar-se por falta de frequencia de alumnos, e nem um pequeno museo, nem um gabinete litterario! E jornaes quem falla n'issol!

A politica, sempre a triste e vergonhosa política de borra na frente de tudo.

Papalvos endinheirados que desconhecem inteiramente os pequeninos principios do partido a que pertencem.

Cá para mim parece-me que a politica é o lenitivo dos tolos ou d'aquelleas pobres de espirito que n'ella encontram o unico meio de se tornar salientes.

Assim é que em geral no Brazil um sujeito tendo alguns contos de reis faz-se *manda chura*, chefe de partido e é nomeado

official da guarda nacional ou recebe um titulo qualquer de alem mar.

Quando isto acontece o Zé povinho que nunca deixa de lançar a sua alfinetada, usa no ridiculo d'uma phrase, que pelo seu sentido pouco decente deixo aqui de mencionar.

Entretanto como é dever, lá começa o typo a ser tratado por *só coronê Mané Chico ou siô commendadô Tonico Nhonhozinho*. etc.

Esta porém não é a regra geral. Ha até mesmo no sertão homens bastante illustrados e livres pensadores.

No dia 18 procurei em sua casa o sympathico medico madeirense dr. Lino Cassianno Jardim compatriota de meu pai, que já me conhecia de nome e a quem apresentei meus respeitos e estimei a sua amizade. O dr. Jardim é homem de caracter distinto e como medico tem o mais invejavel nome. Dispondo de grande influencia local apresentou-me aos seus amigos, patenteando-me por esta forma a sua estima.

Visitei algumas fazendas importantes do municipio, e tive dias de falha nos bairros do Monjolo, Major A. Borba, Magalhães, Caetanos e Chibarro.

No dia 11 de Junho parti pela estrada de ferro para S. Paulo e por plausiveis motivos de saude, Saltina preferio alli ficar.

Voltei pois no dia 23 a Araraquara.

A 19 de Julho completava vinte e tres annos. A' noite fui a um espectaculo publico e indo de lá para o hotel com alguns rapazes, entregamo-nos até alta noite aos prazeres da gastronomia.

Esta vida é um sonho como disse Victor Hugo.

Houveram saudes, depois discursos e como se apresentasse

um viojão, principiaram as modinhas para complemento da or-
gia.

No dia 31 de Julho parti de Araraquara para Brotas e depois
por Dous-Corregos, cheguei ao Jahú.

O municipio do Jahú é importantissimo. As terras são de
uma fertilidade espantosa e por isso não admira que um su-
jeito qualquer, possuidor de escravos, à custa do suor d'eses
desgraçados, adquirá em pouco tempo uma boa fortuna.

A povoação é pequena mas bem alinhada. situada em uma
colina pouco elevada e conta uma sofrível praça, onde já
existe um theatro, construído por iniciativa popular. Honra pois
aos habitantes do Jahú.

Não é povo beato, nem amigo de cantigas de padres. A hos-
pitalidade constitue um dos caracteristicos que mais o distin-
gue. Ha sómente no alto da povoação uma spelunca que tem o
título de loja e bilhar pertencentes a um intrujão conhecido
por Nhonho Totonio Alves, onde sob apresidencia d'este
se fomentam intrigas e se armam laços contra os habitantes de
politica contraria do logar, como tive occasião de presenciar.

No dia 27 de Agosto recebi cartas do Rio, em que me noti-
ciaram que meu tio Augusto C. Guimarães e familia, haviam
voltado á corte, de uma viagem de recreio que fizeram a Mon-
tevideo e Buenos-Ayres.

Meu pae pedia-me ainda mais uma vez, que voltasse por al-
guns dias ao seio da familia, e resolvendo repentinamente, parti
pois do Jahú para Brotas, chegando a S. Paulo no dia 29 de
Agosto ás tres e meia da tarde.

As cidades do Rio Claro, Limeira e S. Carlos do Pinhal, onde
de passagem tenho estado, são pontos da estrada de ferro Rio

Claro, formando o ramal de Brotas pelo qual fui ter à capital.

Uma vez em S. Paulo, dirigi-me ao hotel de França, e ahí deram-me um bom aposento, esquecendo já todos os martyrios d'esta longa e penosa viagem. Ali encontrei uma cama tão macia e fofo, que não tinha semelhança alguma ás que tive em viagem. Foi então que recordando-me de tudo, lembrei-me ter dormido, ora em rede, sobre mesas, bancos, canastras, couros, espigas de milho, ora mesmo sobre o solo exposto ao vento e á chuva, também sobre carros de bois e até mesmo uma vez n'um improvisado poleiro de gallinhas tive o meu leito.

Depois do jantar vim a saber pelas folhas diárias, que no theatro S. José representava-se as *Mil e uma noites*, e como tinha um amigo que instava para ir na sua companhia, fiz-lhe a vontade, se bem que já tivesse assistido a trinta e tantas representações d'essa peça no Santa Anna da Corte.

No meio de um turbilhão de rapazes alegres que ali estava, do madamismo em luxuoso *toulete*, do reflexo brilhante de tantos lumes, eu sentia-me reviver; esquecia a vida sertaneja, os sofrimentos que tanto me mortificaram, dos quaes este livro é uma pallida recordação; lembrei-me que breve estaria ao lado dos meus parentes e amigos e no *grand monde* fluminense. Quanta felicidade!

Tinha terminado o ultimo acto, e n'um momento em que rombia a corrente de povo no xaguão do theatro, eis que um amigo e ex-collega de estudos o dr. Rodolfo Beltram, cerca-me com um abraço de satisfação, ao vér-me apoz tres annos de separação.

Fomos logo d'ali ao café de Java e recolhemos-nos a um salão reservado, onde outro amigo nos foi fazer companhia.

Este é nada mais e nada menos do que o celebre engenheiro francez, que se apresentou com o naturalista, na tal fazenda além da cidade da França.

Já me havia ido procurar ao hotel, pois sabia da minha chegada por um jornal da tarde.

Repletos de alegria entregamos-nos à viva e animada palestra até que este amigo recordando-se do que soubera, perguntou-me qual o fim que tinha levado a minha companheira de viagem ao que lhe respondi repetindo-lhe estes versos:

Tenho saudades dos campos goyanos
D'essa vida linda, boa e feliz,
Tenho saudades de todos de tudo
Que longe deixei no teu paiz.

Como é bella a Formosa, terra tua
Onde a infancia descuidosa passaste,
Que lindos esses campos solitarios
Que doces canções que tu cantaste.

E que sou eu, aqui onde estou?
Morreste, fugiste, sosinho fiquei,
Embora me vou pr'as terras do norte
Qual ave sem ninho, eu sempre serei.

Chegou finalmente o dia do luto
Dos cantos e prantos das dores e ais;

Aqui um sepulcro de crepe coberto.
Alli mais abaixo teus restos mortaes.

—E' mortal exclamou o meu ex-companheiro de viagem.
—Sim! respondi. Sucedeu-lhe o mesmo que a todas morreu,
sumindo-se para sempre das minhas vistas.

Quando a conheci na sua terra lá no meio de pavorosos desertos e sertões, perguntei-lhe se queria vir na minha companhia, respondeu-me que sim, que desejava ver e conhecer o mundo e com elle o progresso; fiz-lhe a vontade, soffri por ella, mas a sorte é que inicia os actos da vida.

Foi-se para sempre, não mais tornarei a vel-a!

Se lhe não mandei resar uma missa por alma, é porque nunca me envolvi em semelhante *patacuada*...

.....
.....

A 31 de Agosto deixava a Paulicéa partindo ás seis damanhã no expresso do norte.

Em todas as estações vi amigos e conhecidos.

Em Mogy o dr. Mattos, em Jacaragy o Fonseca, em Caçapava o Feliciano de Godoy, em Tambaté o Marcondes e o Magalhães, em Pindamonhangaba o José Irmão, em Guaratinguetá o commendador Guerra, meu caro amigo que ia também para a Corte, em Lorena o Monte Claro e Alf Cândido Leite, em Resende o dr. Carlos Bittencourt, na Barra Mansa, o meu sympathico Leopoldino d'Aarella, fazendeiro em Minas que segundo me disse ahi viera tratar de negocios, e finalmente na Barra do Pirahy o meu particular amigo Rolino Batifole que me esperava que me acompanhou até à Corte onde chegamos ás 7 horas da noite.

De surpresa entrei pela casa dentro do meu pai, e fui encontrar-o escrevendo-me uma carta que ia remetter para o Jahu, quando alli me tinha junto de si, tão e salvo como um pero.

Mudei de fato, jantei, e às 9 horas da noite estava com o meu sympathico primo Bento de Macedo, o grande *dandy*, o Boccaccio de bigodinho louro e fomos juntos até ao Polytheama, depois à *Maison Moderne* e enquanto cahiam em viva palestra, eu devorava duas duzias de ostras cruas e alguns sandwichs.

De vez em quando não me faltava quem me viesse interromper com abraços e parabens pelo feliz regresso. Alli estava o dr. Oscar Gradim meu chará e amigo, Batifole e muitos outros *bons vivants*.

Sentia-me viver finalmente, lamento quanto hei sofrido, mas de coração declaro que assim mesmo tenho saudades da vida sertaneja.

No dia seguinte fui a casa de meus parentes abraçar a todos, e porque me considero muito feliz, por ter conseguido visitar o coração d'este bello paiz, sem ser naturalista, ou empregado do governo, nem tão pouco anthomato, sujeito ás danças políticas, mas simplesmente ajudado pelo melhor de todos os cargos, isto é, a minha profissão, aqui faço ponto final.

FIM

EXTENSÃO PERCORRIDA

Do Rio a S. Paulo.....	96	leguas
S. Paulo a Casa Branca.....	50	"
Casa Branca a Uberaba.....	63	"
Uberaba a Paracatú	66	"
Paracatú a Formosa.....	40	"
Formosa a Goyaz.....	66	"
Goyaz a Uberaba.....	110	"
Uberaba a Ribeirão Preto.....	36	"
Ribeirão Preto a Araraquara.....	25	"
Araraquara a Jahu (por Brotas).....	28	"
Jahu a S. Paulo.....	70	"
S. Paulo à Corte.....	96	"
	<hr/>	
	748	"

Sendo :

A cavalo.....	406
Estrada de ferro.....	306
De trolley.....	24
A pé.....	9
Canoa	3
	<hr/>
	748

PALAVRAS INDÍGENAS ENCONTRADAS NO PRESENTE VOLUME

Arabé — barata, insecto.
Aratuba — horizonte.
Arapuca — alcapão.
Araguaya — rio.
Caa-éte — bosque.
Caoi — aguardente,
Coem-mirim — ao romper da
manhã.
Copé-coty — á traição.
Cuyanara — coruja.
Cabuiba — balsamo.
Guarama — arbusto.
Guyra — passaro em geral.
Hirara — gato selvagem.
Iby'Cuy-tyba — areial.
Ibi-peba — planice.
Igara — canoa.
Ipéba — chato.
Itycara — pescador.
Ita — pedra.
Icoara — mundo.
Imombykipyra — prostituta.
Jararaca — cobra.
Jararacussú — idem.
Jaguar — onça.
Jaty — abélha.
Jabirú — ave aquatica.
Jacy — estrella.

Jukyra — sol.
Jacumá — leme.
Jacurutu — ave notivaga.
Jakirana — cigarra.
Japabóca — partida.
Jatioca — carrapatu.
Jatiumi — mosca.
Kicaba — rede de dormir.
Monduçara — ladrão.
Okyjú — grilo.
Picajé-eatu — alta noite.
Sueury — cobra.
Taba — aldeia.
Taóca — formiga.
Tayacúba — vasilha.
Tembiu-oçú — banquete.
Tucuras — gafanhotos.
Uipuba — farinha.
Urutu — serpente.
Yg-coára — fonte, nascente.
Yg-tu — eachoeira.
Yagaçápaba — ponte.
Ygarapé — rio.
Yby-coara — sepultura.
Ygarapé-mirim — riacho.
Ybytigoará — valle.
Ybytyra — monte.
Ypaba — lago.

ERRATAS

Durante a publicação d'esta obra, alguns erros escaparam á revisão, mas como sāo de somenos importancia, o leitor poderá facilmente, por si mesmo corrigil-os.

U. C. BERKELEY LIBRARIES



C087756220

